





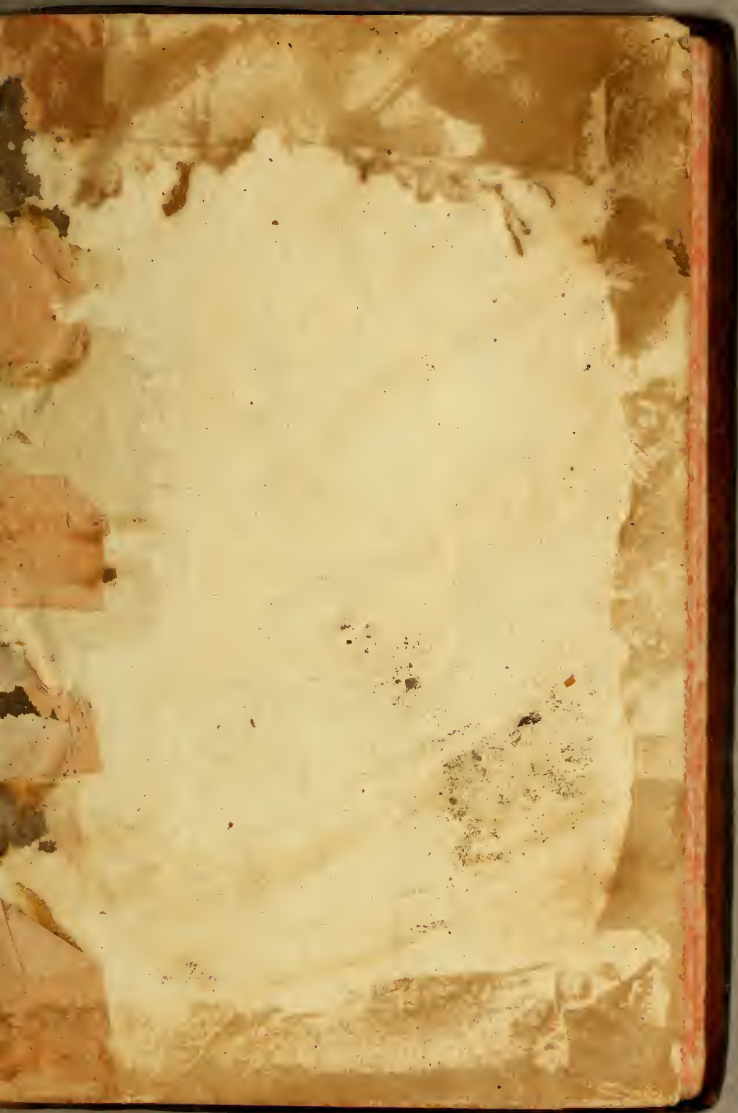
John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library

Brown University

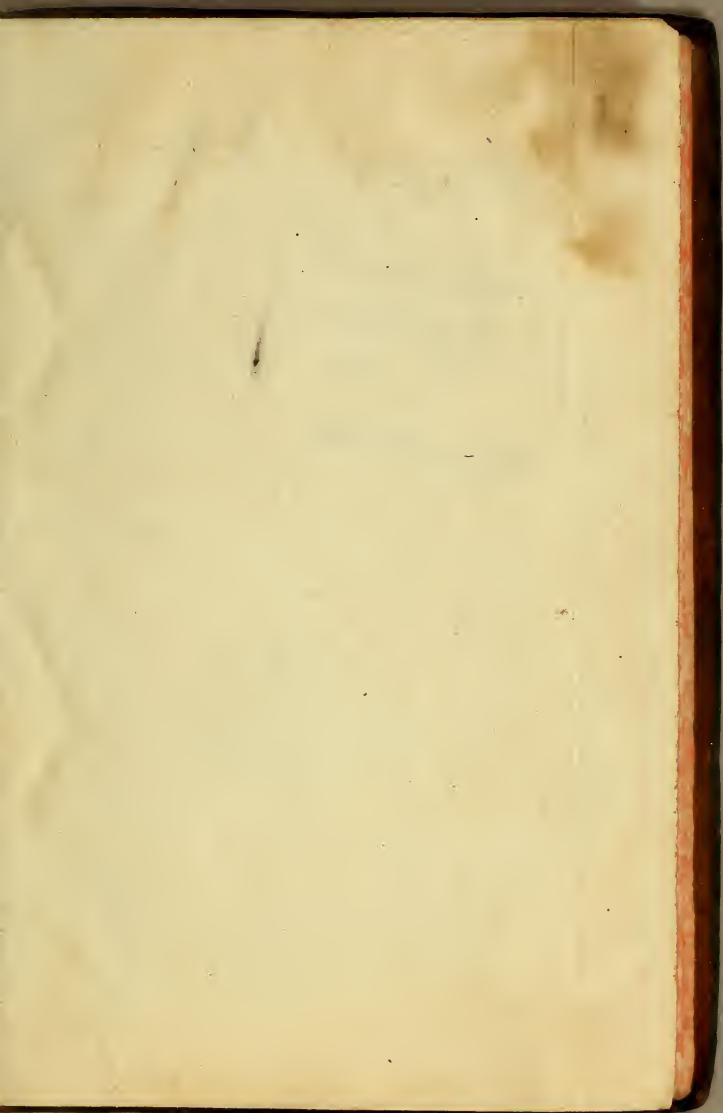
Purchased from the

Louisa D. Sharpe Metcalf Fund





John Carter Brown
Library
Brown University

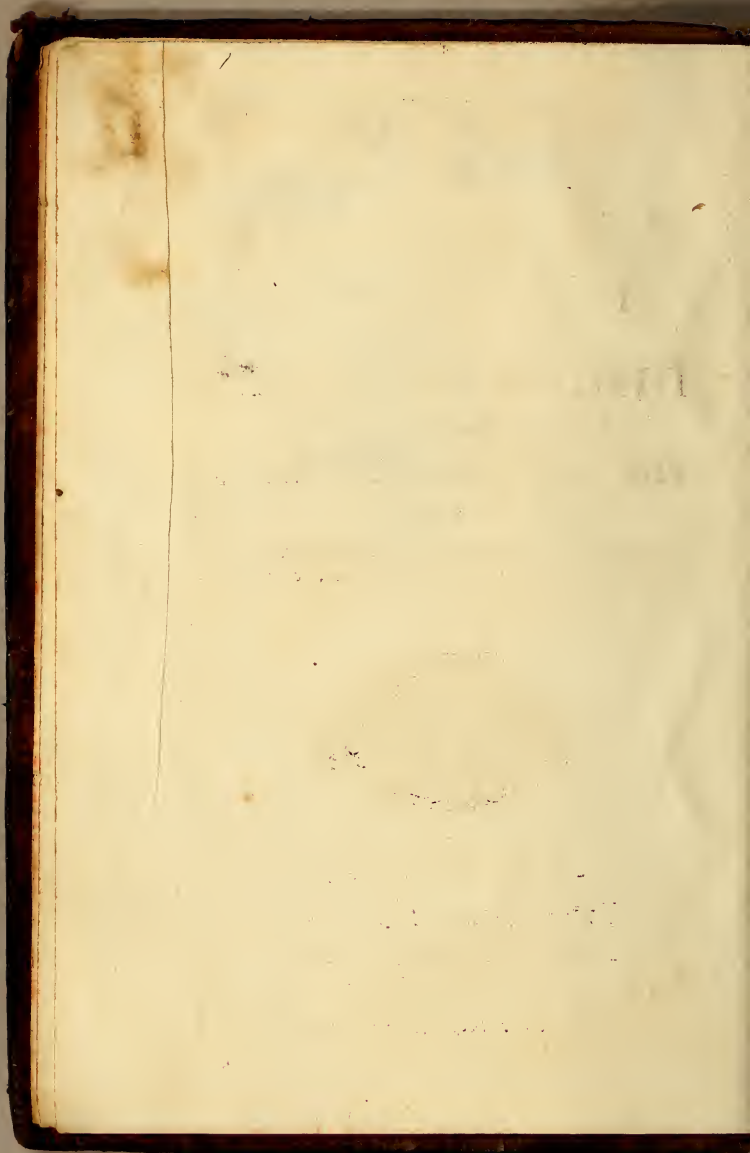


352/47632

Porto Alegre
B.H. Brasil
I, 240

Y.B.37 #2026

WZ



REFLEXOENS
SOBRE
A VAIDADE
DOS HOMENS
OU
DISCURSOS MORAES

Sobre os effeitos da Vaidade,
POR MATHIAS AIRES RAMOS
DA SILVA DE EÇA.

Terceira Edição, correcta, emendada, e augmentada com huma Carta sobre a Fortuna, composta pelo mesmo Author.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA:

MDCCLXXVIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

REFLEXIONS

SOUS

AVAILADE

DOS HOMENS

ou

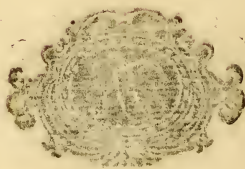
DISCURSOS MORAES

de J. J. Rousseau

por NATHANIEL BARNES

DE ST. LOUIS

Tradução de J. J. Rousseau, com o original de J. J. Rousseau, e com o original de J. J. Rousseau, e com o original de J. J. Rousseau.



LISBOA

TYPOGRAPHIA KOLLARIANA

—————

MDCCLXXVII

Em Lisboa na Rua da Mouraria

RPJL

DISCURSO

DO EDITOR

Sobre a utilidade desta obra.

A Mais funesta paixão da
 nossa alma, que ataca, e per-
 turba a cabeça do homem,
 offusca o iêo entendimento,
 inflamma o sangue, e faz com
 que o homem se esqueça do
 vil e desprezível nada de que
 foi formado, se não conhe-
 ça, não conheça aos seus
 iguaes, arreбата-o, e o preci-
 pita em maiores desatinos, he
 a desagradavel, medonha, in-
 * ii quie,

quieta , e peccaminosa vaidade. O homem possuido de vaidade , nenhuma outra cousa faz do que ensoberbecer-se , e levar-se ao cume da mais desenfreada altivez e preumpção. Ambiciona tudo quanto vê nos mais. Julga-se superior aos outros. A todos despreza , mófa de todos. Não ha defeitos por leves que sejam , que os não pinte , e adereffe com as mais terribes , e espantosas cores de maldade. A mesma virtude , a Nobreza , e a sciencia que vê resplandecer nos outros , são para elle ridicularias , nada , de que não faz caso. Só elle
tu-

tudo póde , só elle apetece tudo. Tristes mortaes , que estrago não faz em vós esta mortifera e contaminada elevação ! Ainda haverá quem se fie de tão contagiosa paixão ? Ainda haverá quem figa os seus enganosos , e desaffocgados encantos ? E não há quem te conheça , quem abata a vossa soberba , quem apague o voraz , e ateado fogo das perversas desordens a que arrojás o vaidoso ?

Todos os dias , a toda a hora , sempre achão os homens fortissimos exemplos do desaffocego , da inquietação , e tristes , e melancolicas consequências.

sequencias que accompanhaõ
ao vaidoso. Na verdade se os
homens pensassem que os ta-
lentos , que as brilhantes qua-
lidades com que a natureza
prodigamente ornou o seu es-
pirito , a todos ou mais , ou
menos foraõ concedidos ; que
estes a proporçaõ dos traba-
lhos , dos frequentes exerci-
cios , das avezadas applica-
çoens , do methodo , do gos-
to , do conhecimento proprio,
e do amor dos Principes se
pulem , se aperfeiçoão , se au-
gmentaõ : estou certo que a
ninguem affomaria a cabeça a
opiniaõ , ou o conceito de
que elle era o melhor de to-
do.

dos. Todos se despreoccupa-
rão da vaidade.

Releva para que o ho-
mem evite este tão terrivel
defeito, que faça huma séria
e filosofica reflexão sobre as
couzas deste mundo; as co-
nheça como ellas são em si,
môse dos seos ardilosos e fan-
tasticos apêtites, tema os seos
encantes. Porém debalde tra-
balharia o homem em querer
arrancar de si hum habito que
a má educacão tem encaneci-
do. Da educacão nascem to-
das as boas ou más manhas.
Esta só he capaz de poder
criar em nós hum sólido e
permanente gosto, hum ver-
da-

dadeiro conhecimento proprio. Que extravagantes, e monstruosas ideas não carregão a cabeça daquelle que a nobreza tem distincto do commum dos homens. Este devendo educar seus filhos, mostrando-lhes que a natureza he a mesma, que os homens são iguaes, que a estimação he que faz com que elles estejão em maior, ou menor grão; que as suas boas, ou más acçoens, a sua virtude, a generosidade, a humanidade, hum fallar benigno e affavel, são os unicos caracteres que os podem affastar do vulgar, e elevalllos ao cume da mais fo-

solida grandeza ; pelo contrario o que lhes introduz , são quimericas , e imaginaveis memorias de antigos Solares , presumpção , soberba , orgulho ; defenterra carunchosos papeis , onde lhes mostra pintados os feitos dos antigos progenitores de que procedem , não como acçoens uteis , e proveitosas á humanidade ; porém como grandes e differentes das dos mais homens. Estas , são estas reflexoens que o nutrem. Olha com desprezo para aquelle que começou depois. Finalmente a maior parte dos homens se endeodezaõ com as honras , com as dignidades e com

com os mesmos talentos ; e estes em lugar de os tornarem melhores , os habituaõ peiores. Que triste e feio espectáculo ! Quaõ miseravel he a condiçaõ dos homens ! Até quando se haõ de conhecer !

Naõ se póde dizer delles o que Plinio louvou em Trajano , que *a fortuna nada havia mudado nelle*. Quaõ admiravel sentença nos naõ dá aquelle famoso Principe da Lacedemonia , quando disse : *Que o elevado lugar em que estava o naõ honrava , mas elle ao lugar*. Estas são as verdadeiras idéas que devem occupar o entendimento dos homens ;
afaf-

afastarem de si estas fantasmas
que tanto os oprimem. Nas
féras só a grandeza, a força, a
valentia tem lugar. Nos ho-
mens a humanidade e amor
dos seus iguaes. Não só a Re-
legião pede isto, a politica tam-
bém o pede.

Maxima certa; nenhuma
coisa neste mundo de si he
sólida e permanente. Nenhuma
coisa principiou no grão
em que hoje a vemos: aquelle
accesso, aquella estimação
que os homens lhes dão; eis-
aqui o que humilha, ou aba-
te. Tudo o mais he quiméra.
São estas pequenas exhalac-
ções que da terra se levan-
taõ,

taõ , que vendo-se , amedrentaõ , e affustaõ , examinadas não he nada ; subtis e humildes vapores são os seus principios.

Mas hum abyfmo chama por outro abyfmo. Se se reprova hum vicio , outro surge. De boa vontade antes se soffreria aquelle que firma a sua vaidade em algum principio , ainda que pouco sólido , ao menos aparente ; porém aquelle que só em fantasia sustenta toda a sua elevação , he digno de censura, he indigno da sociedade dos homens. Todos os membros da sociedade devem concorrer a unirem-se , a animar-

marem-se , e a formarem-se
uteis para que tudo lhes seja
proveitoso. E como poderá
ser util á sociedade , aquelle
homem que presumido de sá-
bio , nada lhe faz que lhe con-
venha , mófa dos seus iguaes,
com huns poucos de titulos
de livros engastados na cabe-
ça , repitindo algumas passa-
gens que á noite estudou , fal-
lando muito latim , ferindo
com agudo e damnado dente
no mais vivo da honra dos
outros , tudo satyriza , as mais
interessantes doutrinas mascara
com o ridiculo véo de pouco
sólidas e verdadeiras ; e quan-
do se vê corrido e envergo-
nha-

nhado de ficar vencido, blasfema taxando a quem o ataca com a infame nota de hereje. Querendo muitas vezes ficar antes atolado em ridiculas superstiçoens, do que em aclarar a verdade. Tanto mal faz a vaidade!

Outros cheios de vaidade de que já sabem tudo, antes querem ficar na cegueira com que principiaraõ, do que se lhes diga; *que vieraõ outros depois que emendaraõ os seus erros, que conbeceraõ os caminhos trilhados por tantos Mestres insignes, e que por elles foraõ despresados, e que em lugar de buscar a estrada lim-*

limpa, e segura, procurarão
 serras talhadas a pique, e de-
 penduradas; onde em lugar de
 encontrar o que lhes convinha,
 acharão confusão, precipicio, e
 a mesma morte. Nada escapa
 ao vaidoso. Nos mesmos lu-
 gares sagrados, onde se deve
 ensinar a moral sólida e ver-
 dadeira; onde se não deve pu-
 blicar mais do que a Reli-
 gião; o vaidoso ostenta tudo
 quanto sabe, passa á fallar de-
 senfreadamente, muitas vezes
 ainda sobre interesses particu-
 lares, authoridades, jurisdic-
 ções, governos, escolas,
 systemas, pessoas; finalmente
 fazem da cadeira da verdade
 hum

hum campo de peleja , huma praça de negocio , erro que os Monarcas como summos Imperantes , cuja authoridade lhes proveio immediatamente de Deos , e nos seus Estados não conhecem outro algum superior , senão a Deos ; como Protectores da Igreja , e Defensores dos Canones devem atalhar , e emendar. E para que he esta desordem ? Porque causa se intrincheirão com este armamento ? Para terem o nome vão de Sabios , de Virtuosos , de Religiosos. Para iludirem ao povo desapercebido com estas fantasmas. Taõ orgulhosa he a vaidade !

Ef-

Este terrivel contagio a todos inficiona. Não ha sexo, não ha condiçãõ, não ha idade, não ha dignidade, a quem não tóque este pestifero veneno. Mas que felices, e bem aventurados sãõ aquelles que sahem sãos, e salvos de tão tormentoso naufragio. Que socego? Que quietação não experimentaõ? Só fallaõ para educarem. Escrevem sô para utilidade. A pura e liza verdade he o unico alvo a que dirigem todos os seus cuidados e disvêlos.

Mas este tão encanecido e tamanho mal, que traz a sua origem da educação, não
 ** he

he incuravel. No principio todos os males se atalhão , e a mesma morte se desterra ; porém se se deixaõ inveterar e introduzir nos corpos , nem o mesmo fogo e ferro (que ás vezes he remedio) lhes serve , o fim só he a morte. Os pequenos castigos dados nos principios fazem com que os réos mudem de vida , porém se os Magistrados não olhaõ para elles , e os deixaõ correr seu curso , ao depois só a força expia estas culpas , privaõ-se homens do serviço da Republica , que lhe poderiaõ ser uteis. Assim no principio se remedeiaõ todos os males , e
se

se pódem de males tornar em bens. E como este vicio a todos accompanha , he preciso que haja remedio que todos os dias possaõ tomar e considerar.

Sabiamente , Mathias Aires Ramos da Silva de Eça , Author destas reflexoens , as compuz , onde intentou arrancar vicios arreigados com annos , confirmados com posse , effeitos quasi naturaes como costume. Nesta obra tudo concorre a aperfeiçoar , e a purificar os homens ; nella acharão todos hum sal que os preserva da corrupção do mundo ; hum antidoto contra o vene-

no da vaidade. A importancia da obra não a devo louvar, para que se não presume que a elogio para ter gasto; quem lêr com sério cuidado, achará que foi bem justa e necessaria a idéa que tive de a reimprimir, tiralla do escuro esquecimento em que jazia, e de quanta utilidade he para os homens. Mal continuado, necessita continuado remedio.

Os Pais de Familias devem pensar sériamente nestas reflexoens para evitarem os defeitos que ellas censurão, e para introduzirem estas maximas em seus filhos, para que juntamente com o leite bebaõ
taõ

taõ solidas doutrinas. O nome do Author he affaz conhecido na Republica das letras. Esta naõ he das mais famosas obras que elle compuz, noticia temos de outras, cuja falta nos faz faudade; porẽm o tempo que tudo eſtraga, ou as confumio, ou quem as tem, nos quer roubar eſtes taõ importantes monumentos, e juntamente quer tirar a gloria ao Author que ſe adora pelo grande nome que teve e tem. Naõ querendo pois que a eſta ſucceſſe o meſmo, a quiz publicar. Creio que a ſua liçaõ ſerá agradavel, e aceita pela fraze, pela modestia, pela verdade e ſciencia

cia com que está escrita ; servirá de utilidade aos homens, os desabuzará , e emendará os costumes ; fará abraçar a verdade , e criará nos feos animos hum aborricimento ao mundo , aos feos appetites.

Estas são aquellas obras que devem andar nas mãos de todos ; porque nestas achão com que se aperfeiçoem ; não introduzem idéas extravagantes, nem quimericas ; não fomentão superstições , e fantasmas. Hum Sabio Governo (como o nosso) deve ter summo cuidado em que ainda o mesmo povo lêia por livros em que os homens se pulem , não por aquel-

aquelles que lhes embotem os sentidos , que lhes enchaõ a cabeça de immensas Superstições , de doutrinas subtis, corruptas , e extravagantes ; nas quaes a verdade está mascarada, envolta em superfluidade, e enovelada com tantas difficuldades e systemas , que passaõ até fazer a nossa Religiaõ pezada e insoportavel , quando ella he bem suave , e brilhante , como diz sabiamente Cicero que *convem ao Sabio afastar a superstição da Religiaõ.*

Todo aquelle livro que trata de Religiaõ, e estiver afastado da verdade, da moral, e do sólido , e que não figa a primitiva Igreja, a Tradição, os Padres, a

Ef-

Escritura, e os verdadeiros Canones dos Concilios, e sómente estiver recheado de opinioens aerias, subtilezas, subterfugios, deve ser condemnado a hum total desterro, e esquecimento. Nos outros deve-se buscar a verdade, a origem das cousas, a critica, finalmente de qualquer qualidade que sejaõ, devem ter por baliza a verdade. O corpo dos Sabios da Republica não devem soffrer assumtos que não sejaõ proveitosos. Este he o desejo que tenho com as minhas reimpressoens, não he a vaidade, ou a ambição que me conduz, he o amor de ser util aos Portuguezes, de quem estou quasi compatriota.

PRO-

PROLOGO

DO AUTHOR.

EU que disse mal das vaidades , vim a cahir na de ser Author : verdade he que a maior parte destas Reflexoens escrevi sem ter o pensamento naquella vaidade ; houve quem a suscitou , mas confesso que consenti sem repugnancia, e depois quando quiz retroceder , não era tempo , nem pude conseguir o ser Anonimo. Foi preciso pôr o meu nome neste livro , e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confis-

fifsaõ da culpa costuma fazer
menor a pena.

Naõ he só nesta parte em
que sou reprehensivel: he pe-
queno este volume, mas póde
servir de campo largo a huma
censura dilatada. Huns haõ de
dizer que o estilo oratorio, e
cheio de figuras, era improprio
na materia; outros haõ de achar
que as descripçoens, com que
às vezes me afaço do sujeito,
eraõ naturaes em verso, e naõ
em prosa; outros diraõ que os
conceitos naõ saõ justos, e que
alguns já foraõ ditos; finalmen-
te outros haõ de reparar que af-
fectei nas expressoens alguns
termos desusados, e estrangei-
ros. Bem sei que contra o que
eu

eū disse , hã muito que dizer ;
mas he taõ natural nos homens
a defeza , que nã posso passar
sem advertir , que se os concei-
tos neste livro nã sã justos, he
porque em certo genero de dis-
cursos , estes nã se devem to-
mar rigorosamente pelo que as
palavras soã , nem em toda a
extensã , ou significaçã del-
las. Se os mesmos conceitos se
achaõ ditos , que haverá que
nunca o fosse ? E além disto os
primeiros principios , ou as pri-
meiras verdades , sã de todos ,
nem pertencem mais a quem as
disse antes , do que á aquelles
que as differaõ depois. Se o es-
tilo he improprio , tambem pó-
de ponderar-se que no modo de
es-

escrever ; ás vezes se encontraõ humas taes imperfeiçãoens , que tem não sei que gala , e brio : a observancia das regras nem sempre he prova da bondade do livro ; muitos escreveraõ exactamente , e segundo os preceitos da arte , mas nem por isso o que diffieraõ foi mais seguido , ou aprovado : a arte leva comfigo huma especie de rudeza , a formosura attrahe só por si , e não pela sua regularidade , desta fa-
be afastar-se a natureza , e entaõ he que se esforça , e produz cousas admiraveis ; do fugir das proporçãoens , e das medidas , resulta muitas vezes huma fantasia tosca , e impolida , mas brilhante , e forte. Nada disto pre-
su-

fumo se ache aqui; o que disse, foi para mostrar, que ainda em hum estilo improprio se póde achar alguma propriedade feliz, e agradavel.

Escrevi das vaidades, mais para instrucção minha, que para doutrina dos outros, mais para distinguir as minhas paixões, que para que os outros distinguão as suas; por isso quiz de alguma fórte pintar as vaidades com cores lisonjeiras, e que as fizessem menos horriveis, e sombrias, e por consequencia menos fugitivas da minha lembrança, e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas Reflexões hum livro, já me não posso

posso emendar por esta vez, senão com prometter, que não hei de fazer outro; e esta promessa entro a cumprir já, porque em virtude della ficaõ de logo supprimidas as traduçoens de Quinto Curcio, e de Lucano. As acçoens de Alexandre, e Cesar, que estavaõ brevemente para sahir á luz no idioma Portuguez, ficaõ reservadas para serem obras posthumas, e talvez que entãõ sejaõ bem aceitas; porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de hum morto: se bem que pouco vale hum livro; quando para merecer algum suffragio, necessita que primeiro morra o seu Author; e com effeito he
cer-

certo que entã o applauso nã
procede de justiça , mas vem
por compaixã , e lastima.

Nã me obrigo porẽm a que
(vivendo quasi retirado) deixe
de occupar o tempo em escre-
ver em outra lingua ; e ainda
que a vulgar he hum thesouro ,
que contẽm riqueza immensa
para quem se soubesse servir
della , com tudo nã sei que fa-
talidades me tem feito olhar
com susto , e deiãgrado para tu-
do quanto nasceo comigo : alẽm
disto , as letras parece que tem
mais fortuna , quando estã se-
paradas do lugar em que nasce-
rã ; a mudança da linguagem
he como huma arvore que se
transplanta , nã sã para fruc-
ti-

xxxii

tificar melhor , mas tambem
para ter abrigo.

Vale.

*Vanitas vanitatum , & omnia va-
nitas. Eccl. cap. 1. vers. 2.*



RE-



REFLEXOENS

SOBRE A VAIDADE

dos homens.

SENDO o termo da vida limitado, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais, do que nós mesmos, e se introduz nos apparatos ultimos da morte. Que maior prova, do que a fabrica de hum elevado mausoleo? No silencio de huma urna depositaõ os homens as suas memorias, para com a fé dos marmores fazerem seus nomes immortaes: querem que a sumptuosidade do tumulo sirva de inspirar veneração, como se fossem reliquias as suas cinzas, e que corra por conta dos jaspes a continuação do respeito.

A

Que

Que frivolo cuidado ! Esse triste resto daquillo , que foi homem , ja parece hum idolo collocado em hum breve , mas soberbo domicilio , que a vaidade edificou para habitação de huma cinza fria , e desta declara a inscripção o nome , e a grandeza. A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.

Vivemos com vaidade , e com vaidade morremos ; arrancando os ultimos suspiros , estamos dispondo a nossa pompa funebre , como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para occupação : nessa hora , em que estamos para deixar o mundo , ou em que o mundo está para nos deixar , entramos a compor , e a ordenar o nosso acompanhamento , e assistência funeral ; e com vangloria anticipada nos pomos a antever aquella cerimonia , a que chamaõ as Naçoens ultimas honras , devendo antes chamallas vaidades ultimas. Queremos , que em cada hum de nós se entregue á terra com solemnidade , e fausto , outra infeliz porção de
ter-

Sobre a vaidade dos homens. 3

terra: tributo inexoravel! A vaidade no meio da agonia nos faz laborear a ostentação de hum luxo, que nos he posterior, e nos faz sensiveis as attenções, que haõ de dirigir-se á nossa insensibilidade. Transportamos para o tempo da vida aquella vaidade, de que naõ podemos ser capazes depois da morte: nisto he piedosa comnosco a vaidade: porque em instantes cheios de dor, e de amargura, naõ nos desampara; antes nas disposições de huma pompa funebre, dá ao nosso cuidado huma applicação, ainda que triste, e faz com que divertido, e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar viltoza a nossa mesma morte, e luzida a nossa mesma sombra.

De todas as paixões, a que mais se esconde, he a vaidade; e se esconde de tal sorte, que a si mesma se occulta, e ignora: ainda as acções mais pias nascem muitas vezes de huma vaidade mystica, que quem a tem, naõ a conhece, nem distingue: a satisfação propria, que a alma recebe, he como hum espelho

em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obra-mos , e nisso consiste a vaidade de obrar bem.

Não ha maior injuria , que o desprezo ; e he porque o desprezo todo se dirige , e offende a vaidade : por isso a perda da honra afflige mais que a da fortuna ; não porque esta deixe de ter hum objecto mais certo , e mais visível , mas porque aquella toda se compoem de vaidade , que he em nós a parte mais sensível. Poucas vezes se expõem a honra por amor da vida , e quasi sempre se sacrifica a vida por amor da honra. Com a honra , que adquirir , se consolla o que perde a vida ; porém o que perde a honra , não lhe serve de alivio a vida , que conserva : como se os homens mais nascessem para terem honra , que para terem vida , ou fossem formados me-nos para existirem no ser , que para durarem na vaidade. Justo fora , que amassem com excesso a honra , se esta não fosse quasi sempre hum des-vario , que se sustenta da estimaçãodos

Sobre a vaidade dos homens. §

dos homens , e só vive da opinião delles.

O não fazer caso do que he vão , tambem póde nascer de huma excessiva vaidade , e a este gráo de vaidade não chega aquella , que he mediocre , e ordinaria ; e desta sorte o excesso no vicio da vaidade vem a produzir a apparencia de huma virtude , que he a de não ser vaidoso : e com effeito assim como o excesso na virtude parece vicio , tambem o excesso no vicio vem de algum modo a parecer virtude. Na maior parte dos homens se achão os mesmos generos de vaidade , e quasi todos se desvanecem dos mesmos accidentes , de que estão , ou se imaginaõ revestidos : porém alguns ha , em quem a vaidade he misteriosa , e exquisita ; porque consiste em desprezar a mesma vaidade , e em não fazer caso dos motivos , em que se funda a vaidade dos outros.

Trazem os homens entre si huma continua guerra de vaidade ; e conhecendo todos a vaidade alheia , nenhum conhece a sua : a vaidade
he

he como hum instrumento, que tira dos nossos olhos os defeitos proprios, e faz com que apenas os vejamos em huma distancia immensa; ao mesmo tempo que o expõem á nossa vista os defeitos dos outros ainda mais perto, e maiores do que são. A nossa vaidade he a que nos faz ser insupportavel a vaidade dos mais; por isso quem não tivesse vaidade, não lhe importaria nunca, que os outros a tivessem.

Todas as paixões tem hum tempo certo em que começam, e em que acabão: algumas são incompativeis entre si, por isso para nascerem humas he preciso, que acabem outras. O odio, e o amor nascem commosco, e muitas vezes se encontraõ em hum mesmo coração, e a respeito do mesmo objecto. A liberalidade, a ambição, e a avareza, são ordinariamente incompativeis; manifestão-se em certa idade, ou ao menos então adquirem maior força. Não sei se diga, que as paixões são humas especies de viventes, que demoram em nós, cuja vida, e existencia, se-

Sobre a vaidade dos homens. 7

semelhante á nossa, tambem tem hum tempo certo, e limitado; e assim vivem, e acabão em nós, da mesma sorte que nós vivemos no mundo, e acabamos nelle. Com todas as paixoens se une a vaidade; a muitas serve de origem principal; nasce com todas ellas, e he a ultima que acaba: a mesma humildade, com ser huma virtude opposta, tambem custuma nascer de vaidade; e com effeito são menos os humildes por virtude, do que os humildes por vaidade; e ainda dos que são verdadeiramente humildes, he raro o que he insensivel ao respeito, e ao desprezo, e nisto se vê, que a vaidade exercita o seu poder, ainda donde parece, que o não tem.

A vaidade por ser causa de alguns males, não deixa de ser principio de alguns bens: das virtudes meramente humanas, poucas se haviaõ de achar nos homens, se nos homens não houvesse vaidade: não só seriaõ raras as acçoens de valor, de generosidade, e de constancia, mas ainda estes termos, ou palavras se-

serião como barbaras, e ignoradas totalmente. Digamos, que a vaidade as inventou. O ser inflexivel he ser constante; o desprezar a vida he ter valor: são virtudes, que a natureza desaprova, e que a vaidade canoniza. A aleivosia, a ingratitude, e deslealdade, são vicios notados de vileza, por isso delles nos defende a vaidade; porque esta abomina tudo quanto he vil. Assim se vê, que ha vicios, de que a vaidade nos prefera, e que ha virtudes, que a mesma vaidade nos insina.

Mas se he certo, que a vaidade he vicio, parece difficil o haver virtude, que proceda d'elle; porém não he difficil, quando ponderarmos, que ha effeitos contrarios ás suas causas. Quantas dores ha, que se formão do gosto, e quantos gostos, que resultão da dor! Essa infinita variedade dos objectos tem a mesma causa por origem: as differentes produções, que vemos, todas se compõem dos mesmos principios, e se formão com os mesmos instrumentos. Algumas cousas degeneraõ á proporção,

Sobre a vaidade dos homens. 9

ção ; que se affastão do seu primeiro ser ; outras se dignificão , e quasi todas vão mudando de fórma á medida , que vão ficando distantes de si mesmas. As aguas de huma fonte á cada passo mudaõ , porque apenas deixão a brenha , ou rocha donde nascem , quando em huma parte ficão sendo limo , em outra flor , e em outra diamante. Que outra cousa mais he a natureza , do que huma perpetua , e singular metamorfosis?

A vaidade parece-se muito com o amor proprio , se he que não he o mesmo ; e se são paixoens diversas , sempre he certo ; que ou a vaidade procede do amor proprio , ou este he effeito da vaidade. Nasceo o homem para viver em huma continua approvação de si mesmo , as outras paixoens nos desemparaõ em hum certo tempo , e só nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e segue , não só nas Cidades , mas tambem nos desertos , não só na primavera dos annos , mas em toda a vida , não só no estado da fortuna ,
mas

mas ainda no tempo da desgraça : paixão fiel , constante companhia , e permanente amor.

Nada contribue tanto para a sociedade dos homens , com a mesma vaidade delles : os Imperios , e Republicas , não tiverão outra origem , ou ao menos não tiverão outro principio , em que mais seguramente se fundassem : na repartição da terra , não só fez ajuntar os homens os mesmos generos de interesses , mas também os mesmos generos de vaidades , e nisto se vê dois effeitos contrarios ; porque sendo proprio na vaidade o separar os homens , também serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades , que são universaes , e comprehendem Villas , Cidades , e Naçoens inteiras : as outras são particulares , e proprias a cada hum de nós ; das primeiras resulta a sociedade , das segundas a divisaão.

Dizem , que gostos , e desgostos não são mais que imaginação ; porém melhor fora dizer , que gostos , e desgostos não são mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem

Sobre a vaidade dos homens. 11

no modo, com que os homens olhaõ para nós, e no modo com que fallaõ em nós, assim até nos fazemos dependentes das acçoens, e dos pensamentos dos mais homens, quando cremos, que elles nos attendem, e consideraõ esta imaginação, que li-fongea a vaidade, precisamente nos dá gosto: se por alguma causa imaginamos o contrario, a mesma imaginação nos perturba, e inquieta. Não ha gosto, nem desgosto grande naquillo, em que a imaginação não tem a maior parte, e a vaidade empenho.

A vaidade diminue em nós algumas penas; porém augmenta aquellas, que nascem da mesma vaidade: a estas nem o esquecimento cura, nem o tempo; porque tudo o que offende a vaidade, fica sendo interparavel da nossa memoria, e da nossa dor. Entre os males da natureza, alguns ha que tem remedio; porém os que tem a vaidade por origem, são incuraveis quasi todos: e verdadeiramente como ha de acabar a pena, quando a lembrança da offensa

baí-

basta para fazer, que dure em nós a afflicção? Ou como pôde cessar a magoa, se não cessa a vaidade, que a produz? Alguns sentimentos ha, que se incorporão, e unem de tal sorte a nós, que vem a ficar sendo huma parte de nós mesmos.

A imaginação desperta, e dá movimento á vaidade; por isso esta não he paixão do corpo, mas da alma; não he vicio da vontade, mas do entendimento, pois depende do discurso. Daquí vem, que a mais forte, e a mais vã de todas as vaidades, he a que resulta do saber; porque no homem não ha pensamentos, que mais o agrade, do que aquelle, que o representa superior aos mais, e superior no entendimento, que he nelle a parte mais sublime. A sciencia humana o mais a que se estende, he ao conhecimento, de que nada se sabe: he saber o saber ignorar, e assim vem a sciencia a fazer vaidade da ignorancia.

Bem se pôde dizer, que o juizo he o mesmo que entendimento, porém he hum entendimento solido; por-

Sobre a vaidade dos homens. 13

por isso, póde haver entendimeneto sem juizo, mas não juizo sem entendimento: o ter muito entendimento ás vezes prejudica, o ter muito juizo sempre he util: o entendimento he a parte que discorre, porém póde discorrer mal: o juizo he a mesma parte que discorre, quando discorre bem: o entendimento pensa, o juizo tambem obra; por isso nas acçoens de hum homem conhecemos o seu juizo, e no discurso lhe vemos o entendimento: o juizo duvida antes que resolva, o entendimento resolve primeiro que duvide; por isso este se engana pela facilidade, com que decide, e aquelle acerta pelo vagar, com que pondera. Ordinariamente fallamos no juizo, e não no entendimento de Deos, e deve ser pela impressãõ, que temos, de que o juizo he menos sujeito ao erro, que em Deos he impossivel: com toda esta vantagem, que achamos no juizo, pouco nos desvaneca o ter juizo, e muito nos lisongea o ter entendimento. Consideramos o juizo como cousa popular, ou sómente como

mo huma especie de prudencia, sendo aliás cousa mui rara ; e olhamos para o entendimento como cousa mais altiva, e em que reside a qualidade da agudeza ; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente, do que o discorrermos com acerto ; e ainda fazemos vaidade de voltar de tal sorte as cousas, que fiquem parecendo, o que claramente se sabe, que não são. O engano vestido de eloquencia, e arte, attrahe, e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtilidade, e temos pejo de acertar rusticamente.

Todos fazem vaidade de ter malicia ; nem ha quem diga, que a não tem, antes he defeito, que reconhecemos com gosto, e confessamos sem repugnancia : a razão he, porque a malicia consiste em penetração, por isso não nos defendemos de hum defeito, que indica o termos entendimento. A vaidade faz, que não ha cousa, que não sacrificuemos ao desejo de parecer entendidos, ainda que seja á custa de hum vicio, ou de

Sobre a vaidade dos homens. 15

de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade sem exemplo, dizemos, que não temos malicia alguma: porém este pensamento não dura muito em nós; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento, do que bons sem elle: verdadeiramente a falta de malicia he falta de entendimento; porque malicia propriamente he aquella intelligencia, ou acto, que prevê o mal, ou o medita; por isso he differente o ter malicia, e o ser malicioso: tem malicia quem descobre o mal para o evitar: he malicioso quem o antevê para o exercer: a malicia he huma especie de arte natural, que se compoem de combinaçoens, e consequencias, e neste sentido a malicia he huma virtude politica. As mais das cousas tem muitos modos, em que podem ser consideradas; por isso a mesma cousa póde ser pequena, e grande; póde ser má, e tambem boa; póde ser injusta, e justa: a vaidade porém sempre se appropriá o modo, ou o sentido, em que a cou-

sa

fa em nós fica sendo superior , e admiravel.

A razão não nos fortalece contra os males , que resultaõ da vaidade , antes nos expõem a toda a actividade delles; porque induzida pela mesma vaidade só nos mostra , que devemos sentir , sem discorrer sobre a qualidade do sentimento. No principio dos nossos desgostos , a razão não serve para diminuillos , para exasperallos sim ; porque como em nós tudo he vaidade, tambem a nossa razão não he outra cousa mais do que a nossa mesma vaidade. Sente a razão o que a vaidade sente , e quando vimos a sentir menos , he por cançados , e não por advertidos. Daqui vem , que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos á vontade , do que á nossa fraqueza; devemos a nossa moderação menos ao discurso , do que á nossa propria debilidade. Deixamos o sentimento por cançados de padecer. A duração do mal , que nos abate , nos cura.

Ha occasioens , em que contrahimos a obrigação connosco , de não
ad-

Sobre a vaidade dos homens. 17

admittirmos alivio nas nossas magoas , e nos armamos de rigor , e de aspereza contra tudo o que póde consolar-nos , como querendo , que a constancia na pena nos justifique , e sirva de mostrar a injustiça da fortuna : parece-nos , que o ser firme a nossa dor , he prova de ser justa : esta idéa nos inspira a vaidade , menos cuidadosa no socego do nosso animo , do que attenta em procurar a estimação dos homens. Huma grande pena admira-se , e respeita-se : he o que basta para que a vaidade nos faça persistir no sentimento.

Os retiros , e as solidões nem sempre são effeitos do desengano , as mais das vezes são delirios de hum sentimento vão , ou furores , em que brota a vaidade : então nos move o fim occulto de querermos , que a demonstração da dor nos faça recomendaveis : fazemos vaidade de tudo quanto he grande : a mesma pena quando he excessiva , nos lisonjea ; porque nos promete a admiração do mundo.

Bulcamos a Deos quando o mun-

B

do

do nos não busca ; se alguma offensa nos irrita , deixamos a sociedade , não por arrependidos , mas por queixosos , e menos por amar a Deos , que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquelle modo de vingança , e parece com effeito , que o deixar o mundo he desprezallo. Assim será ; mas quem deseja vingar-se ainda ama , e quem se mostra offendido ainda quer. Amamos o mundo , e as suas vaidades ; porque o amor das cousas vãs he em nós quasi inseparavel. O mundo , e a vida tudo he o mesmo ; e quem ha que sem loucura deixe de amar a vida ? Tudo no mundo he vão , por isso a vaidade he a que move os nossos passos : para donde quer , que vamos , a vaidade nos leva , e himos por vaidade. Mudamos de lugar , mas não mudamos de mundo.

A mesma vaidade , que nos separa do commercio dos homens , para sepultarnos na solidão de hum Claustro , vem depois a conservarnos nelle , e por hum mesmo principio nos conduz , e nos faz permanecer sem:

Sobre a vaidade dos homens. 19

sempre no retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade, por isso muitas vezes somos firmes só por evitar o desprezo, vindo a parecer persistencia na vocação, o que só he constancia na vaidade. Vivemos temerosos, de que as nossas acções se reputem como effeitos da nossa variedade: queremos mudar, mas tememos o parecer varios; e assim a constancia na virtude não a devemos á vontade, mas ao receio; não a conservamos por gosto, mas por vaidade: e este assim como nos faz constantes na virtude, tambem outras vezes nos faz constantes na culpa.

Ha varios termos no progeſſo da nossa vaidade: este no primeiro estado da innocencia vive em nós como occulta, e escondida: o tempo faz que ella se mova, e se dilate: semelhantes ás aves, que nascem todas sem pennas, ainda que todas em si trazem a materia dellas. A nossa alma está disposta para receber, e concentrar em si as impressões da vaidade; e esta, que insensivelmen-

ce se fôrma, do que vemos; do que ouvimos, e ainda do que imaginamos, quando cresce em nós; he imperceptivel, da mesma sorte, que cresce imperceptivelmente a luz, e que apenas se distingue a elevação das aguas. Nascemos sem vaidade; porque nascemos sem uso de razão, nem de discurso: quem dissera, que aquillo, que nos devia defender do mal, he o mesmo que nos conduz a elle, e nos precipita! Todas as paixoens dão connosco passos iguaes no caminho da vida: logo que vimos ao mundo, começamos a ter odio, ou amor, tristeza, ou alegria: só a vaidade vem depois, mas dura sempre, e quando se manifesta, he tambem quando em nós começa a apparecer o entendimento; por isso a emenda da vaidade he tão difficil, porque he erro, em que o entendimento tem parte de algum modo.

O homem de huma mediocre vaidade he incapaz de premeditar emprezas, nem de formar projectos: tudo nelle he sem calor: a sua mesma vida he huma especie de lethargo:
tu

tudo o que procura he com os vãos e van-
garosos, cobardes, e descuidados; por-
que a vaidade he em nós como
hum espirito dobrado, que nos ani-
ma; por isso o homem, em que a
vaidade não domina he timido, e
sempre cercado de duvida, e de re-
ceio: a vaidade logo traz consigo o
desembaraço, a confiança, o arrojo,
e a certeza. Presume muito de si
quem tem vaidade; por isso he con-
fiado: não presume de si nada quem
não tem vaidade, por isso he timi-
do. A vaidade nos faz parecer, que
merecemos tudo, por isso emprede-
mos, e conseguimos ás vezes: a fal-
ta de vaidade nos faz parecer, que
não merecemos nada, por isso nem
buscamos, nem pedimos. Este extre-
mo he raro, o outro he mui com-
mum, daquelle se compoem o mun-
do, deste o Ceo.

A differença, e desigualdade dos
homens he huma das partes, em que
se estabelece a sociedade, por isso
esta se funda em principios de vai-
dade; porque só a vaidade sabe cor-
porificar idéas, e fazer differente, e
de-

desigual o que he composto por hum mesmo modo, e organizado de humma mesma fórma. Os homens mais vaidosos são os mais proprios para a sociedade: aquelles que por temperamento, por razão, ou por virtude se fazem menos sensiveis aos impulsos da vaidade, são os que pela sua parte contribuem menos na communicação dos homens: occupados em humma vida mole, isenta, e sem acção, só buscão no descanso a fortuna sólida, e desprezaõ as imagens de que se compoem a vaidade da vida civil.

A desordem dos homens parece que he precisa para a conservação da sociedade entre elles: he preciso com effeito, que sejamos loucos, e que deixemos muitas vezes a realidade das cousas, só por seguir a apparencia, e vaidade dellas. Que maior loucura, que a que nos expoem a perder a vida na expectação de podermos servir de objecto ao vaidoso ruido da fama? Que maior delirio, que sacrificarmos o descanso ao desejo de sermos admirados? Que desvario maior, que o fazer idolo da reputa-

Sobre a vaidade dos homens. 23

tação ; fazendo-nos por essa causa dependentes, não só das acções dos homens , mas também das suas opiniões ; não só das suas obras ; mas também dos seus conceitos ?

A vaidade nos ensina , que as acções heroicas se fazem immortaes por meio das narrações da historia ; porém mal póde caber na lembrança dos homens todos os grandes successos , de que se compoem a variedade do mundo : ainda o mesmo pensamento tem limite , por mais que nos pareça immensa a sua esfera. Não ha historia , que verdadeiramente seja universal : quantos Achilles teraõ havido , cujas noticias se acabaraõ , só porque não tiveraõ Homeros , que as fizessem durar hum certo tempo , e isto por meio do encanto de hum Poema illustre ? Quantos Eneas sem Virgilios ? Quantos Alexandres sem Quintos Curcios ? Na infancia do mundo começaraõ logo a haver combates , por isso as victorias sempre foraõ de todas as idades ; porém estes mesmos combates se desfaziaõ huns a outros ; porque a
for-

fortuna do vencer sempre foi varia, e inconstante. As noticias das victorias tambem se vinhaõ a extinguir humas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que passou, a poucos passos havemos de encontrar a fabula, cuberta de hum véo escuro, e impenetravel: tudo quanto aquelle tempo encerra nos he desconhecido totalmente. Os primeiros homens, que á força do fogo, e sangue se fizeraõ arbitros da terra, nos mesmos fundamentos das suas conquistas deixaraõ sepultadas as suas acçoens: o valor com que poderaõ perpetuar nos seus descendentes o poder, e a magestade, não lhes póde perpetuar o nome: das maiores Monarchias ainda se ignora quem foraõ seus primeiros fundadores.

Que são os homens mais do que apparencias de theatro? Tudo nelles he representaçãõ, que a vaidade guia: a fatal revolução do tempo, e o seu curso rapido, que cousa nenhuma pára, nem suspende, tudo arrasta, e tudo leva consigo ao profundo de huma eternidade. Neste
abyss-

Sobre a vaidade dos homens. 25

abyſmo, donde tudo entra, e nada ſahe; ſe vão precipitar todos os ſucceſſos, e com elles todos os Imperios. Os noſſos antepaſſados já vierão, e já foraõ; e nós daqui a pouco vamos ſer tambem antepaſſados dos que haõ de vir. As idades ſe renovaõ, a figura do mundo ſempre muda, os vivos, e os mortos continuamente ſe ſuccedem, nada fica, tudo ſe uſa, tudo acaba. Só Deos he ſempre o meſmo, os ſeus annos não tem fim, a torrente das idades, e dos ſeculos corre diante dos ſeus olhos, e elle vê a vaidade dos mortaes, que ainda quando vão paſſando o inſultaõ, e ſe ſervem deſſe meſmo inſtante, em que paſſaõ para o offenderem. Miſeraveis homens, genero infeliz, que neſſe momento, que lhes dura a vida, preparaõ a ſua meſma reprovaçaõ; e que tendo vaidade, que lhes faz parecer, que tudo meditaõ, que tudo ſabem, e que tudo prevem, ſó a não tem para anteverem as vinganças de hum Deos irado, e que com o ſeu meſmo ſoffrimento, e ſilencio, clama, ameaça, julga, condemna.

Aca-

Acabão os Heróes, e também acabão as memorias das suas acçoens; aniquilaõ-se os bronzes, em que se gravaõ os combates; corrompem-se os marmores, em que se esculpem os triunfos; e a pezar dos milagres da estampa, tambem se desvanecem as cadencias da prosa, em que se descrevem as empresas, e se dissipão as harmonias do verso, em que se depositaõ as victorias: tudo cede á voracidade cruel do tempo. Acabão-se as tradiçoens muito antes que acabe o mundo; porque a ordem dos successos não se incluye na fabrica do Universo; he cousa exterior, e indifferente. Os monumentos, que fazem da historia a melhor parte, e a mais visivel, não só se estragaõ, mas desapparecem, e de tal sorte, que nem vestigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Não tem mais duraçaõ as cinzas dos Horóes; porque as mesmas urnas, que as escondem, se desfazem, e os mesmos epitafios, por mais que sejaõ profundos os caracteres, insensivelmente vão fugindo dos nossos olhos, até

Sobre a vaidade dos homens. 27

até que se apagaõ totalmente. Ainda as cousas inanimadas , parece que tem hum tempo certo de vida : as pedras de que se formaõ os padroens , vaõ perdendo a uniaõ das suas partes , em que consiste a sua dureza , até que vem a reduzir-se ao principio commun de tudo ; terra , e pó.

Por isso he loucura sacrificar a vida por eternizar o nome ; porque dos mesmos Heróes tambem morre o nome , e a gloria : a differença he , que a vida dos Varoens illustres compoem-se de annos , como nos mais homens , e a vida das suas acçoens compoem-se de seculos ; porém estes acabaõ , e tudo o que se encerra nelles , vem a entrar finalmente no cáos do esquecimento. Tudo no mundo saõ sombras , que passaõ ; as que saõ maiores , e mais agigantadas , duraõ mais horas , mas tambem se extinguem , e do mesmo modo , que aquellas , que apenas tiveraõ de existencia alguns instantes. O desejo nos finge mil objectos immortaes , e entre elles a fama he ao que mais nos inclina a vaidade ; sendo que o mesmo
ar ,

ar, que lhe dilata os eccos, lhe confunde, e apaga a voz. Nas cousas he transito; o que nos parece permanencia: a diversidade, que vemos na duração dellas, he porque humas gastão mais tempo em acabar que outras; de sorte que propriamente só podemos dizer, que as cousas estão acabando, e não que estão sendo.

Porém destes mesmos delirios resulta, e depende a sociedade; porque a vaidade de adquirir fama infunde aquelle valor nos homens, que quasi chega a transformallos em muralhas para defeza das Cidades, e dos Reinos: a vaidade de serem attendidos os reduz á trabalhosa occupação de indagarem os segredos da Divindade, o giro dos astros, e os mysterios da natureza: a vaidade de serem leaes os faz obedientes: a vaidade de serem amados os faz benignos: e finalmente a vaidade, ou amor da reputação os faz virtuosos. Daqui vem, que o homem sem vaidade entra em hum desprezo universal de tudo, e começa por si mesmo: olha para a reputação como para hu-

ma

ma fantasia, que se fórma, e se sustenta de hum susurro mudavel, e de huma opiniaõ sempre inconstante: olha para o valor como para hum meio cruel, que a tyrannia ideou para introduzir no mundo a escravidão: olha para o respeito como para hum cerimonia, ou dependencia servil, que indica poder em huns, e nos outros medo, semelhante á estatua de Jupiter, diante da qual todos se prostraõ, não por amor do idolo, mas por causa do raio, que tem na mão: olha para a benignidade como para hum modo, ou artificio de atrahir a si a inclinação dos outros, e por isso virtude mercenaria: olha para a lealdade como para hum acto, que precisamente resulta de huma submissaõ necessaria: e ultimamente olha para a fama como para hum objecto vago, e incerto, e que na realidade val menos do que custa a conseguir.

Com os annos não diminue em nós a vaidade, e se muda, he só de especie. A cada passo, que damos no discurso da vida, se nos offerece hum
thea-

theatro novo, composto de representações diversas, as quaes successivamente vão sendo objectos da nossa attenção, e da nossa vaidade. Assim como nos lugares, ha tambem horizontes na idade, e continuamente hmos deixando huns, e entrando em outros, e em todos elles a mesma vaidade, que nos cega, nos guia. Nem sempre somos susceptiveis das mesmas impressoens; nem sempre somos sensiveis ao mesmo sentimento; sempre somos vaidosos, mas nem sempre domina em nós o mesmo genero de vaidade.

Ha vicios, que raramente deixamos, se elles primeiro nos não deixão; e quando com o tempo seguimos o exercicio de obrar bem, não he porque o conhecimento, ou a experiencia nos determine, mas porque continuamente os annos nos vão fazendo incapazes de obrar mal; e assim virtudes ha, que primeiro começaõ pela nossa incapacidade, do que por nós mesmos; e nos nossos acertos a razão he a que quasi sempre tem menos parte. Só a vaidade não en-

enfraquece , por mais que o vigor nos falte ; como se fora hum affecto da alma independente da disposição do corpo.

Naõ temos alegria , se está descontente a vaidade ; da mesma sorte , que a desgraça naõ afflige tanto , quando se acha a vaidade satisfeita. A mesma morte naõ se mostra com igual semblante nos supplicios ; porque a qualidade delles influe maior , ou menos pena : por isso as honras do cadafalso servem de alivio ao delinquente ; porque a vaidade , que está vendo a attenção do golpe , deste esconde ao mesmo tempo o horror , e entretida nos faustos do luto , desvia da memoria huma grande parte da consideração da ruina.

Para nada ser permanente em nós , até o odio se extingue : cançamo-nos de aborrecer : a nosso inclinação tem intervalos , em que fica isenta da sua maldade natural : naõ esquece porém o odio , que teve por principio a vaidade offendida , assim como nunca o favor esquece quando se dirige , e tem por objecto a vaidade de quem recebe

be o beneficio. A nossa vaidade he a que julga tudo: dá estimação ao favor, e regula os quilates á offensa: faz muito do que he nada: dos accidentes faz substancia: e sempre faz maior tudo o que diz respeito a si. Nos beneficios pagamos-nos menos da utilidade, que do obsequio: nas offensas consideramos mais o atrevimento da injuria, que o prejuizo do mal; por isso se sente menos a dor das feridas, do que o arrojo do impulso; e assim na vaidade nunca se formão cicatrizes firmes, e seguras; porque a lembrança do agravo a cada instante as faz abrir de novo; e verter sangue.

O corpo não he sensível igualmente em todas as suas partes: humas soffrem, e resistem mais; qualquer desconcerto em outras he mortal: assim tambem no corpo da vaidade ha partes, em que penetra mais o sentimento: da qui vem inimisades, que nem a morte reconcilia, odios que duraõ tanto como a vida. Tudo o que nos tira, ou diminue a estimação, nos serve de tormento; por-

Sobre a vaidade dos homens. 33

porque o respeito he o idolo commun da vaidade ; aquillo que o offende , não se perdoa facilmente , e fica sendo como hum sacrilegio irremissivel , e como hum principio de donde se originaõ tantas aversoens hereditarias.

Acabando tudo com a morte , só a deshonra não acaba ; porque o la-béo ainda vive mais do que quem o padece : por mais insensivel que esteja hum cadaver na sepultura (permitta-se o hyperbole) lá parece que a lembrança de huma infamia , que existe na memoria dos que ficaõ , lhe está animando as cinzas , para o fazer capaz de afflicção , e sentimento : terrivel qualidade , cujos effeitos , ou cujo mal , não se acaba , ainda depois que acaba quem o tem ; sendo a unica desgraca , que se imprime na alma , como hum caracter immortal ! A morte não serve de limite á deshonra ; porque esta vai seguindo a posteridade como huma herança barbara , e infeliz. Estes são os pensamentos , que a vaidade nos inspira , e como huma paixão inconsolavel ,

C

até

até nos persuade, que ainda depois de mortos podemos sentir a infamia: esta diminue a estimação, e o respeito; e por isso mortifica tanto; como se a infamia do delicto só consistisse na attenção, e opiniaõ dos homens, e não no delicto mesmo ou se só fosse deshonra aquella que se sabe, e não aquella que se ignora,

Se a melancolia nos desterra para a solidão do ermo, não deixa de ir conosco a vaidade; e entã somos como a ave desgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebeo o golpe, sempre leva no peito atravessada a setta: nunca podemos fugir de nós: para donde quer que vamos, himos com os nossos mesmos desvarios, se bem que as vaidades do ermo são vaidades innocentes. A natureza não tem lá por objecto mais do que a si mesma, e a vaidade, que tem na complacencia, com que se contempla, consiste em reflectir sobre os enganos do seculo, e sobre as verdades da solidão; e se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacencia, não importa; por-

porque a vaidade de ser virtuoso tambem parece que he virtude; e assim vimos a ter naquelle caso hum vicio, que nos emenda, e hum defeito, que nos melhora.

Oh quanto he especiosa a tranquillidade do deserto! Lá não ha odio, nem soberba; não ha crueldades nem inveja: estes monstros são feras inviveis, que habitão entre nós, para serem ministros fataes das nossas discordias, e das nossas afflicções; nascem da nossa sociedade, e se sustentão da nossa mesma communicação: por isso a virtude costuma fugir ao tumulto, porque a nossa maldade não he pelo que toca a cada hum de nós, mas pelo que respeita aos outros: somos perversos por comparação; e reciprocamente huns servimos de objecto ás iniquidades dos outros; a vaidade sempre foi origem dos nossos males; mas primeiro que a vaidade, foi o commercio commun das gentes; porque delles resulta a vaidade como contagio contrahido no trato, e conversação dos homens. O nosso entendimento facil-

mente se inficiona , não só com
opinioens proprias , mas tambem com
as alheias ; não só com as propria
 vaidades , mas tambem com as de
outros ; não sei se seria mais util a
homem o ser incommunicavel.

Vemos confusamente as appare
cias de que o mundo se compoem
os nossos discursos raramente encon
traõ com a verdade , com a duvida
sempre ; de sorte que a sciencia hu
mana toda consiste em duvidas. Ain
da dos primeiros principios visiveis
e materiaes , só conhecemos a exist
tencia , a natureza não ; porque
contextura do universo he em si uni
da , e regular em fôrma , que na or
dem das suas partes não se pôdem co
nhecer humas , sem se conhecerem to
das ; por isso todas se ignoraõ , porque
nenhuma se conhece : só a vaidade
costuma decidir sem embaraço , por
que não chega a imaginar-se capaz
de erro : os homens mais obstinados
são os mais vaidosos , e sempre a
porfia vem á proporção da vaidade

Algumas duvidas , ha que respei
tamos ; mas nem a essas perdoa a vai
dade,

dade, pois nunca quer que fiquem indecisas: mas infelizmente, porque nellas sempre a soluçãõ da duvida vem a consistir em outra duvida maior. Quasi tudo transcende á nossa comprehensãõ, mas nada transcende á nossa vaidade. Naturalmente nos he odiosa a irresoluçãõ, e antes nos inclinamos a errar, do que a ficar irresolutos: o confessar ignorancia he acto a que se oppoem a vaidade; sendo que rara he a cousa, que se nos mostra, sem hum certo véo que a esconde; de sorte que não vemos, nem buscamos os objectos, mas a sombra delles.

Nas paixoens he natural o entretenos cada huma com a esperança, que lhe he propria; e com effeito nada he mais agradavel do que huma esperança lisonjeira. O desejo se deleita em meditar no bem, que espera; e a natureza, a quem as paixoens tem sempre em acçãõ, não cessa de guiar o pensamento para aquella mesma parte, para donde a nossa inclinaçãõ propende; por isso o amor continuamente nos promette, que ha de
aca-

acabar a tyrannia, e que cedo ha de vir a feliz conrespondencia; o odio nos segura, que vem chegando o dia da vingança; e finalmente a vaidade só nos offerece idéas de respeito, e de grandeza; e desta sorte não vivemos, esperamos a vida.

Ha hum genero de vaidade, que toda consiste em procurarmos que se falle em nós; por isso a mesma vaidade inventou a fraze de dizer-se, que vive no escuro aquelle de quem se não falla, dando a entender, que as emprezas, por meio das quaes se falla nos homens, são a claridade que os mostra, e os distingue: com effeito por mais que vivamos juntos, e nos vejamos sempre, he por hum modo como vago, e passageiro: as coufas nem por estarem muito perto se vem melhor, e os Heroes o que os faz mais visiveis, he a distancia, e desproporção dos outros homens em que os poem as suas acçoens: não só os homens, mas ainda os successos, quanto mais longe vão ficando, mais crescem, e nos vão parecendo maiores, até que os vimos a perder da vis-

Sobre a vaidade dos homens. 39

vista , e muitas vezes da memoria ; porque no tempo tambem ha hum ponto de perspectiva , donde como em espelho vão crescendo todos os objectos , e em chegando a hum certo termo , desapparecem. As empresas , que hoje vemos , talvez não são inferiores ás que a tradição refere do tempo do heroísmo ; porém tem de menos o estarem proximas a nós , e as outras tem de mais , o valor que recebem de huma antiguidade veneravel : aquellas admiramos porque não temos inveja , nem vaidade , que nos preocupe contra os que passaraõ ha muitos seculos ; contra os que existem sim , e destes se sabemos as acçoens , tambem sabemos as circumstancias dellas ; por isso as desprezamos , porque he rara a empresa heroica , em que não entre algum fim indigno , e vil ; a mais illustre acção fica infame pelo motivo.

O que chamamos inveja ; não he senão vaidade. Continuamente accusamos a injustiça da fortuna , e a consideramos ainda mais cega do que o amor , na repartição das felicidades.

De-

Desejamos o que os outros possuem, porque nos parece, que tudo o que os outros tem, nós o merecíamos melhor; por isso olhamos com desgosto para as cousas alheias, por nos parecer, que deviaõ ser nossas: que he isto senão vaidade? Não podemos ver luzimento em outrem, porque imaginamos, que só em nós he proprio: cuidamos, que a grandeza só em nós fica sendo natural, e não mais violenta: o esplendor alheio passa no nosso conceito por desordem do acaso, e por miseria do tempo. Quem diria aos homens, que no mundo ha outra cousa mais do que fortuna, e que nas honras ha predestinação?

Não vivemos contentes, se a nossa vaidade não vive satisfeita: ainda temos o bem, que com pouco se alimenta a vaidade. Hum riso agradável, que achamos nas pessoas eminentes, e que por mais, que seja equivoco sempre a vaidade o interpreta a seu favor; hum obsequio, que tem por principio a dependencia, e em que o interesse se esconde
sub-

Sobre a vaidade dos homens. 41.

subtilmente ; huma submissão , que nos faz crer que os homens tem obrigação de respeitar-nos ; huma lisonja dita com tal arte , que fica sendo impossivel , conhecermos-lhe o veneno ; qualquer cousa destas , e ainda menos basta , para que a nossa vaidade se reveja , e se satisfaça ; de sorte que não vivemos alegres , se não vivemos vaidotos.

Procuramos ser objectos da memoria , e assumptos da fama : o nosso fim he querermos , que se falle em nós , vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros , e idolatras das narraçoens da historia. Este delirio nos entrega a applicação das letras , e nós intpira a inclinação das armas ; como dous pólos , que guiaõ para huma fingida , e sonhada immortalidade. Alguns fogem da sociedade , ou por cansados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do applauso ; porém ainda elles lá se formão huma crença vaidosa , de que os homens fallaõ nelles , e discorrem sobre a causa dos seus retiros. Quantas vezes nos parece , que o bosque,
que

que nos serve de muda companhia, se magoa dos nossos infortunios, e que o valle recebe o sentimento das nossas queixas, quando em eccos entregua aos ventos, partidos os nossos ais! Parece-nos, que a Aurora nasce rindo dos nossos males; que as fontes murmuraõ dos nossos desafogegos; que as flores crescem para simbolo das nossas delicias; e que as aves festejaõ os nossos triunfos.

Os homens, a quem a concurrencia de acaos felices faz chamar grandes, presumem, que ainda que delles naõ depende a existencia do mundo, com tudo depende delles a ordem, e a economia das cousas; todos fallaõ nas suas acçoens, e nisto consiste a sua maior, e mais estimada vaidade. Deixamos livremente o commercio dos homens, mas naõ renunciámos o viver na admiração, e noticia delles; consentimos em apartarnos de sorte, que nunca mais sejamos vistos, mas naõ consentimos em naõ ser lembrados: finalmente queremos, que se falle em nós: as mesmas sepulturas, que saõ huns pe-
que-

quenos theatros das mais lastimotas tragedias, espantão menos pelo horror das sombras, que pelo silencio.

Mil preceitos ha que nos ensinão, o quaõ pouco são estimaveis em si, esses mesmos objectos, que buscamos com fadiga: o conhecermos a vaidade das cousas, não basta para as não querermos; porque o conhecimento de hum mal, que se appeteece, he hum meio muito debil para o deixar. No mesmo retiro temos todo o mundo no coração, e neste vivem as paixoens entãõ mais concentradas, e por isso mais vigorosas, e mais fortes: o ser o lugar mais apertado não nos livra do combate, antes o faz mais arriscado: a vaidade he como o amor, este quando o deixamos, sempre nos fica huma saudade lenta, que insensivelmente nos devora, porque he hum mal, cuja privação se sente como outro mal maior: ainda depois de passados muitos annos, a lembrança, que ás vezes nos occorre de hum amor, que parece que acabou, sempre nos vem com sobre-falto; o coração nunca fica indiffe-

ren-

rente ; e sempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amortecido, e como que o reclama. Verdadeiramente perdida a vaidade , e perdido o amor , que nos fica ?

He proprio da vaidade o dar valor a muitas cousas , que o não tem, e quasi tudo o que a vaidade estima, he vão. Que cousa póde haver, que tenha em si menos substancia do que humas certas felicidades , que ponderada a melhor parte dellas , consiste, ou em palavras , ou em gostos: a denominação de grande , de maior, e de excellente , e as submissoens , que indicaõ o respeito , fazem humma parte essencial das glorias deste mundo ; a primeira não consiste mais do que em palavras ; a segunda toda se compoem de gostos. Que importa á felicidade do homem , que os outros , quando lhe fallaõ , articulem mais hum som , que outro , e que nas reverencias que introduzio a lisonja , se dobrem mais , ou menos ? A vaidade nos faz crer felices á porporção que ouvimos esta , ou aquella voz , e que vemos este , ou aquelle cul-

culto : a vida civil se reduz a hum ceremonial composto de genuflexoens, e de palavras.

Só a vaidade sabe dar existencia ás cousas que não tem, e nos faz idolatras de huns nada, que não tem mais corpo, que o que recebem do nosso modo de entender, e nos induz a buscarmos elles mesmos nada, como meios de nos distinguir ; sendo que nem Deos, nem a natureza nos distinguio nunca. Na lei Universal, ninguem ficou isento da dor, nem da tristeza; todos nascem sujeitos ao mesmo principio, que he a vida, e ao mesmo fim, que he a morte : a todos comprehende o effeito dos elementos; todos sentem o ardor do Sol, e o rigor do frio; a fome, e a sede, o gosto, e a pena, he commum a tudo aquillo que respira : o Author do mundo fez ao homem sobre huma mesma idéa uniforme, e igual, e na ordem com que dispoz a natureza, não conheceo excepçoens, nem privilegios : nunca o homem pôde ser mais, nem menos do que homem ; e por mais, que a
vai;

vaidade lhe esteja suggerindo huns certos attributos , ou certas qualidades , que o fazem parecer maior , e mais consideravel , que os mais homens , essas mesmas qualidades , ainda sendo verdadeiras , sempre são imaginarias ; porque tambem ha verdades fantasticas , e compostas sómente de illusoens.

A vaidade he cheia de artificio , e se occupa em tirar da nossa vista , e da nossa comprehensão o verdadeiro ser das cousas , para lhe substituir hum falso , e apparente. De que serve a purpura , mais que de encobrir o homem a si mesmo ; e huma figura simplez , commua , e igual em todos , mostralla desfigurada , e outra debaixo de hum véo puramente exterior ? Tudo o que se esconde fica com caracter de mysterio , e por isso com veneração , e com respeito : a vaidade foi o primeiro artifice , que inventou o distinguir os homens pela especialidade do ornato , e pela singularidade da cor ; assim são as distincções , que a vaidade nos procura ; nenhuma he , nem póde ser em nós,

Sobre a vaidade dos homens. 47

nós, mas nas cousas que nos cobrem.

Só a vaidade dos Reis he vaidade justa, porque a Providencia já quando os formou para a dominação, logo os destinou para figuras da divindade, e com huma semelhança mais que material, e indifferente; porque a mesma essencia, de que são imagens, parece, lhes communica huma porção da idéa, que representa. Por mais que os successos sejam regidos pelo acaso, com tudo aos Reis não os faz a fortuna, nem o valor; mas sim aquella mesma intelligencia, que dá os primeiros, e principaes movimentos ao Universo. Ainda nos Orbes Celestes vemos alguns corpos, que parece custaraõ mais cuidado ao Author do mundo, pois brilhaõ com luz mais firme, mais intensa, e mais constante. Os Monarcas parecem-se com os mais homens na humanidade, mas differem nas qualidades da alma: a Coroa, que os cinge não só lhes illustra a cabeça, mas tambem o pensamento: o Sceptro, que indica á magestade, tambem inspira o esforço; e a grandeza

no

no poder tambem influe extensaõ no espirito ; por isso na arte de reinar não ha regras , que possaõ ser sabidas por quem não he Rei.

Assim como he justa a vaidade de hum Rei justo tambem he iniqua a vaidade de hum tyranno : o esplendor de hum throno adquerido injustamente não cega a attençaõ de sorte , que fiquem os olhos sem poder examinar-lhe os raios ; hum lugar taõ sagrado , nem sempre o consideraõ os homens com immunidadade. Os tyrannos sempre foraõ objectos , não só dos louvores , mas tambem da critica ; não só das admiraçoens , mas tambem dos reparos ; não só do amor , mas tambem do odio : se ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; se a lisonja os igualla ao Sol , a censura sabe comparallos ao Cometa ; se o amor lhes prepara agradados , tambem encontraõ aversoens no odio. As submissõens não saõ todas voluntarias ; e o respeito ainda quando degenera em adoraçaõ , nem sempre tributa hum incenso puro , e muitas vezes procede de huma violencia inte-

Sobre a vaidade dos homens. 49

terior, e occulta; entaõ por mais que as expreesloens se elevem, sempre a verdade se distingue da exaggeraçaõ; e por mais que o joelho dobre, sempre o desprezo fica inflexivel no conceito.

Nos Principes he virtude, humã vaidade bem intendida; e discorre santamente hum Rei, quando se desvanece da qualidade de ser justo: ha vicios necessarios em certos homens, assim como ha virtudes improprias em outros. Os soberanos sendo a fonte da justica, saõ os que mais injustamente saõ julgados: os mais homens saõ ouvidos, os Principes naõ; todos os julgaõ, e ninguem os ouve; como se a preminencia da dignidade os fizesse incapazes, ou indignos da defeza: o julgar por este modo aos Reis, he sacrilegio, porque a traicaõ he maior aquella que se derige á fama, que a que conspira contra a vida; esta nos Monarcas he lhes menos importante, que a memoria; a existencia deve ser-lhes menos preciosa do que a fama: com a vida se acaba o respeito, a grande-

D

de-

deza , e o poder , mas não acaba a reputação ; o tumulto não encobre , nem a ignominia do nome , nem o esclarecido , porque nos Principes nunca acaba a gloria , nem a infamia : o breve espaço de huma urna basta para esconder as cinzas de muitos Reis ; porém por mais que as confunda a morte , a historia as separa , e as divide : a tradição anima essas mesmas cinzas , humas para honra da natureza , outras para horror da posteridade.

A maior parte das acçoens dos homens consiste no modo dellas ; o modo com que se propoem , com que se diz , com que se falla , com que se ouve , com que se olha , com que se vê , com que se anda , e em fim todos os mais modos , que são inseparaveis de qualquer acção , nos dão a conhecer o que devemos pensar dellas : quasi sempre o modo , ou nos obriga , ou nos offende , e ordinariamente o modo das cousas nos occupa mais do que as cousas mesmas. Humas vezes nos engana o modo , porém tambem outras o mesmo modo

Sobre a vaidade dos homens. 51

do nos defengana : a imaginação verdadeira , falsa , ou vaidosa , he a que produz os differentes modos , que vemos huns nos outros. Os Soberanos tem hum certo modo de olhar , de ver , de ouvir , de andar , de perguntar , e de responder , que só nelles he natural ; a vaidade dos Grandes lhes faz affectar o mesmo modo , que vem nos Soberanos ; os mais homens tomão o mesmo modo , que vem nos Grandes , e cada hum se irrita de ver hum modo improprio , e sente como hum desprezo o achar hum modo , que não convem a quem usa d'elle ; o que diversifica os modos he a alegria , a tristeza , o amor , o odio , o desejo , ou a indifferença , e mais que tudo a vaidade.

A maior parte da vida passamos em bulcar a fortuna , e a que vemos nos outros , he a que nos engana a nós : porém he feliz o engano , que nos anima sempre. Que maior desgraça que o viver indifferente , e sem acção ; e que maior ventura que a esperança com que a buscamos ! O conceito , que fazemos de qualquer

D ii

bem,

bem, sempre excede ao mesmo bem, e assim perdemos quando o alcançamos; de sorte que a fortuna parece não está tanto em possuilla, como em desejalla. As fortunas humanas, ou consistem na abundancia, ou no poder, ou no respeito: estas são as mesmas fontes donde nasce a vaidade, e com effeito se ha vaidade sem fortuna, não ha fortuna sem vaidade.

Por nosso mal lá chega a idade, em que não queremos mais fortunas, que o viver; conhecemos a illusão dellas, e se as buscamos, he como por costume, mas sem ancia, e sem desasocego; o desejo de as alcançar he como hum resto de calor, que a penas se faz sentir. Não reflectimos sobré o pouco tempo, que devemos gozar hum bem, senão depois de o ter: só então consideramos o muito que custou a alcançar, e o pouco que o havemos possuir. Em cada paiz ha hum modo com que as cousas se imaginão; o que he fortuna em huma parte, he desgraca em outra, o que aqui se busca com empenho, alli se def-

despreza totalmente. Os objectos que entretem a vaidade, e estimação dos homens, são como idolos, que só se veneraõ em lugar determinado, e fóra daquelle tal espaço, a adoração se troca em vituperio: o mesmo marmore de que em Athenas se faria hum Minerva, transportado a outro lugar, a penas servirá de baze a hum columna; assim he a vaidade, por mais que seja universal nos homens, os motivos della não são universaes.

He raro o mal, de que não venha a nascer algum bem, nem bem, que não produza algum mal: como só o presente he nosso por isso, não nos serve de alivio o bem futuro, nem nos inquieta o mal que ainda não sentimos; hum infeliz não se persuade, que a sua sorte possa ter mudança; hum venturoso não crê, que possa deixar de o ser: a este a vaidade tira o menor receio; á aquelle o abatimento priva de esperança. Se fizermos reflexão, havemos de admirar o pouco que basta para fazer o nosso bem, ou o nosso mal: de hum instant-

tante a outro mudamos da alegria para a tristeza, e muitas vezes sem outro algum motivo, que o de hum vaidade mais, ou menos satisfeita. Os homens não são todos igualmente sensiveis ao bem, e ao mal; a uns penetra mais vivamente a dor, a outros só faz hum impressão ligeira: o bem não acha em todos o mesmo gráo de contentamento. Nas almas deve de haver a mesma differença, que ha nos corpos; humas mais debeis, e outras mais robustas; por isso em humas obra mais o sentimento, e acha mais resistencia em outras; em humas domina a vaidade com imperio, e com furor, em outras só assiste como cousa natural; naquellas a vaidade he hum paixão com impeto, nestas he hum vicio socegado, e sem desordem.

O entendimento nos homens, he como a formosura nas mulheres; não ha desgraça de que hum espelho as não console, nem tristeza de que se não esqueçam, vendo-se em estado de inspirar amor: a hum homem infeliz serve de alivio, o considerar-se
la-

Sobre a vaidade dos homens. 55

sabio ; este pensamento , ou esta vaidade lhe faz adormecer o mal que sente ; como se a mulher só viesse ao mundo , para ser querida , e o homem só nascesse para ser discreto : entre hum , e outro a differença he grande . a mulher formosa , com o tempo conhece que já o não he , o homem entendido nunca alcança que só o foi : a mulher não póde deixar de ver o estrago , que os annos fazem na belleza , o homem não penetra a ruina que o tempo causa ao entendimento ; mas não importa que assim seja , porque he justo que o homem se desvaneca sempre , e que tenha fim na mulher a vaidade : ninguem adora ao homem por entendido , e a mulher todos a idolatraão por formosa . Acabe pois a vaidade na mulher , porque foi tão excessiva , e no homem dure , porque foi mais moderada .

Olhamos para o tempo passado com saude , para o presente com desprezo , e para o futuro com esperança : do passado nunca se diz mal ; do presente continuamente nos queix-

xamos, e sempre appetecemos que o futuro chegue: o passado parece-nos que não foi mais do que hum instante; o presente apenas o sentimos; e julgamos que o futuro está mui distante. Para dizermos bem do tempo, he necessario que elle tenha passado, e para que o desejamos he preciso considerallo longe. A vaidade faz-nos olhar para o tempo, que passou, com indifferença, porque já nelle fica sem acção: faz-nos ver o presente com desprezo; porque nunca vive satisfeita; e faz-nos contemplar o futuro com esperança, porque sempre se funda no que ha de vir, e assim só estimamos o que já não temos; fazemos pouco caso do que possuímos; e cuidamos no que não sabemos se teremos.

Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras; não porque queiramos mudar de vaidade, mas porque algumas ha, que em certos annos são incompativeis, e só tem lugar em outros. A gentileza he a primeira vaidade, que a natureza nos inspira; vaidade simples, innocen-

Sobre a vaidade dos homens. 57

cente ainda quando he mentirosa : a natureza quer que nos amemos , por isso faz que nos vejamos dotados de huma fórma , ou figura encantadora ; tomamos Narcisos logo no berço : a nossa imagem a penas acabada de formar , logo nos attrahe ; o vidro que a representa nos agrada , e lisonjeia , ainda quando ignoramos o artificio do cristal , e desta sorte himos passando successivamente a vida , entretidos em hum labyrinthio de vaidades , até que chegamos á vaidade dos velhos ; vaidade discursiva , prudencial , historica , e muitas vezes imbecil. O ser antigo não dá juízo a todos , antes o tira , porque o tempo insensivelmente vai destruindo o homem em todas as suas partes , e por mais , que o não sentimos , o que primeiro cansa , he o entendimento ; porque este he como a força , que até hum certo tempo cresce , até outro se conserva , e depois sempre vai diminuindo. Perdemos a innocencia assim que entramos a ter uso de razão , e perdemos a razão assim que tornamos ao estado da innocencia :
hu;

humana, e outra cousa são virtudes puras, e excellentes, mas insociaveis. Primeiramente adquerimos a razão á custa da innocencia, e depois alcançamos a innocencia á custa da razão; não sei quando he que perdemos, ou ganhamos. Indiscretamente fazemos vaidade de sermos entendidos: o entendimento parece que nos foi dado por castigo, pois com elle ficamos sem desculpa para nada. Que maior mal!

He rara a cousa, em que não tenha parte a vaidade. A mesma ingratidão, de quem recebe hum beneficio, he effeito da vaidade; porque sendo o beneficio huma especie de soccorro, sempre indica superioridade em quem o faz, e necessidade naquelle que o recebe; por isso a lembrança de hum beneficio, humilha, e mortifica a nossa vaidade, e se alguma vez nos lembra, he porque a natureza se accusa de sentir-se ingrata. Muitos por vaidade confessão beneficios, que nunca receberão; he confissão, que os não afflige, porque assenta em huma divida supposta:

Sobre a vaidade dos homens. 59

ta: outros tambem por vaidade reconhecem beneficios verdadeiros, e isto porque fazem vaidade de huma divida, que ja julgaõ satisfeita pela confissão.

Quando pretendemos hum favor, parece-nos que sempre havemos conservar a memoria delle; mas he erro, porque apenas o alcançamos, quando logo se fórma em nós hum desejo imperceptivel de o esquecer: a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia; por isso ha ingratitude sem odio; aborrecemos a quem remio a nossa vexação, só porque a ficou conhecendo. Não se paga hum beneficio, senão com outro maior, e quem o não póde pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer huma obrigação de que nunca podemos estar livres.

A ingratitude não consiste só no esquecimento do favor, mas tambem em huma averção occulta, que temos a quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sem-

sempre he com nosso pezar , e desagrado. Insensivelmente se fórma hum especie de divorcio entre quem recebe hum favor , e quem o faz ; este por vaidade affecta o não lembrar-se do beneficio feito , aquelle tem pejo de haver-se esquecido d'elle , hum , e outro se retira : a ausencia , ou a ruina daquelle a quem somos obrigados , nunca nos he desagradavel ; porque então parece que respira a vaidade , como livre de hum peso insupportavel : naturalmente não podemos amar a quem devemos ; a divida leva consigo hum desejo da extinção do seu objecto

Naõ succede assim nos beneficios , que os Soberanos fazem ; quem os recebe , sempre os reconhece ; porque a mesma vaidade , que nos faz ser ingratos para com os mais homens , he a que nos faz ser agradecidos para com os Principes ; e com razão , porque nestes o favor sempre he puro , e generoso , em lugar que nos mais homens sempre he inficionado de algum genero de interesse : nos Principes os beneficios nascem de libe-

Sobre a vaidade dos homens. 61

beralidade, nos mais homens procedem de premeditação, e esta fundada communmente na satisfação do que já devem, ou esperão dever; de sorte que nos Principes os beneficios he grandeza, nos mais homens he commercio. O maior favor he aquelle que se faz sem condição: quando os Soberanos favorecem, he sem a expectativa de retribuição alguma, porque esta não pôde ter lugar de nós para elles; dão, e não esperão, por isso as mercês de hum Rei mostraõ a sua inclinação, e não a sua intenção: as graças dos Reis, e as de Deos, só se pagão com amor. Como os Principes são os melhores avaliadores dos homens, por isso supomos, que o favor, que fazem, sempre se dirige ao nosso merecimento. Estimamos viver na lembrança dos Reis, ainda que seja por meio da desgraça: o mesmo decreto, que impoem a pena, suaviza o effeito della, porque ha hum instante, em que a vaidade nos representa o Soberano occupado de nós: o castigo, immediatamente vem do Throno, parece que

que de algum modo nos illustra.

Tudo são producçoens da vaidade, esta até nos faz achar consolação nas mesmas razoes do nosso damno; até nos faz descobrir utilidade na nossa mesma perda; e até nos sabe mostrar hum semblante de fortuna na nossa mesma ruina. Huma circumstancia leve, e incerta, em que a vaidade se entretenha basta muitas vezes para suspender a actividade do nosso mal, e para desviar do nosso pensamento a maior parte d'elle. A virtude maltratada encontra alivio na mesma persecução, porque a vaidade lhe suggere em si a imagem de hum martirio: a innocencia opprimida sente menos a afflicção, porque se desvanece em considerar-se victima, de que he propriedade o ser innocente; e com effeito a constancia no soffrimento he hum justo motivo de vaidade, porque ainda na fama de hum heróe não ha tanta grandeza, como no silencio de hum homem afflicto; por isso a paciencia nunca faz rogos inuteis: hum homem mudo na desgraca parece que força a pro-

Sobre a vaidade dos homens. 63

providencia ao consolar. O merecimento desprezado entra na vangloria de crer, que todos reparaõ no descuido do premio: hum facinoroso arrasta com arrogancia os ferros; e vai com resolução para o supplicio, a vaidade que lhe anima os passos, consiste na mesma atrocidade do delicto: a mesma pobreza costuma fazer ostentação da miseria. A vaidade he de todo o mundo, de todo o tempo, de todas as profissoens, e de todos os estados.

Muitas vezes obramos bem por vaidade, e tambem por vaidade obramos mal: o objecto da vaidade he que huma acção se faça attender, e admirar, seja pelo motivo, ou razão que for. Não só o que he digno de louvor, he grande; porque tambem as cousas grandes pela sua execração; he o que basta para a vaidade asseguir, e approvar. A maior parte das emprezas memoraveis, não tiverão a virtude por origem, o vicio sim; e em por isso deixaraõ de attrahir o espanto, e admiração dos homens. A fama não só se compoem do que he

he justo , e o raio não só se faz attendivel pela luz , mas pelo estrago. A vaidade appetite o estrondoso , sem entrar na discução da qualidade do estrondo: faz-nos obrar mal , se deste mal póde resultar hum nome , hum reparo , huma memoria. Esta vida he hum theatro , todos queremos nelle o melhor papel , ou ao menos hum papel de circumstancia , ou em bem , ou em mal. A vaidade tem certas regras , huma dellas he , que a singularidade não só se adquire pelo bem , mas tambem pelo mal , não só pelo caminho da virtude , mas tambem pelo da culpa ; não só pela verdade , mas tambem pelo engano : quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a sua iniquidade.

A crueldade nem sempre vem de hum animo barbaro , e feroz ; muitas vezes he hum monstro , que nasce da vaidade , considere-se o punhal cravado em hum coração , que ainda palpita , e donde o sangue que sahe , e vai regando a terra , alli se congella em parte , aqui ainda corre fuman-

Sobre a vaidade dos homens. 65

mando , e cheio de espirito , e calor : finalmente considere-se hum cadaver agonizante , e convulsivo , e donde as feridas humas sobre as outras , apenas mostraõ lugar livre de golpe ; tudo fórma hum espectáculo horroroso : o tyranno que he o mesmo executor da crueldade , por mais que no semblante inculque hum aspecto duro , interiormente se estremece , e se não mostra que se afflige , he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inspira. Ideou a vaidade ser a tyrannia hum attributo do poder : que mais he necessario para que os homens , queiraõ medir a grandeza do poder pelo excesso , e proporção da tyrannia ? Até nos desvanecemos da mesma barbaridade , chamamos á compaixão fraqueza , e á inhumanidade valor.

Todos conhecemos os delirios , a que a vaidade nos incita , mas nem por isso deixamos de os seguir. Parece que cada hum de nós , tem duas vontades sempre oppostas entre si ; ao mesmo tempo queremos , e não

E que:

queremos; ao mesmo tempo condemnamos, e approvamos; ao mesmo tempo buscamos, e fugimos; amamos, e aborrecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer, e detestar o vicio; mas tambem temos outra prompta para o abraçar; huma vontade nos inclina, a outra arrastanos: a vontade dominante, he a que segue o partido da vaidade; por mais que queiramos ser humildes, e que tenhamos vontade de desprezar o fausto, a vontade contraria sempre vence, e se acaso se conforma, a violencia com que o faz, he hum sacrificio. A vaidade he huma especie de concupiscencia, não se lhe resiste com as forças do corpo, com as do espirito sim; a carne não he fragil só por hum principio, mas por muitos, e a vaidade não he o menor delles.

O applauso he o idolo da vaidade, por isso as acçoens heroicas não se fazem em segredo, e por meio dellas procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito, que nós temos de nós mesmos. Raras vezes somos generosos, só pela ge-

generosidade, nem valerosos só pelo valor. A vaidade nos propoem, que o mundo todo se applica em registar os nossos passos; para este mundo he que obramos; por isso ha muita differença de hum homem, a elle mesmo: posto no retiro he hum homem commum, e muitas vezes ainda com menos talento que o commum dos homens: porém posto em parte donde o vejaõ, todo he acção, movimento, esforço. Nunca mostramos o que somos, senão quando entendemos que ninguem nos vê, e isto porque não exercitamos as virtudes pela excellencia dellas, mas pela honra do exercicio, nem deixamos de ser máos por averção ao mal, mas pelo que se segue de o ser. O vicio pratica-se occultamente, porque cremos que a ignominia só consiste em se saber; de sorte que se somos bons, he por causa dos mais homens, e não por nossa causa: haja quem nos assegure, que não ha de saber-se hum desacerto, e logo nos tem certo, e disposto para elle; a difficuldade não está em persuadir a

nosssa vontade , mas o nosso receio. Os aggravos occultos callão-se , não só porque em serem occultos perdem muito da qualidade de aggravos ; mas também porque a queixa não publique o atrevimento da offensa ; a vaidade não sente as cousas pelo que são , mas que se ha de dizer dellas : mil vinganças ha que se suprimem só pelo perigo de que se não perseba o desfacato , pela vingança. Quem dissera , que sendo a vaidade , de si mesma huma cousa arrebatada , haja occasioens , em que nos pacifique , e ensine a ser prudentes : ha huma especie de arte em se disfarçar a injuria , de que não ha prova : a mesma vingança leva consigo huma sorte de injuria , porque a confessa : a satisfação publica suppoem publica a offensa , que muitas vezes não o he , ou ao menos não he tanto como a satisfação a faz. A paciencia he huma virtude com nota , mas raramente se arrepende quem a tem ; em lugar que o arrojo costuma trazer depois hum sentimento largo ; em hum instante nos precipita a vaidade naquil-

Sobre a vaidade dos homens. 69

quillo que nos vem a servir de tormento toda a vida ; mas que muito se a mesma vaidade ás vezes nos faz perder a vida em hum instante. Quem disse que o amor he cego , errou ; mais certo he ser cega a vaidade. O emprego do amor he a formosura, e quem nunca a vio como a ha de amar ? No amor ha huma escolha , ou eleição , e quem não vê , não distingue , nem elege , o amor vem por natureza , a vaidade por contagio , o amor busca huma felicidade física , e por consequencia material , e visivel ; a vaidade busca hum bem de idéa , e fantasia , e por consequencia cego : a estimação dos homens he o objecto maior da vaidade ; objecto vago , e que não tem figura propria em que possa ver-se. Ha porém na vaidade a differença , que tudo o que se faz por vaidade , queremos que se veja , que se diga , e que se saiba ; então he fortuna a publicidade , se he que nos não parece , que o mundo inteiro não basta para testemunha : daqui vem que hum foror heroico até chega a invocar o Ceo , e a

ter-

terra , para estarem attentos a huma acção : como tudo se faz pelo estímulo da vaidade , por isso se julga perdida huma façanha , que não tem quem a divulgue ; como se hum acto generoso consistisse mais em se saber , do que em se obrar. A vaidade , que nos move , não he pela substancia da virtude , mas pela gloria della.

No desprezo da vida , he donde a vaidade se mostra altiva , e arrogante. Os clarins , que incitaõ ao combate , não são vozes , que a natureza intenda , a vaidade sim , aquella sempre vai com passo vacilante , e tremulo ; esta conduz o peito ardente , e furioso : por mais que se encontrem precipicios , e que os olhos só vejaõ fogo , e sangue , nem por isso desfmaia o coração que a vaidade anima. Aquelle aquem o escudo da fortuna cobre , e que marcha resolutto , já cuida que está vendo os faustos do triunfo : aquelle que prostrado , já fica agonizando , parece-lhe que expira ou nos braços da victoria , ou nos da fama. Que felicidade de morrer !

Sobre a vaidade dos homens. 71

rer ! A vaidade tira da morte o semblante pallido , e horroroso , e só a deixa ver ornada de palmas , e troféos.

O valor não he igual em toda a parte ; porque a vaidade não he em toda a parte a mesma. Ha empresas de mais , e de menos vaidade , por isso as ha de menos , e mais valor. A vaidade augmenta , e diminue , á proporção do seu motivo ; e da mesma sorte o valor diminue , e augmenta á proporção da sua vaidade. A razão do esforço regula-se pela razão da vaidade ; daqui vem , que em hum conflicto grande , os animos se elevão , e arrebatão ; porque algumas vezes he questão do destino de hum Imperio ; em lugar que o ardor he lento , quando só se disputa hum posto ventajoso. A presença de hum Monarca não influe pouco na fortuna militar ; então quer o Soldado distinguir-se com maior excesso , porque fica sendo memoravel a acção a que assiste hum Rei : aquella he a occasião , em que cada hum dos combatentes vaticina , que o seu nome ha

ha de escrever-se nos annaes da historia; por isso corre a assinalar-se em hum dia, que ha de servir de epoca aos seculos vindouros: nenhum entra na peleja indifferente, todos fazem a causa sua; huns combatem pela gloria do successo, outros pela honra da assistencia; e a todos parece que o Soberano os vê. O estrepito das armas antes que chegue ao coração, inflamma a vaidade, e esta, que commummente move, então accende.

Não he isto assim na solidão de hum ermo. O mesmo homem, que fez a admiração da guerra, posto em hum bosque he outro. O sussurro de huma fonte, que se despenha, o sobressalta; o movimento de huma folha, que cahe o atemorisa; o ruido, que o vento faz, o altera; tudo lhe parece huma emboscada; na mesma sombra de hum carvalho, se lhe figura hum esquadrão armado: esta he a differença, que vai de hum homem com vaidade, ao mesmo homem quando está sem ella; na campanha domina o espirito de vaidade,
no

Sobre a vaidade dos homens. 73

no bosque não; por isso o valor sobra na campanha, e no bosque falta; e com effeito naquella parte adquire-se a fama, e nesta só se salva a vida; naquella consegue-se o applauso, nesta só se busca a liberdade do caminho; naquella ha muitos que vejaõ, que digaõ, e que escrevaõ, nesta não ha mais do que troncos mudos; naquella fazem Corte os Soberanos, nesta só se alvergaõ foragidos; naquella todos se mostraõ, nesta todos se escondem; aquella he hum theatro de acçoens illustres, esta he hum reducto de acçoens abominaveis: finalmente alli nasce a nobreza, aqui extingue-se; alli perde-se a vida com honra, aqui conserva-se a mesma vida com ignominia. Que notaveis differenças! Em hum lugar tantos motivos de vaidade, e nenhuns em outro: por isso o valor he proprio na campanha, e no ermo he natural a cobardia. O valor falta-lhe a alma, se lhe falta a vaidade, o braço logo fica sem vigor, e sem alento o peito: no perigo em que não ha vaidade, a natureza só se lembra do horror da sua ruina.

A

A fugida traz consigo o vituperio, por isso muitos não fogem, porque os vêem; e fugiriaõ, se os não vissem; muitos se retiraõ em quanto os não conhecem, mas não depois de conhecidos; como se a deshonra não estivesse na retirada, mas na noticia della: ninguém se quer expor, se a vaidade o não expoem; e ainda que a vaidade não tira o medo, com tudo esconde-o; e assim vimos a ser destemidos, não só porque a vaidade nos obriga, mas também porque nos engana: no meio do precipicio, não deixa ver toda a extensão d'elle, e por mais que seja certo o nosso estrago, sempre a vaidade para animarmos, o mostra como duvidoso; e sempre nos inspira que aos ousados a fortuna favorece. A vaidade não nos deixa, senão depois que nos entrega á morte, e só a morte que nos acaba, he o que acaba também a nossa vaidade.

O facinoroso he timido, porque o crime que envilece, acobarda. A vaidade, que também interiormente accusa, assim como augmenta as forças

cas donde vê alguma occasião de brio, tambem as debilita, donde encontra huma apparencia de desdouro: no crime o animo se abate, menos pelo medo do castigo, que pela qualidade d'elle; daqui vem que ha mais resolução no delicto, que não irroga infamia; e de tal sorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa; a mesma vaidade lhe serve de tormento, e o obriga a confessar. As leis conheceraõ bem este principio, por isso imaginaraõ penas vis; pozeraõ distincção no modo de as executar; e sabiamente introduziraõ nobreza, até no modo de morrer.

Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda maior; isto he huma pena permanente, successiva, indelebil: que comprehenda culpados, e innocentes; que induza infecção fatal, não só no sangue dos que estão, mas tambem no sangue dos que haõ de vir; e que faça detestavel, não só o author do crime; e a sua descendencia, mas ainda a mesma lembrança do seu nome. Quantos ha que não temem o castigo, pelo que este
tem

tem de insupportavel, mas pelo que tem de infame; e que o não receaõ pelo que toca a si, senaõ pelo que ha de tocar aos seus? A corrupçaõ da natureza, chega nelles a desprezar a sua propria conservaçaõ, mas não a sua reputaçãõ; desattendem ao seu opprobrio pessoal, mas não á aquelle que ha de ficar, e continuar nos que haõ de vir depois: este resto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes ensina, que o perder a vida não he grande pena; porque esta verdadeiramente não assenta em se perder a vida mas em a perder anticipadamente; e com effeito não he grande o mal, que sempre he infallivel por outra parte, e que por ora só consiste na circumstancia do tempo; isto he, em ser com antecedencia, e ser já, aquillo que certamente ha de vir a ser daqui a pouco: por isso o prezo, que se mata, he como hum prezo que foge; hum, e outro, illudio o castigo, porque este devia consistir na duracãõ, e não na extincçaõ. Daquella sorte ficou impunido o crime? Não, por-

porque supposto se auzentasse o delinquente , cá deixou o nome e a memoria ; e nesta ainda tem lugar a pena ; contra ella se fulmina a condemnação de hum labéo perpetuo : o que acabou com a fugida , ou com a morte , foi a pena temporal , e por consequencia pena curta, porque acabava com a vida; mas fica subsistindo a pena da ignominia, pena quasi sem fim , porque a tradição , e a historia a fazem renascer a cada instante. A vaidade faz-nos adorar o respeito , e a estimação dos homens ; por isso o desprezo afflige , ainda só considerado em hum cadaver , em huma posteridade , em hum nome ; a pena vil imposta em huma estatua faz pavor , não pelo que he , mas pelo que representa ; o criminoso , que de longe a considera , se estremece ; por via do pensamento se lhe communica de alguma sorte a dor , e assim nem por fugir ao castigo , fica livre delle. A vaidade entende que tudo quanto he nosso , he susceptivel de afflicção , e de prazer , de respeito , e de vituperio ; e assim nos persuade , que para

as

as razoens da mogoa, e do contentamento, a nossa semelhança tem ser, a nossa sombra vida, e a nossa estatua sentimento.

A falta de Religião, e de bons costumes, faz cahir o homem no estado total de perversidade; a falta de Religião consiste em se não temer a Deos; a falta de costumes resulta de se não temer os homens: e verdadeiramente quem não temer a Lei de Deos; nem as leis dos homens, que principio lhe fica por onde haja de obrar bem? A nossa natureza propende para o mal, por isso foi preciso prescrever-lhe hum certo modo de viver; vivemos por regras. No exercicio do mal achamos huma especie de doçura, e de naturalidade, as virtudes praticaõ-se por ensino, o vicio sabe-se, a virtude aprende-se. Miseravel condição do homem! O que devia saber, ignora, e o que devia ignorar, sabe: para o que nos he util necessitamos de estudo, e para o que nos he pernicioso não; para o bem necessitamos de lembrança, e para o mal de esquecimento. He necessario

rio que nos esqueçamos do mal, que já sabemos, e que nos lembremos do bem, que devemos saber; huma cousa custa-nos a lembrar, a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte, sem tempo, sem mestre, e sem trabalho; a virtude não vem communmente, senão como fruto da experiencia, da meditação, dos preceitos, e dos annos: para o vicio não necessitamos de conhecer, nem saber nada, para a virtude he nos preciso conhecer, e saber tudo. Difficilissima empreza! Exercitamos o vicio, ficando da mesma sorte que somos; em lugar que as virtudes, não as praticamos, sem que nos mudemos; toda a vida levamos nesta emenda: feliz o que a consegue! Hum homem ás avessas seria hum homem perfeito. Para obrarmos bem, não temos mais do que consultar a natureza, e fazer o contrario; se este documento fosse universal, e não tivesse alguma, ou muitas limitações, estava achado o meio de abbreviar huma das sciencias que nos he mais importante, então cada hum de nós

ti-

tinha em si o caso, e a lei; só com a differença, de que por obrigação da mesma lei, se havia de seguir a disposição que lhe fosse mais contraria; a sua observancia devia consistir na inobservancia, e a obediencia na desobediencia: e com effeito ha muitas cousas, que as não vê quem está no mesmo lugar, mas sim quem está em lugar opposto; outras conhecem-se melhor por aquillo que lhe he desconforme; e outras, para serem vistas como são, não se hão de ver directamente. Ha muitas partes donde se não pôde chegar, se logo no principio se não toma huma derrota falsa; e ainda nas verdades ha algumas, que se não pôdem alcançar, senão pelo caminho do erro; para acertar tambem he necessario ver primeiro o desacerto; a qualidade da luz distingue-se melhor pelos effeitos da sombra: quem olha para os montes do Occidente, vê primeiro nascer o Sol, do que quem inclina a vista no Oriente. E assim vimos ao mundo para fugirmos de nós, isto he das nossas paixões, e entre ellas das nossas
vai-

vaidades , destas porém não devemos fugir sempre , porque a vaidade ás vezes he hum vicio , que serve de moderar , ou impedir os outros ; e com effeito quem não tem vaidade alguma despreza a reputação , e por consequencia a honra : esta constitue huma Religião humana , que se não póde desprezar sem crime ; por isso o homem de iniquidade he a quem desempareou não só a virtude da raça , mas tambem o vicio da vaidade. Daqui vem que he util o ter alguma tintura de vaidade , a substancia não ; não ha de **ser** o corpo , mas a superficie.

Nos contratos tem pouca parte a boa fé ; as obrigaçoens não bastaõ , e as clausulas , por mais que sejaõ fortes , todas se controvertem , e pervertem : as condiçoens , por mais que sejaõ claras , escurecem-se ; nunca faltaõ pretextos para duvidar , nem meios para se fazer questã daquillo , em que a não póde haver. Da falta da boa fé nasce a duvida , da duvida nasce o argumento , do argumento a desfuniaõ , e desta a dissolução do

F

con-

contrato , ou a acção para o desfazer. No principio das nossas convenções ninguem adverte por onde possa nellas entrar a controversia , depois de celebradas em cada ponto se achão mil motivos de disputa ; humma virgula de menos , ou de mais , he bastante fundamento para humma larga discussão. Quando se não pôde negar o ajuste , nega-se-lhe o sentido ; e este quando se não pôde mudar , interpreta-se , e vem a ser o mesmo : o que não tem interesse em cumprir o ajuste he , o que descobre nelle as implicancias , e defeitos , que os outros lhe não vem : não ha cousa mais subtil do que a malicia ; a sinceridade he simples , grosseira , e innocente : o engano todo se compoem de arte ; por isso a perspicacia nos homens he qualidade suspeitosa , e que tem menos valor , que o que communmente se lhe dá ; porque se não he final de hum animo dobrado , e infiel , ao menos he prova de que o pode ser. Quem sabe o como o mal se faz , está mui perto de o fazer ; e quem sabe o como o engano se pra-

prática , também não está longe de enganar. A sciencia do engano he já hum principio delle ; que lhe falta a occasião , e a vontade ? A occasião pôde offerecer-se , e a vontade poucas vezes resiste a occasião. Por isso nos contratos he mais perigosa a fé nos que sabem mais ; o arrependimento he certo , quando em hum ajuste , ou não ha conveniencia , ou esta ja passou ; queremos affastar-nos do contrato ; o ponto he saber o como ; e assim para a infidelidade só nos falta o modo , a resolução não. O nosso cuidado todo está em descobrir o expediente , e isto em ordem a mostrar , que se mudamos , he por vicio do contrato , e não por nosso vicio. A repugnancia voluntaria , queremos fazer passar por necessaria : o violar a boa fé nunca nos serve de embaraço , com tanto que a violação se attribua a outrem ; e o ser a culpa nossa não importa , com tanto que pareça alheia ; aquillo em que hontem não havia nada de impossivel , porque era questão de receber , hoje he todo impraticavel , porque he

queiſtaõ de dar ; hontem parece que os montes ſe reduziaõ a planicies , hoje as planicies ſe reduzem a montes. Qualquer couſa he hum obſtáculo intratavel : aſſim devia ſer , porque o prometter he facil , o cumprir difficuloſo ; para prometter baſta a intençãõ. Quem promette , exercita hum aõto de liberdade , por iſſo pôde haver goſto na promeſſa ; quem cumpre , já he por força da obrigaçãõ , por iſſo em cumprir ha huma eſpecie de violencia : a ninguem ſe obriga a que prometta , a que cumpra ſim ; no prometter fazemos nós , no cumprir fazem-nos fazer ; em huma couſa nós ſomos o que obramos , na outra não ; para aquella vamos , para eſta leuaõ-nos ; no tempo de prometter o que vemos , ſaõ agra- dos , no tempo de cumprir o que achamos , ſaõ durezas ; huma couſa nos inclina , a outra offende-nos ; quando promettemos , ficamos bem com noſco , porque nunca faltaõ agra- decimento , e liſonjas , e por conſe- quencia vaidades ; quando havemos de cumprir , ficamos mal comnoſco ,
por;

Sobre a vaidade dos homens. 85

porque communmente nos arrependemos. Que cousa he o arrependimento, senão huma ira contra si proprio? Estes são os motivos de que nasce a deslealdade nos contratos; e que poucos se haviaõ de observar, se a vaidade que em tudo nos governa, não nos obrigasse a guardar a fé nas nossas convenções! Estas, quando se cumprem, não he por vontade, mas por vaidade; como o nosso empenho he conservar a estimação, e opiniaõ dos homens, por isso tememos que alguém diga, que mudamos, que faltamos ao ajuste, e á palavra, ou que enganamos: todas estas expressões infamaõ, porque contêm hum caracter de reprovaçãõ universal, trazem o desprezo em consequencia, e se se justificaõ, fazem perder o nome, e o respeito, á maneira de huma proscripção, ou anathema civil; por isso a vaidade se estremece, e nos obriga a ser leaes, por força da nossa mesma vaidade. He justiça rigorosa: de sorte que a vaidade sendo huma parte de nós mesmos se revolta, e se dirige: e
assim

assim são poucas as cousas ; que fazemos só pela obrigação , que temos de as fazer ; he necessario que outro maior motivo nos incite ; o que não fazemos pela verdade , fazemos pela vaidade , e desta sorte tudo quanto obramos , he por hum principio vicioso : o bem muitas vezes desce de huma origem má ; a razão no homem he como hum licor precioso em hum vaso impuro ; o licor sempre se contamina com a infecção do vaso ; este em nós he a vaidade.

São raras as acções , que sejam illustres por si mesmas ; apenas haverá algumas , que não deixem conhecer que vem do homem. As mais das cousas admirão-se , porque se não conhecem ; e juntamente porque nelas ha hum rico véo , que as cobre : vemos hum exterior brilhante , que muitas vezes serve de esconder hum abyssmo horrendo ; a mesma luz arma-se de raios , para que não possa examinar-se de donde lhe vem os resplandores : a formosura em tudo nos attrahe ; a nossa admiração não póde passar além ; donde a encontra ,ahi fica

fica suspenso , e cega. Isto succede nas acçoens dos homens ; as mais sublimes , parece que nos cegaõ , e suspendem ; e talvez seriaõ detestaveis , se lhes não ignorassemos as causas. Tudo o que tem ar de grande prende a nossa imaginação de sorte , que não fica livre para discorrer na cousa senão no estado de grandeza em que a vê , e não para indagar de donde veio , nem como veio. As aguas que saltão de hum rochedo , e que correm velozmente para o mar , antes que lá cheguem , vão passando por lugares differentes ; em huns alargão-se , em outros cabem mal ; em huns achão fundo , e caminham docemente , em outros só vão lavando a branca arêa ; em huns murmuraõ , em outros precipitaõ-se ; em huns não encontraõ embaraço , correm facilmente , e com socego , em outros detem-se , porque passaõ por pene-dos desiguaes , em huns parece que fogem , em outros tambem parece que descansão ; em huns vão sem rodeio , em outros retrocedem , e se quebraõ em mil giros ; aqui vão re-gan-

gando a flor do campo, alli vão banhando o junco humilde; aqui correm transparentes, e alli vão turvas, e limosas. Estas são todas as mudanças por onde passam as aguas de humma fonte, desde que deixam o rochedo donde nascem, até que entram no mar a donde morrem: confundidas hoje as suas aguas, já não são aguas de humma fonte; já não são aquellas, que vieram de hum rochedo sombrio, e cavernoso, mudado o nome, e o theatro, agora estão formando a immensidade do Oceano: já não servem de animar o prado, nem de triste companhia a hum amante solitario; já não servem de esprelho ás verdes ramas, nem o seu susfurro serve já de liquido instrumento ao canto singular das aves; finalmente já não são cristaes as suas aguas, são ondas. Desta mesma sorte são os homens: assim sahem, assim buscam, e assim chegam ao estado da grandeza; a vaidade, que os leva, e acompanha, logo lhes tira da memoria o lugar de que vieram, e os que andaram, e só lhes mostra aquelle a donde

Sobre a vaidade dos homens. 89

de estaõ : ha muitas cousas que não
queremos , ou não podemos ver nem
na sua origem , nem no seu progres-
so ; a excellencia do fim nos occupa
inteiramente , e impede , que veja-
mos a fatalidade , ou indignidade dos
seus meios ; até o nosso pensamento
parece que se deixa penetrar de at-
tenção , e de respeito , fortuna não
escolhe os homens , favorece ao pri-
meiro que encontra , porque todos
para a fortuna são iguaes , valem o
mesmo ; por isso o imperio do des-
tino he absoluto , sem regras , precei-
tos ; a vaidade nos insinúa , que to-
dos os meios , e caminhos são bons ,
quando se alcança : a gloria do suc-
cesso regula-se pela qualidade da vic-
toria , e não pela qualidade do ven-
cedor ; importa menos saber , quem
he o que venceo , ou como venceo ,
do que saber sómente quem venceo :
os homens só na razão de homens
tem igual direito huns para subirem ,
e outros para descerem ; o mereci-
mento só se peza naquelles que ca-
hem , e não nos que sobem. Os ca-
minhos examinaõ-se aquelles por on-
de

de se não chegou , e os meios são desapprovados , quando por elles se não conseguiu ; a fortuna costuma haver os merecimentos por justificados ; a desgraça não he assim , porque os deixa duvidosos , e sujeitos ao exame : as acçoens , que conduzirão a algum fim grande , ainda que injusto , são menos aborrecidas ; e isto á imitação da luz , que introduz a claridade na mesma escuridão das trévas. Na parte em que domina algum usurpador , para elle he que se olha , e não para a usurpação ; vê-se a altura do trono , e não se vem os degrãos por onde se subio a elle ; os meios por mais que sejam horrorosos , não se consideraão , porque são como degrãos , que se pisaão ; o ponto he que o fim seja feliz. Se a vaidade fosse huma virtude , só nos havia de inspirar meios virtuosos ; mas como he vicio , tudo nos ensina : por isso o ser cruel , traidor , tyranno , não faz horror a quem necessita da traição , da tyrannia , e da crueldade. O estado da grandeza poucas vezes se adquire justamente , a
for-

Sobre a vaidades dos homens. 91

fortuna parece que se irrita de que a não busquem por todos, e quaesquer modos : não ha cousa que nos faça buscar a fortuna tanto como a vaidade.

A ambição dos homens por hum parte, e pela outra a vaidade, tem feito da terra hum espectáculo de sangue : a mesma terra, que foi feita para todos, quizeraõ alguns fazella unicamente sua : digaõ os Alexandres, os Cesares, e outros mais conquistadores; heróes não por principio de virtude, ou de justiça, mas por hum excesso de fortuna, de ambição, e de vaidade. Esses mesmos, que tomados por si sós cabiaõ em hum breve espaço, medidos pelas suas vaidades, apenas cabiaõ em todo o mundo : que mais podia excogitar a vaidade, do que fazer que alguns se lamentassem de ser o mundo estreito, e limitado ! Já lhes parecia que o tinhaõ todo debaixo do seu poder; que tudo estava já sujeito, e que ainda assim era curto imperio todo o circuito da terra, e toda a vastidão do mar. Aquella vaidade-

dosa infelicidade de que se lamenta-
vão , consistia em não haver mais
mundos que pudessem invadir , de-
vastar , vencer ; era desgraça nelles o
não poderem fazer mais desgraça-
dos. Huma conquista injusta sempre
começa pela oppressão dos homens
conquistados , e pelo destroço de hu-
ma terra alheia , por isso as façanhas
que só tem por principio a vaidade
do valor , reputaõ-se grandes á pro-
porção da impiedade , com que o
mesmo valor as executa ; fazem-se
famosas pela mesma impiedade : da-
qui vem que nos annaes da Historia,
a parte que se admira mais , e que
mais se imprime na lembrança , he
aquella em que a narração se com-
poem de successos mais crueis ; e em
que os campos , que foraõ de bata-
lha , cubertos ainda hoje de esquele-
tos informes , e partidos conservaõ
certo horror ; esles campos fataes ,
em que se observaõ espectros , de
baixo da visãõ de humas luzes vola-
teis , e em que se ouvem ainda ho-
je , entre o rouco som de caixas , e
trombetas , vozes mal articuladas ,
ala-

Sobre a vaidade dos homens. 93

alaridos confusos, e lamentos tristes; esses campos, que depois de muitos seculos ainda trazem á memoria representações funestas, e em que as plantas, parece nascem com medo, e que o humor, que recebem da terra, he sensitivo; esses campos finalmente foraõ os mesmos, em que a vaidade vencedora, arrancou os louvores para coroar as suas empresas. Que monstro inspiraria a regra de medir-se a gloria dos combates, menos pela consequencia delles, que pelo estrago; menos pela utilidade, que pela ruina; menos pela fortuna de huns, que pela desgraça de outros? Quantos maiores saõ os ais, os gemidos, e os clamores, tanto maior he a acção, e a vaidade de quem os move. Que imaginação barbara, e feroz, seria a que ideou no vencimento o ser superior aquelle, de que resulta huma desolação universal? O ser cousa de que o mundo tome outra figura, outra ordem, outro movimento; o ver perturbadas as gentes, cheias de afflicção, e espanto; o achar todos os caminhos hu-

humedecidos com lagrimas ; rubricados com sangue , e impedidos com os despedaçados corpos de mil agonisantes ; o ouvir no ar em eccos entercadentes huma multidaõ de soluços , e suspiros ; o abater imperios , e fazer delles desertos solitarios ; tudo fórma hum objecto agradável , pomposo , e illustre , em que a vaidade se inflamma , se estende , e ensoberbece. A vaidade de hum enthusiasmo heroico consiste em querer reunir em hum só braço toda a força , que a Providencia repartio por muitos ; e em querer reduzir a hum só homem toda a natureza humana.

Nascem os homens iguaes ; hum mesmo , e igual principio os anima , os conserva , e tambem os debilita , e acaba. Somos organisados pela mesma fórma , e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixoens , e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol ; a Aurora a todos desperta para o trabalho ; o silencio da noite , annuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre , e se distribue em annos , mezes , e horas ,
pa-

Sobre a vaidade dos homens. 95

para todos se compoem do mesmo numero de instantes. Essa transparente regiaõ a todos abraça; todos achão nos elementos hum patrimonio commum, livre, e indefectivel; todos respiraõ o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da agua, e do fogo, a todos se communicão. O mundo não foi feito mais em beneficio de huns, que de outros, para todos he o mesmo; e para o uso d'elle todos tem igual direito; ou seja pela ordem da natureza, ou seja pela ordem da sua mesma instituiçaõ; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enleio de vaidades; e hum giro successivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a aversaõ, e o amor? Ainda ninguém nasceo com a propriedade de insensivel; a vida não pôde subsistir, sem estar subordinada ás impressões do gosto, e do sentimento. Todos nascemos para chorar, e para rir; a circumstancia de chorar mais, ou menos, resulta de cada hum de nós. A violencia, e a vaidade

de das nossas paixões nos faz appetecer; é quem appetite, já se expõem aos delirios do riso, e ás amarguras das lagrimas; esse mesmo appetecer ainda só por si, he huma especie de sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegam primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, já nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheios de alegria: somos tão sensíveis, que os successos para nos moverem, não he necessario que estejam em nós; basta que os vejamos de longe; a nossa sensibilidade tem maior força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera, ou se receia, não pôde haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensão maior; em lugar, que o mal que já se sente, pôde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritualizaõ para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia dellas se incorpore em nós,
mui-

muito antes que ellas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, já são nossas; e quando a causa se apresenta, já temos sentido os effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que ha falta naquillo que vimos a conseguir: as cousas, quando chegam, já nos acham saciados; porque o desejo he huma especie de gozar mais activa, e mais duravel, mais forte, e mais continua; daqui procede o ser tão diletavel a esperança, porque he huma especie de possessão daquillo que se espera. Quem imagina o que deseja, tudo pinta com cores lisonjeiras, e mais vivas; por isso a verdade he grosseira, e mal polida, tudo o que descobre, he sem adorno, antes faz desvanecer aquella apparencia feliz, com que os objectos primeiro se deixam ver na idéa, do que se mostram na realidade. Todas estas propensoens, e inclinaçoens se encontraõ em cada hum de nós; e assim devia ser, porque as variaçoens do tempo, da idade, da fortuna, e dos successos,

G ato;

a todos comprehende, e a todos iguala ; só a vaidade a todos distingue, e em todos poem hum final de differença, e hum caracter de desigualdade, e por mais que a terra fosse feita para todos, nem por isso a vaidade crê, que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer ; por isso nos inspira, que ha desigualdade no que he igual ; que ha differença no que he o mesmo ; e que ha diversidade donde a não póde haver : mas que importa que a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos são huns, e que os não ha de diferente fabrica ; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a insignia, o que fica, he hum homem simples ; despida a toga Consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitaõ a lança, o casco de ferro, e o peito de aço, não havemos de achar mais do que hum homem inutil, e sem defeza, e por isso timido, e cobarde. Os homens mudaõ-se todas as vezes que
se

se vestem ; como se o habito infundisse huma nova natureza : verdadeiramente não he o homem o que muda , muda-se o effeito que faz em nós a indicação do habito. De baixo de hum apresto militar , concebemos hum guerreiro valeroso ; de baixo de huma vestidura negra , e talar , o que se nos segura , he hum Jurisconsulto rigido , e inflexivel ; de baixo de hum semblante descarnado ; e macilento , o que descobrimos , he hum austero Anachoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que he , mas o que parece ; não vem feito , vem fazer-se ; finalmente não vem ser homem , vem ser hum homem graduado , illustrado , inspirado de forte que os attributos , com que a vaidade veste ao homem , são substituidos no lugar do mesmo homem ; e este fica sendo como hum accidente superficial , e estranho : a mascara , que encobre , fica identificada , e consubstancial á cousa encuberta ; o véo que esconde , fica unido intimamente á cousa escondida ; e assim não olhamos para o homem ; olhamos

G ii

mos para aquillo que o cobre , e que o cinge ; a guarnição he a que faz o homem , e este homem de fóra he a quem se dirigem os respeitos , e attenções ; ao de dentro não ; este despreza-se como huma cousa commua , vulgar , e uniforme em todos. A vaidade , e a fortuna são as que governaõ a força desta vida ; cada hum se poem no theatro com a pompa , com que a fortuna , e a vaidade o poem ; ninguem escolhe o papel ; cada hum recebe o que lhe daõ. Aquelle que sahe sem fausto , nem cortejo , e que logo no rosto indica , que he sujeito á dor , á afflicção , e á miseria , esse he o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinella , em huma mão tem o relógio do tempo , na outra tem a foice fatal , e com esta de hum golpe certo , e inevitavel , dá fim á tragedia , corre a cortina , e desapparece : a fortuna , e a vaidade , que vem desbaratada a scena , cahidas por terra as apparencias , prostrados os actores , emmudecido o coro , trocados os clarins em flautas

trif-

Sobre a vaidade dos homens. 101

tristes , os himnos em trenos , os canticos em elegias , e em epitafios os emblemas ; as rosas encarnadas convertidas em lírios roxos , os girasoes em desmaiadas allucenas , entrelaçados os louros no cipreste , os caçados confundidos com os cetros , e com burel a purpura ; a vaidade pois , e a fortuna , que em menos de hum instante virão desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte , precipitadamente fogem , e deixão hum lugar cheio de horror , e sombras , e donde só reina o luto , a verdade , e o desengano. Assim acaba o homem , assim acabaõ as suas glorias , e só assim acaba a sua vaidade.

A fraqueza dos nossos sentidos nos impede o gozar das cousas na sua simplicidade natural. Os elementos não são em si como nós os vemos : o ar , a agua , e a terra a cada instante mudaõ , o fogo toma a qualidade da materia que o produz , e tudo em fim se altera , e se empeora para ser proporcionado a nós. A virtude muitas vezes se acha com mistura de algum vicio ; no vicio tam-
bem

hem se pôdem encontrar alguns raios de virtude ; incapazes de hum ser constante , e solido , apenas se pôde dar em nós virtude sem mancha , ou perfeito vicio : a justiça tambem se compoem de iniquidade semelhante à harmonia , que não pôde subsistir sem dissonancia , antes com correspondencia certa , a dissonancia he humma parte da harmonia. Vemos as cousas pelo modo com que as podemos ver , isto he , confusamente , e por isso quasi sempre as vemos como ellas não são. As paixoens formão dentro de nós hum intrincado labirintho , e neste se perde o verdadeiro ser das cousas , porque cada humma dellas se apropria á natureza das paixoens por onde passa. Tomamos por substancia , e entidade , o que não he mais do que hum costume de ver , de ouvir , e de entender ; a vaidade , que de todas as paixoens he a mais forte , a todas arrasta , e dá ao nosso conceito a fórma , que lhe parece : o entendimento he como humma estampa , que se deixa figurar , e que facilmente recebe a figura , que se
lhe

lhe imprime. A vaidade propoem, e decide logo, de sorte que quando as cousas chegam ao entendimento, já este está vencido; o que faz he approvar a preocupação anterior, que a vaidade lhe introduz; e assim quando a vaidade busca o entendimento he só por formalidade, e só para a defender, e authorisar, e não para aconselhar. O discorrer com liberdade, suppoem huma exclusão de todas as paixões; que os homens se possam isentar de algumas, pôde ser, mas que de todas fique isento ao mesmo tempo, he mui difficil. Tudo quanto vemos, he como por huma interposta nuvem; o que imaginamos, tambem he como por entre o embaraço de mil principios differentes, incertos, e duvidosos; e quando nos parece que a nossa vista rompeo a nuvem, e que o nosso discurso desfez o embaraço, então he que estamos cegos, e então he que erramos mais. A vaidade nos tem em hum continuo movimento, e como he paixão dominante em nós, a todas as mais sujeita, e prevalece a

to-

todas : semelhante ao impulso das ondas , a que não resiste o fragil de huma náó , quando o mar embravecido a faz correr com a tormenta ; o navegante parece que busca o perigo , porque não se oppoem á corrente das aguas , antes as segue , e só assim escapa o naufragio. Quantas vezes o buscar o precipicio he o unico meio de o evitar ! A vaidade he a tormenta , ou o mar tempestuoso que nos move : o deixar de a seguir , nem sempre póde ser , nem he acertado sempre ; porque a vaidade he hum mal commum , e entre os homens he culpa o não participar de hum contagio universal ; he crime o conservar-se puro no meio da impureza : essas mesmas aguas nos ensinão ; todas se movem ; o furor , com que se quebraõ , as conserva ; o seu repouso seria o mesmo que a sua corrupçaõ.

Em nada podemos estar firmes , pois vivemos no meio de mil revoluçoens diversas : as idades , e a fortuna continuamente combatem a nossa constancia ; tudo consiste em re-
pre-

presentação que começa , não para existir , mas para acabar ; menos para ser , que para ter sido. Vimos ao mundo a mostrar-nos , e a fazer parte da diversidade d'elle ; as cousas parece que nos vão fugindo , até que nós vimos a desaparecer tambem. Somos formados de inclinaçoens oppositas entre si , e temos em nós hum propensão occulta , que sobre a apparencia de buscar os objectos , só procura nelles a mudança. A inconstancia nos serve de alivio , e desopprime , porque a firmeza he como hum pezo , que não podemos supportar sempre , por mais que seja leve : e com effeito como pôdem as nossas idéas serem fixas , e sempre as mesmas ; se nós sempre vamos sendo outros ? Tudo nos he dado por hum certo tempo ; em breves dias , e em breves horas se desvanece a razão da novidade , que nos fazia appetecer ; fica invisivel aquelle agrado , que nos tinha induzido para desejar. quantas vezes esperamos as sombras da noite com mais fervor do que as luzes do dia ; não por vicio do de-
se-

sejo , mas porque não temos forças para supportar o bem , nem para conservar o mal? 'Tudo' nos cança ; não só nos he preciso constancia para soffrer ; tambem necessitamos paciencia para gozar ; a mesma delicia nos importuna. Perdemos as cousas, primeiro pela nossa indifferença , que pelo fim dellas ; primeiro porque se acaba em nós o gosto , do que nellas a duração ; unicamente sensiveis quando começamos a ver , ou a alcançar ; então gozamos , depois só possuímos. Os objectos depois de vistos muitas vezes, ficam como differentes da primeira vez que os vimos ; perdem todo o nosso reparo , e attenção : os olhos facilmente se esquecem do que sempre vem ; não porque o costume nos tire a admiração , mas porque a fraqueza dos nossos sentidos a não póde conservar. Oh quão diversos são em si os principios de que se compoem o homem ; primeiramente terra , e ultimamente racional ! Começa a melhorar-se desde a sua primeira origem até que vem a tornar á aquillo de que procede-

cedep. Infeliz metamorfosis ! Tudo
o que nasce he para não ser firme,
nem constante : a terra apenas alenta
as suas producções, quando logo as
deixa, e desanima ; o mesmo firma-
mento, com giro rapido, esconde
pela tarde os Astros que amanhece-
raõ com a Aurora. Só a vaidade he
constante em nós ; em tudo o mais
a firmeza nos molesta : com o tempo,
e a razão vimos a perder huma gran-
de parte da sensibilidade no exerci-
cio das paixões ; porém o exercicio
da vaidade não se perde com a ra-
zão, nem com o tempo. O nosso
gosto debilita-se, altera-se, muda-se,
e tambem se acaba ; a vaidade sem-
pre persiste, e dura : isto deve ser,
porque os nossos sentidos usaõ-se ; a
vaidade não : naquelles o costume os
enfraquece, nesta o costume a aug-
menta, e aviva. A jurisdicção dos sen-
tidos he muito limitada, porque os
olhos só vem, os ouvidos só ou-
vem, e o tacto só sente ; e para ha-
ver ainda menos firmeza nos senti-
dos, estes quasi sempre estão enfer-
mos ; e não póde haver constancia,
don-

donde póde haver enfermidade , de sorte que a inconstancia não he mais do que enfermidade dos sentidos. As nossas acçoens dependem mais da constituição do nosso corpo , que da estabilidade da nossa vontade ; o estado do nosso animo depende da nossa disposição ; por isso a inconstancia he natural , porque logo que nascemos , entramos em hum estado continuo de mudar. O tempo não conta a nossa idade pelos annos , mas sim pelos instantes , e cada instante de mais tambem he de mais em nós humma mudança. Caminhamos com pressa , e com gosto para o fim ; semelhantes aos rios , que apressadamente correm para o mar , donde perdem a doçura , e acabaõ. Não ha imagem mais propria da vaidade humana , do que effes mesmos rios ; nem todos tem o nascimento em hum profundo lago ; nem todos trazem do monte Olimpo a origem ; nem todos correm por entre flores , por entre platanos , e cedros ; nem todos trazem ouro nas arêas , porque nem todos vem de donde vem o Tejo ; huns
al-

assim que nascem, logo formão hum diluvio de agua, innundaõ a campanha, e com violencia, e pezo, tudo abatem, forçaõ, levaõ; o leito que os sustenta, em partes se abre, se rompe, e se desfaz. Outros rios mais pequenos no principio, depois se fazem caudalosos, no caminho engrossaõ com emprestadas aguas, que recebem: huns correm por cima de esmeraldas, outros não tem no fundo mais do que humildes conchas, pardos seixos, verdes limos; huns nascem entre cristaes claros; outros entre rocha escura; huns passaõ escumando, e com estrondo, outros só murmuraõ; huns achaõ campo largo, em que as aguas se dilataõ, e em que o Sol se vê, outros correm prezos, e opprimidos por entre ferras agrestes, e sombrias; huns tem alto o nascimento, porque este he no cume de altos montes, por isso ainda quando descem passaõ com estrepito, e furor; outros tem o mesmo nascimento baixo, porque este he na parte mais remota de hum valle inferior, por isso correm man-
la-

samente, e sem ruido, só se deixaõ ver e não se ouvem; finalmente huns são frios com excesso; outros tem calor; huns servem de remedio, outros de mal; de huns sabe-se o principio, de outros não; huns tem nome famoso nos annaes da historia, outros apenas se conhecem. Todas estas differenças, encontraõ-se nos rios; huns pequenos; outros grandes; huns elevados, outros abatidos. Parece que tambem nas aguas ha fortuna, e vaidade. Mas que importa, a differença dos lugares, não faz que as aguas sejaõ diferentes: que humas nasçaõ nos montes, e outras nos valles; que humas venhaõ das nuvens, e outras da terra: que humas corraõ claras, e outras turvas, nada disso faz nas aguas diversidade alguma; todas são as mesmas na razão de aguas; o que succede he passarem por lugares differentes; a natureza, o principio, e o fim he o mesmo; todas vem do mar e tornaõ para o mar; o serem as aguas muitas, de sorte que cheguem a formar hum rio; ou serem poucas, de sorte que só fór-
mem

Sobre a vaidade dos homens. III.

mem huma fonte , não introduz nel-
las differença. Quem ha de dizer ,
que muitos homens , juntos na razaõ
de homens , sejaõ differentes daquel-
les que estaõ sós ? O mar he o centro
de donde as aguas sahem , e para
donde tornaõ ; os meatos da terra
em humas partes saõ estreitos e em
outras largos , daqui vem que quando
as aguas chegaõ á superficie do glo-
bo , succede sahirem com mais , ou
menos abundancia , e assim não diffe-
rem os rios das fontes , senaõ no
diametro do canal , e em este se ter-
minar em algum monte , ou algum
valle ; e nesta fórma de que se des-
vanecem esses rios ? Será de passa-
rem por caminhos mais , ou menos
largos ? De se juntarem huns com
outros , e fazerem mais volume ? De
encontrarem diamantes ? Ou de acha-
rem hum campo mais , ou menos
dilatado ? Nada disso he seu. Que
lustre pôde resultar do encontro de
huma cousa alheia , distincta , separa-
da , e estranha ? As aguas passaõ co-
mo saõ , e por passarem por rubins ,
não se convertem nelles , nem se dig-
ni-

nificação pela qualidade do caminho : o correrem mais juntas , não lhes muda a natureza ; a substancia de huma pinga de agua , he a mesma que a de hum rio inteiro ; o tamanho he circumstancia exterior , e independente. Na creação do mundo não houve nas aguas differença , só houve divisaõ ; a diversidade só foi no nome , e no lugar , mas não na materia original : o Espírito vivificante , e eterno , em todas infundio hum movimento proprio , circular , fecundo , e sujeito ás leis do pezo , e do equilibrio. Ha pois nas aguas o mesmo nascimento em todas , a mesma propriedade , e o mesmo fim. Assim são os homens ; no seu genero , tem com as aguas hum paralelo , ou figura igual. Nem todos nascem na abundancia ; nem a todos a fortuna litonjea ; huns parece que nascem para o descanso , outros para o trabalho , huns para a grandeza , outros para a humildade ; huns para a opulência , outros para a miséria ; huns para o respeito , outros para o despreito ; huns para a memoria , outros

tros para o esquecimento, huns para a bonança, outros para a tormenta; huns para venturas, outros para desgraças; huns para as attenções, outros para os descuidos; a huns vemos subir, a outros descer. Mas que importa que no exterior do homem haja tanta differença, se no seu interior não ha nenhuma? Que importa que sejam diversos os lugares, se nos sujeitos não ha diversidade? Quem ha de haver que diga, que o homem que está posto no elevado de huma torre, seja mais homem; que aquelle que está posto em campo razo? O homem muda de lugar, mas não muda o ser de homem; em toda a parte he o mesmo, e em nenhuma he mais, nem menos; pôde parecer maior, mas ser, não. O Sol no meio dia brilha mais, não porque deixe de ser o mesmo, nem porque então tenha mais luz; mas porque esta faz mais effeito em hum lugar, que em outro; no Occaso, e no Oriente he o mesmo Sol, e a mesma luz; mas não parece o mesmo. Assim são os homens; em qual-
H
que

quer parte que os ponhaõ , todos são iguaes , e uniformes ; a differença , que ha entre elles , não tem outro fundamento , que o que vem da preocupação , e do conceito ; são duas cousas , e ambas vãs , porque nenhuma tem realidade. A fortuna pôde armar o homem com jeroglificos , e adornos figurados , mas não o pôde armar sennaõ por fóra ; quem levantar as roupas , ha de ver o engano , e a supposiçaõ , e não ha de achar mais do que hum homem como os outros , cujo ornato he de pura fantasia , arbitraria , artificial , e separavel ; a fortuna pôde vestir , não pôde formar ; sabe fingir , mas não sabe fazer. O mesmo obsequio todo se compoem de hum ceremonial imaginario , mudavel , de instituição nacional , e variante. O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade , e da lisonja , primeiro que exhale o seu perfume , arde , e no ar se extingue , e se consome. Tudo o que nos recreia , e nos atrahie , he exalaçaõ , e fumo ; por isso o emprego da vaidade todo confis-

siste em dar substancia ás vozes, entidade ao modo, e corpo ao vento.

A vaidade satisfeita, ou offendida, he a que nos faz buscar a solidão, e o retiro; como temerosos de perder a tristeza, em que achamos hum agrado de genero diverso. Ha muitos males, em que a vaidade parece se deleita; e ainda sem vaidade a alegria muitas vezes nos socobra; não só o excesso, mas ainda a mediocridade della; porque nunca a gozamos sem alguma perturbação; hum receio insensível de a perdermos, basta para opprimir-nos, e por mais que o contentamento nos extasie, nunca nos deixa em estado de não sentir. A vaidade satisfeita não nos entrega á alegria, sem primeiro a temperar, com a mesma equidade com que nunca nos entrega todos á tristeza. A uniaõ do gosto com o pezar não he incompativel, por mais infinita que nos pareça a distancia de hum a outro extremo. Tambem a vaidade, e a humildade muitas vezes se encontraõ, se unem, e se conservaõ.

A mais pura alegria he aquella que gozamos no tempo da innocencia; estado venturoso, em que nada distinguimos por discurso, mas por instincto; em que nada considera a razao, [mas sim a] natureza. Entao circula veloz o nosso sangue, e os humores que em hum mundo novo, e resumido, apenas tem tomado os seus primeiros movimentos, os humores saõ os que produzem as nossas alegrias; e com effeito naõ ha alegria sem grande movimento; por isso vemos, que a tristeza nos abate, e a alegria nos move: o socego ainda que indica contentamenro, com tudo mais he representação da morte que da vida, e a tranquillidade póde dar descanso, porém alegria naõ a dá sempre. Mas como póde deixar de ser pura a alegria dos primeiros annos, se ainda entao a vaidade naõ domina em nós? Entao só sentimos o bem, e o mal, que resulta da dor, ou do prazer; depois tambem sentimos o mal, e o bem da opiniao; isto he da vaidade: por isso muitas cousas nos alegraõ, que to-

ma-

Sobre a vaidade dos homens. 117

madras em si mesmas , não tem mais bem , que aquelle com que a vaidade as considera ; e outras tambem nos entristecem , que tomadas só por si , não tem outro mal , que aquelle que a mesma vaidade lhes suppoem. A vaidade naturaliza em nós as opiniões do mundo ; e de tal sorte , que o conceito , que formamos das cousas , por mais que nos seja indifferente , ou incerto , sempre faz em nós huma verdadeira impressão de alegria , ou de tristeza. Tudo o que sabemos , he como por tradição : porque successivamente himos deixando huns aos outros as intelligências , em que se fundão as nossas vaidades , e as himos passando como de mão em mão ; as que recebemos dos que já vieraõ , essas mesmas havemos de deixar aos que haõ de vir ; he huma herança , que se distribue igualmente a todos , e que todos largaõ , e entregaõ na mesma fórma que recebem ; por isso as idéas novas reputaõ-se como partos illegitimos , e suppositos , porque lhes falta a authoridade do tempo , que as devia au-
au.

authenticar. Tudo envelhece no mundo ; e a velhice em tudo imprime hum caracter veneravel ; a antiguidade ennobrece as vaidades , e opinioens , e destas as modernas saõ menos singulares , porque tem a desgraça de começar : daqui vem que não temos alegria , senão em quanto não temos vaidade , e não temos vaidade , senão em quanto não temos sciencia della. A entrada da vida he innocente , por isso então he pura a alegria ; a continuacão da mesma vida he vaidosa , por isso a alegria então he imperfeita. Nos primeiros annos vemos as cousas como ellas saõ , depois vemosas , como os homens querem , que ellas sejam ; em hum tempo a alegria só depende de nós : depois tambem depende dos outros ; naquella a alegria vem de huma natureza ainda ignorante , e sem vaidade : depois procede de huma natureza já instruida , e por consequencia vaidosa. Que cousa he a sciencia humana , senão huma humana vaidade ? Quem nos dera , que assim como ha arte para saber , a houvesse tam-

tam-

tambem para ignorar ; e que assim como ha estudo , que nos ensina a lembrar , o houvesse tambem , que nos ensinasse a esquecer.

Somos compostos de huma infinidade de paixoes diversas , e entre ellas a alegria , e a tristeza saõ as que se manifestaõ mais , e as que saõ mais difficeis de occultar : o semblante reveste-se do estado do nosso animo , e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima , ou se mostra prostrada , e sem acção , ou cheia de huma justa desordem , e de alento ; se se vê afflicta , nos desempara , e se retira ao fundo mais interior de nós mesmos ; contente , procura apparecer , e se faz visivel debaixo da fórma do nosso riso. Isto mesmo succede á vaidade ; não se póde esconder , por mais que tome a figura de humildade , de submissaõ , e reverencia ; a mesma vaidade quando está contente , logo se descobre , e se deixa ver debaixo de hum ar altivo , e arrogante ; se está menos satisfeita , entaõ he que toma hum ar de devoção , e desengano : com

tudo a hipocrisia da vaidade póde durar muito ; porque como os homens de tudo se intumecem , em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial ; por isso não só ha vaidade na alegria , mas tambem na tristeza : o homem não só se desvanece da fortuna , mas tambem da desgrça ; de sorte que a vaidade he o mesmo que huma consolação universal.

A fortuna nos dispõe para a alegria , mas não he só o que a causa ; a desgrça conduz para a tristeza , porém não he só , o que a motiva ; antes parece que ha huma certa porção de alegria , e de tristeza , que ha de passar por nós precisamente ; a fortuna , e a desgrça não a produz , só a desperta. Tudo nos he dado como por conta ; a vida , a fortuna , a desgrça , a alegria , e a tristeza : em tudo ha hum ponto certo , e fixo ; a vaidade que governa todas as paixoens , em humas augmenta a actividade , em outras diminue ; e todas recebem o valor , que a vaidade lhes dá. Estamos no mundo para ser alvos do tempo ; e deste to-

todas as mudanças não se dirigem a nós, dirigem-se á nossa vaidade: os successos fazem effeito em nós, porque primeiro o fazem na nossa vaidade; de sorte que hum homem sem vaidade seria o mesmo que hum homem insensível; o prazer, e o desgosto, que não vem das primeiras leis da natureza, são vãos em si mesmos, de instituição politica, e unicamente creaturas da vaidade.

As virtudes humanas muitas vezes se compoem de melancolia, e de hum retiro agreste. As mais das vezes he humor o que julgamos razão; he temperamento o que chamamos desengano; e he enfermidade o que nos parece virtude. Tudo são effeitos da tristeza; esta nos obriga a seguir os partidos mais violentos, e mais duros, raras vezes nos faz reflectir sobre o passado; quasi sempre nos occupa em considerar futuros; por isso nos infunde temor, e cobia, na incerteza de acontecimentos felices, ou infausos; e verdadeiramente a alegria nos governa em forma, que seguimos como por força os
mo-

movimentos della ; e do mesmo modo os da tristeza. Hum animo alegre disfarça mal o riso ; hum coração triste encobre mal o seu desgosto : como ha de chorar quem está contente ? E como ha de rir quem está triste ? Se alguma vez se chora donde só se deve rir , ou se ri por aquillo porque se deve chorar , a alma então penetrada de dor , ou de prazer , desmente aquelle exterior fingido , e falso. Só a vaidade sabe transformar o gosto em dor ; e esta em prazer , a alegria em tristeza , e esta em contentamento ; por isso as feridas não se sentem , antes lisonjeão , quando foraõ alcançadas no ardor de huma peleja , esclarecida pelas circumstancias da victoria ; as cicatrizes por mais que cauzem deformidade enorme , não entristecem , antes alegraõ , porque servem de prova , e instrumento visivel , por onde a cada instante , e sem palavras , o valor se justifica ; saõ como huma prova muda , que todos entendem , e que todos vem com admiração , e com respeito ; a tristeza , que devia resultar da fealdade ,

con-

Sobre a vaidade dos homens. 123

confunde-se , perde-se , e se muda em alegria , por meio das acclamaçoens do applauso ; a dor do golpe tambem se converte em gosto , por meio do remedio , e sympathia do louvor ; este attrahe a si toda a nossa sensibilidade , e deixa a natureza como insensível , absorta , e indolente : assim se vê , que a vaidade nos livra de huma dor como por encanto ; por isso nos he util , pois serve de acalmar os nossos males ; e se os agrava alguma vez , he como a mão do artista , que faz doer para curar : e com effeito a vaidade não persiste muito em fazer sensível a razão que nos molesta ; na mesma injuria do desprezo sabe descobrir algum motivo , que ou diminue a pena , ou totalmente a tira ; lá vai buscar a Religião para fazer da paciencia o maior merecimento ; outras vezes faz que achemos nos exemplos hum alivio constante ; e que o mesmo vituperio , visto em sujeitos grandes , não só desfarça o nosso pela imitação , mas que tambem o authorize , e illustre pela razão da semelhança. A vaidade

de não coniente , que a nossa pre-
sumpção fique abatida , antes para a
conservar , lembra mil interpreta-
ções , e applicações forçadas ; da-
qui vem o excogitar a vaidade a re-
gra , de que hum dos privilegios da
grandeza , he ser superior ás maxi-
mas do vulgo , e que nella o des-
credito não desacredita , a deshonra
não deshonra , e a infamia não infa-
ma. A vaidade da grandeza parece
que he mais subtil , e mais vã do
que as outras vaidades , pois intro-
duz o poder , e a authoridade , até
no modo de pensar. Mas que impor-
ta que a vaidade estabeleça regras ,
se estas sempre ficam dependentes da
approvação dos homens ; e se estes
não sabem sujeitar os seus concei-
tos , senão á aquillo que he com-
mum , que toca a todos , e que a
todos comprehende? Por isso assim
como em todos póde ter lugar a
causa da ignominia , tambem em to-
dos póde ter lugar o effeito della.
A vaidade póde enganar a cada hum,
pelo que respeita a si , mas não pó-
de enganar a todos , pelo que respei-
ta

ta a cada hum. Contra a imaginação não ha poder , contra as acçoens , fim ; o pensamento em quanto não sahe da sua esféra , tem huma liberdade inteira , impenetravel , e muitas vezes insensível. Creia pois a grandeza o que quizer de si , porque tambem nós havemos de crer della o que quizermos. A sua vaidade poderá prometter-lhe , ou fingir-lhe varias izençoens , porém fundallas , não ; poderá querer introduzir , mas fazer reconhecer , de nenhuma sorte. O labéo para todos he o mesmo , e se ha nelle differença , he que nas pessoas eminentes fica sendo mais reparavel , e maior. Em huma pedra vil não ha imperfeição a que se attenda muito ; em huma pedra preciosa qualquer defeito lhe faz perder a estimação : as manchas de hum Planeta são imperceptiveis ; no Sol qualquer vapor o offusca ; o menor eclipse he de todos conhecido ; todos o calculão , todos o vem , e o medem ! Nas sombras não ha que distinguir , na luz qualquer alteração he reparavel.

A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste; a nossa alegria tudo nos mostra alegre; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado: os objectos influem menos em nós, do que nós influimos em nós mesmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo se compoem, por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos dellas no estado, em que as achamos, mas sim naquelle em que ellas nos achão. A delicia dos olhos, e do gosto, depende mais da nossa disposição, que da sua efficacia; o mesmo, que hontem nos attrahio, hoje nos aborrece; hontem porque estava sem perturbação o nosso animo, hoje porque está com desatocgo; e tudo porque não somos hoje, o que honte fomos: o mesmo que hoje nos agrada, a menha nos desgosta, e os objectos, por serem os mesmos, não causão sempre em nós as mesmas impressões; e por motivos differentes recebemos alteraçoens iguaes. O pouco que basta para affligir-nos, ou para contentar-nos,

Sobre a vaidade dos homens. 127

nos, bem mostra o pouco constantes, que são em nós a afflicção, e o contentamento; por isso huma, e outra cousa nos deixa com a mesma facilidade com que nos penetra. Como a maior parte das cousas, que sentimos, he sem razão, tambem nos não he necessario razão para deixarmos de as sentir; espaços de tempo, em que nos esquecemos de sorte, que ficamos indifferentes para tudo; e que tudo nos fica indifferente. A mesma natureza a cada passo equivoca, com ais denota o contentamento, e explica com gemidos o alvoroço; as ancias, e suspiros, que acompanhaõ o tormento, tambem são do gosto a imagem, e a expressão mais viva. A vaidade, que communmente produz as nossas alegrias, e tristezas, humas vezes tudo nos representa alegre, outras tudo nos offerece triste. Tambem na vaidade ha horas; em humas occupa-se em objectos de grandeza, em outras toda se entretem em idéas de opulencia; humas vezes realiza a nossa fantasia, em fórma, que tudo nos propoem

poem já conseguido; então he que a vaidade nos enche de alegria; e he tambem quando a alegria he vã, porque o seu motivo não tem corpo, e só se compoem de huma visão, ou sonho: outras vezes a vaidade nos enfeita com adornos tão ricos, e sublimes, que não podendo sopportar, nem o esplendor, nem o pezo da figura, ella mesma se desvanece; então he que a tristeza nos combate, porque então nos vemos como somos. O homem em si, he obra de huma intelligencia inexplicavel. Os seus adornos he que são materiaes; a mesma grandeza, e fausto, só consta de hum apparato superficial, risivel, e que não tem mais valor, que o que a vaidade e o costume lhe tem dado: o costume he tudo; as cousas não são nada; o de que fazemos tanto caso, não he mais, do que o modo com que os homens significão, ou explicão o respeito; o mesmo costume faz, que busquemos humas cousas, e fugimos de outras, e que humas nos entristecem, e outras nos alegrão; e como hum mes-

mo

mo objecto póde ser considerado por modos mui diversos , por isso alguns ha que ao mesmo tempo nos alegraõ , e entristecem ; ao mesmo tempo nos fazem chorar , e rir ; amar , e aborrecer ; por isso os nossos affectos mudaõ-se , encontraõ-se e variaõ. Somos os instrumentos da vaidade ; ella nos tempera , e poem no tom , que lhe parece ; humas vezes nos levanta , outras nos abaixa ; humas vezes he hum tom subtil , delicado , e agradavel ; outras he hum tom aspero , duro , e pouco armoniozo. A sociedade dos homens fórma hum concerto de infinitas vozes , e de infinita diversidade. Todos choraõ , e todos cantaõ ; a vaidade a todos dá porque cantem , e porque chorem ; todos entraõ como partes principaes ; ninguem fica destinado , sómente para ouvir , e ver ; em quanto dura a acção , (isto he a vida) todos fallaõ , depois todos emmudecem ; a estatua , que a vaidade enchia de ardor , e movimento ; depois fica immovel , e insensivel o mesmo homem , que attrahia tudo a si , depois tudo

I faz

faz fugir de si ; que notavel differença ! O mesmo que se via com gosto, e com respeito, depois se se vê, he com horror ; e isto porque finalmente veio a desfazer-se o edificio mais nobre, mais regular, e mais soberbo, a melhor architectura jaz por terra ; os marmores ficaraõ sem lustro, as colunas sem força, os porticos sem ordem, os ornatos sem graça : já se não vem senão torres abatidas, muros arrancados, frizos rotos, bazes despedaçadas : não ha parte, por mais minima que seja, em que a ruina não seja universal ; he ruina, em que não pôde haver reparo ; he templo, cuja destrucção não se pôde reedificar por arte : os materiaes confusos, inuteis já, perdida a proporção, a medida, a correspondencia, o polimento, e ainda a mesma substancia da materia, tendem desordenadamente a huma transformação fatal, impura, fetida, verminosa, e horrenda ; a terra piedosamente se abre, como para recolher, ou esconder em seu seio, o mesmo que tinha sahido d'elle ; com a differença lastimosa de receber em

em hum cadaver , simbolo do espanto, e da tristeza, aquillo mesmo que havia entregue em hum homem , simbolo da alegria, e da vaidade.

Os tempos , e as occasioens , tirão, ou dão valor á vaidade dos homens; e ainda que nelles se vejaõ as mesmas vaidades, com tudo ha vaidades predominantes , que se mostraõ mais em certos tempos , e que em certas occasioens se encontraõ mais. Assim como nas outras cousas, tambem na vaidade algumas ha, que saõ como filhas de hum lugar , e que em hum paiz tem mais reputação que em outro. Os vicios lá parece que dependem da fortuna; porque as illusoens que os homens idolatraõ , não tem igual estimacão em toda a parte. Assim como mudamos de destino , tambem mudamos de vaidades , não porque deixamos totalmente humas , para seguirmos outras; mas porque ha vaidade, que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra seja o primeiro movel da vegetação , com tudo, nem toda a terra he propria para todo o

vegetal ; aquella em que nasce a rosa , muitas vezes se nega ao lirio ; alli donde o jasmim se cria , da-se mal a assucena ; lá donde o urmo reverdece , não póde tomar alento a hera : a mesma terra , baze de todo o sensitivo , só na Africa he patria do Leão , na America do Leopardo , na Asia do Elefante ; o Cisne só canta nas ribeiras do Meandro ; a Feniz só na Arabia se diz que sabe renascer das suas cinzas ; a Aguia não remonta ao Sol em qualquer parte. Isto mesmo se vê na vaidade , humas nascem com o homem ; essas são vaidades universaes , outras resultaõ das opinioens , que são proprias , e particulares a cada huma das naçoens ; essas são vaidades locaes , e territoriaes : e nesta fórma governa a vaidade o mundo , dividida em muitas classes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma regiaõ a vaidade dominante consiste no valor , em outra no luxo , em outra na origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de alguns vicios , a que os inclina a qualidade do clima , e necessidade

Sobre a vaidade dos homens. 133

de do terreno ; de sorte que aquillo
mesmo , que em hum lugar se faz
por vaidade , em outro por vaidade
naõ se faz ; aquillo , que em huma
parte se estima por vaidade , em ou-
tra por vaidade se despreza : como a
vaidade depende da opiniaõ das gen-
tes , por isso he taõ mudavel como
a mesma opiniaõ ; e com effeito a
vaidade he cousa effencial no ho-
mem ; a especie della naõ. Vivemos
continuamente em esperanças , e quan-
do alguma nos deixa , e nos engana ,
logo nos deixamos enganar por ou-
tro ; naõ podemos viver sem aquelle
ano. A vaidade que nos anima
primeiro ; anima todas as paixoes ,
só com a differença de que esta nos-
sa terra , ou esta terra do homem ,
naturalmente produz esperança , e
vaidade , e tudo o mais vem por
força da cultura , e do artificio. O
mesmo amor está sujeito ás leis da
vaidade. Quem dissera , que o amor,
que he como a alma de toda a na-
tureza , tenha na vaidade o seu prin-
cipio , e algumas vezes o seu fim.
Nascer o amor da vaidade , e morrer
por

por ella , isto he amar por vaidade; e tambem por vaidade não amar , ou deixar de amar , parece difficil de entender ; com tudo a proposição he certa ; mas como havemos de mostralla , sem entrar ao mesmo tempo em huma successiva progressão a respeito do amor , a respeito da formosura , e por consequencia a respeito das mulheres ? Sim faremos alguma digressão : mas que importa , em tudo havemos de encontrar a vaidade. Deixemos por hum pouco a vaidade só ; não sejaõ tudo reflexoens sobre o fim do homem , sejaõ algumas sobre o seu principio ; não o busquemos naquelle estado , em que elle acaba , mas sim naquelle , em que começa ; larguemos hum instante aquelle assumpto triste , e busquemos no amor hum mais alegre ; façamos da mesma digressão , divertimento , depois sempre acharemos vaidade na formosura , no amor , e nas mulheres.

O amor não se póde definir ; e talvez que esta seja a sua melhor definição. Sendo em nós limitado o
mo-

Sobre a vaidade dos homens. 135

modo de explicar, he infinito o modo de sentir; por isso nem tudo o que se sabe sentir, se sabe dizer: o gosto, e a dor, não se podem reduzir a palavras. O amor não só tem occupado, e ha de occupar o coração dos homens, mas tambem os seus discursos; porém por mais que a imaginação se esforce, tudo o que produzir a respeito do amor, são atomos. Os que amam não tem livre o espirito para dizerem o que sentem; e sempre acham que o que sentem he muito mais do que o que dizem; o mesmo amor entorpece a idéa, e lhes serve de embaraço: os que não amam, mal podem discorrer sobre huma impressão, que ignoram; os que amam, são como a cinza fria, donde só se reconhece o effeito da chama, e não a sua natureza; ou tambem como o cometa, que depois de girar a esfera, sem deixar vestigio algum, desaparece.

Conhecemos as cousas, não pelo que ellas são em si, mas pela differença, que entre ellas ha, e esta dif-

differeça consiste em não serem humas o mesmo que outras são; a effeçcia das cousas nos he totalmente occulta; e assim conhecemos os objectos, pela diversidade das figuras, e não pela substancia delles; a nossa noticia; toda se compoem de comparaçoens; por isso aquillo que não tem cousa, que lhe seja em alguma parte semelhante, fica sendo inexplicavel: isto succede ao amor; ninguem o póde explicar verdadeiramente, porque não ha cousa, a que seja verdadeiramente comparavel; o mais a que o conceito chega, he a servir-se de expressoens oppostas entre si, como quando se diz, que o amor he fogo, que he neve, que he alivio, que he pena, que he luz, que he sombra.

O amor distingue-se das mais paixoens, em ter por objecto hum fim corporal, sujeito á saciedade; por isso dura por intervallos. A Providencia para conservação do mundo, fuscitou o amor, não só nos homens, mas em toda a natureza: ainda os insensíveis, parece que amaõ, e que sen-

Sobre a vaidade dos homens. 137

sentem ; a differença deve de estar no modo de amar , e de sentir. As creaturas são mais perfeitas , á proporção que são capazes de mais amor ; e assim o amor não só he o principio da vida , mas tambem he hum final de perfeição.

Dizer que o amor procede de hum certa conformidade de humores, e de genio , mais he subtileza , que verdade ; a filosofia nesta parte não foi mais feliz que em outras, donde a sciencia consiste em saber mais termos , e palavras , e não em saber mais cousas. Digamos antes , que o amor procede da formosura ; que origem lhe havemos de dar mais nobre ? A razão mais facil costuma ser ás vezes a mais certa ; duvide-se embora da origem da formosura , porém não se duvide da do amor.

Cada cousa tem hum limite certo , entre cuja extremidade se deve conter, e regular ; porém esse tal limite não he facil de se achar ; e no amor he quasi impraticavel , porque he huma paixão que não tem limite, e que só no excesso se mostra , e se acre-

acredita. Não ha delirio, que os homens não desculpem, quando vem de hum grande amor; ha delictos em que o perdaõ se alcança em favor do mesmo crime; entaõ aborrece-se o effeito, mas a causa admira-se; ninguém quizera o successo em si, mas todos invejaõ o motivo.

Hum amor mediocre, e vulgar só se occupa no deleite dos sentidos, e d'elle faz a maior felicidade; hum amor sublime alimenta-se em contemplar o objecto que ama; este he o amor humano, de quem se diz tem semelhança com o amor divino. Ha vicios, que de alguma sorte, parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario he impulso da natureza; o amor subido he como huma emanação da alma; aquelle he sujeito á fadiga, e por consequencia á dor; porque a fadiga he huma especie de dor, e de tormento, porém este não he susceptivel de algum desasosgo; aquelle busca fóra de si o alivio; este acha em si mesmo o contentamento; hum he como dependente da vontade de

ou-

Sobre a vaidade dos homens. 139

outrem ; o outro he izento do arbitrio alheio. O nosso bem só deve depender de nós ; por isso nos fazemos infelices , á proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte. Mas como pôde deixar de ser assim ? O nosso desejo não se pôde conter dentro de nós , porque os seus objectos todos são exteriores , a cada instante envelhecemos , porém os nossos desejos a cada instante se renovão , e renascem : vivemos no mundo rodeados de huma immensidade de cousas diferentes , e estas successivamente vão sendo o emprego do nosso cuidado , e das nossas attencões ; todas achão em nós huma certa disposição , que faz , que a humas queremos , e a outras não ; as nossas paixões são as que escolhem , ou reprovaõ ; as cousas já vem configuradas em tal fórma , que assim que nos encontraõ , logo achão ; ou hum lugar proporcionado , ou incompativel , tudo aquillo em que ha grandeza , e pompa , a vaidade o recebe , e guarda ; tudo o em que se mostra formosura , o amor o abraça , e se sus-

suspende. Tudo entra em nós , ou por força de amor , ou por força de vaidade : a quem a vaidade não vence , vence o amor.

Não temos liberdade para deixar de amar a formosura do mundo , e das suas partes ; não temos livre o alvedrio para resistir ao encanto , que a natureza esconde nas suas produções. A variedade das cores , o movimento dos brutos , o canto das aves , o elevado dos montes , o amenos dos valles , a verdura dos campos , a suavidade das flores , e o cristallino das aguas , tudo attrahe a nossa admiração , e tudo nos infunde amor. A fabrica do universo he como hum retrato da Omnipotencia ; a grandeza do effeito indica a magestade da causa ; por isso o amor , ou o louvor da obra , cede em honra do artifice.

Esta insigne machina serve de delicia aos nossos olhos , e de palmo ao nosso entendimento , toda se compoem de partes agradaveis , como se inteiramente fosse tirada de hum fundo , ou principio immenso de formosura.

Sobre a vaidade dos homens. 141

jura. A mesma desordem, e confusão das cousas nos recrea ; o furor dos elementos fórma hum espectáculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores , a agua com os seus combates, e o fogo com os seus incendios. No vento admiramos hum ar , ou espirito en- visível, cuja força se emprega na ruina de muitas cousas solidas ; os terremotos já reduzirão em montes as planicies , e fizirão planicies dos montes , como se o mundo não tivera o seu assento firme ; as aguas entre si se quebraão, e despedação, e quanto mais horriveis , e agitadas, tanto mais nos mostraão em liquido theatro mil vistosas apparencias ; o fogo ainda quando parece raio nos diverte, e ainda quando abraza allumêa; a formosura até se sabe introduzir na fealdade , no horror, no espanto.

Vemos a perfeição dos objectos ; mas ignoramos a qualidade delles, por isso os amamos , porque o amor quasi sempre foge, assim que conhece a natureza do que ama. Os anti-
gos

gos pintaraõ ao amor cego , talvez para mostrar , que o amor para ser constante , he preciso que seja incapaz de ver , e que a falta de luz lhe sirva de prizaõ. Muitas cousas estimamos sómente porque as não conhecemos , e outras porque as não conhecemos , as não estimamos , tanto he certo que não ha nada certo no mundo ; nos mesmos principios se fundaõ muitas cousas contrarias , e oppostas entre si.

A primeira cousa , que a natureza nos ensina , he amar ; e assim o primeiro affecto , que sabemos , he aquelle mesmo por onde a nossa existencia começa a ter principio. Novos no mundo porém não no amor , esse se manifesta em nós logo no berço ; alli mostramos para alguns objectos desagrado , e inclinação para outros ; a huns buscamos com rizo , e de outros fugimos com medo ; huns nos servem de espanto , outros de divertimento , choramos por alcançar huns e tambem choramos por evitar outros ; como se o odio , e o amor naquella idade não tivessem outro mo-

do

Sobre a vaidade dos homens. 143

do de explicar-se , nem foubessem mais idioma que o das lagrimas : tambem não he novo o chorar-se de gofio , do mesmo modo com que se chora de pena.

Nos primeiros annos da vida toda a variedade nos attrahe ; entramos neste grande theatro cheios de gofio , e contentamento , sem experiencia das impressões da dor , e ignorando os effeitos da vaidade ; por isso não temos então , nem pensamentos que afflijaõ , nem cuidados que mortifiquem ; não nos combatem as lembranças da morte , e se vemos os seus triunfos , ou já nos epitafios , ou já nas pompas funebres , parece-nos que está tão longe de nós aquelle estrago , que na mesma distancia , em que a nossa idéa o considera , se confunde , e desvanece o horror. Que feliz ignorancia , e que venturoso descuido ? Em continua travessura passamos aquelles annos , em que os nossos espiritos , ou por mais vivos , ou por mais alegres , apenas cabem em nós. Os campos , as flores , as aves , os rios , tudo nos serve de jogo innocuo-

nocente, e de festiva occupação: estes são os ensaios, e preludios, com que o tempo dispoem a nossa docil innocencia; e com que hum amor universal a tudo quanto vemos, depois só se reduz á aquelle amor, que tem por objecto a duração do mundo, ou a nossa mesma reprodução; por isso a poucos passos começamos a sentir hum novo impulso; aquelle agrado commum, com que viamos as cousas, já se distingue, olhando com especialidade para algumas, e com indifferença para as mais; como se estas fossem destinadas para entreter as nossas primeiras attençãoens, sendo só humas o para que nos dirigia o fim da natureza.

Esses primeiros annos todos se compoem de amor, e de esperança: estes dous affectos tomaõ a melhor parte de nós, ou escolhem para si aquelle tempo em que vivemos com mais vida; no seu principio, e no seu progresso he o amor huma paixão cheia de enthusiasmo, e de furor, depois perde totalmente a violencia; por isso amamos mais, quando sabe-

mos

mos amar menos , isto he quando amamos quasi por instincto ; e com effeito o amor não se introduz por discurso , e se alguma vez discorre , he final que está perto de acabar ; porque o amor só he prudente quando acaba , não porque então o seja em si , mas porque então amamos como nós queremos , e não como o amor quer.

Culpa-se ao amor de vario , e de inconstante , sendo que as mais das vezes seria maior a sua culpa , se fosse constante , e firme : o amor só quando deixa de amar se emenda , só quando he vario se justifica , e só quando he inconstante se desculpa : quando começa , parece que não he erro o amor ; porque mal se póde evitar aquelle primeiro instante que nos attrahe ; aquella primeira luz que nos assombra ; aquelle primeiro agrado que nos engana : o nosso arbitrio ; ou a nossa reflexão , vem depois , como remedio que sempre suppoem succedido o mal : não se póde fugir do raio despedido de huma nuvem ; o amor , ainda nos alcança com mais

K

pres.

pressa, e mais vigor, porque he raio, que se fórma dentro de nós mesmos; o valor consiste em arrancar a setta, por mais que fique despedaçado o peito.

Naõ somos firmes no amor, porque em nada podemos ser constantes: continuamente nos vai mudando o tempo; huma hora de mais he mais em nós huma mudança. A cada passo que damos no discurso da vida, himos nascendo de novo, porque a cada passo himos deixando o que fomos, e começamos a ser outros: cada dia nascemos, porque cada dia mudamos; e quanto mais nascemos desta sorte, tanto mais nos fica perto o fim, que nos espera. A inconstancia, que he hum acto da alma, ou da vontade, naõ se faz sem movimento; a natureza naõ se conserva, e dura, senaõ porque se muda, e move. O mundo teve o seu principio no primeiro impulso, que lhe deo o supremo Artifice; a mesma luz, que he huma bella imagem da Omnipotencia, toda se compoem de huma materia tremula, inconstante,

e va-

e varia. Tudo vive em fim do movimento ; a falta de mudança he o mesmo que falta de vida ; e de existencia , e assim a firmeza he como hum attributo essencial da morte.

Se em nada pois ha permanencia, e se o estado da firmeza he contrario ás leis da vida ; como póde ser que haja amor constante? Isso he hum impossivel desejado. Não ha nada izento das revoluçoens, e alteraçõens do mundo ; tudo nelle se muda, porque tudo se move ; por isso a firmeza he violenta , ao mesmo tempo que a inconstancia he natural. Para sermos firmes, he nos necessario força, porque temos que vencer a economia ; e ordem que não permite repouso em cousa alguma ; para mudarmos, a mesma natureza nos inclina , e guia ; semelhante a qualquer pezo , que sobe com violencia, e desce por si mesmo. O movimento, e a mudança , de que depende o ser das cousas, tambem he principio do fim dellas ; sem mudança, e movimento , nem se póde existir , nem acabar ; a mesma origem da vida

tambem he da morte a causa; por isso he taõ certa a morte, e taõ curta a vida; porque hum, e outro extremo, nascem do mesmo modo, e se criaõ no mesmo berço.

O amor he hum iufluxo da belleza, por isso esta raras vezes anda solitaria, e quasi sempre a acompanha o amor: agradavel mas louca companhia; appetecida, mas traidora felicidade! Compoem se a formosura de huma certa modulaçaõ das partes; obra mais do acaço, que de hum cuidado especial da natureza: mas porém deve admirar-se hum instrumento, cujas cordas só produzem armonia: assim he a formosura; e he pouco de estimar aquelle, de donde só resulta dissonancia; assim he a fealdade. A formosura reside em huma forma exterior; o amor parece que he hum effeito da vontade, ou do desejo; aquella mostra-se, porém este esconde-se; este he invisivel, porém aquella vê-se: a formosura póde dizer-se o como he, porém o amor não; porque quem o tem, sente sem saber o que, e quem o não tem, ainda o conhece menos.

O amor nasce da formosura , e com ella morre ; e assim como póde haver amor constante , se he tão pouco constante a formosura ? E se esta muda tanto , como póde ser que o amor não mude ? Ha tres progressos em tudo quanto a natureza abraça ; o primeiro he de crescer , o segundo de estar , e o terceiro de diminuir : nesta lei tambem entra a formosura ; cresce , está , e diminue. O amor fielmente segue a formosura ; não muda quando a formosura cresce ; não foge quando ella está , mas com ella diminue , e acaba. O tempo com hum passo subtil , e disfarçado lentamente imprime na belleza o seu caracter ; já começa a ser tibia a luz dos olhos ; já se mostra tem sabor o agrado , e já fica tem alma a mesma graça ; acabou-se pois a formosura , e apenas póde descobrir-se a sua ruina entre os mesmos sinaes do seu estrago : tudo são riscos donde se vê como em padroens fataes escrita a impressão dos dias ; tudo são concavidades , donde se mostra como em funesto exemplo gravado o rigor do tem-

tempo : essa imagem desvêlo que foi da idolatria , cuidado de attenção , e finalmente emprego que foi de tantos votos , já se vê sem altar , e sem veneração ; e trocado o culto em vituperio , só ficou para objecto do desprezo ; como se a idade fosse algum delicto , ou fosse culpa o numero dos annos ; assim acaba a formosura , assim acaba o seu imperio , e tambem assim acaba o amor. O Sol nascendo no Oriente , vem cheio de belleza , e resplendor ; por isso tudo são attributos , tudo admirações , e tudo amores : as fontes o festejam murmurando ; as aves o annunciam com requiebrós , e as flores com o rizo o lizonjeam ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso ; e depois que os resplandores se mudam no occaso em pallido semblante , logo acabam os amores , as admirações , e todos os tributos ; na mesma tumba , em que se apaga a luz , tambem se extingue o applauso ; na mesma sombra , em que se encobre o dia , tambem se esconde o obsequio ; e o respeito acaba

ba nas mesmas ondas, em que faz naufragio o Sol.

Succede muitas vezes mudar o amor, primeiro que a formosura mude, isto dizem que faz o amor ingrato; porém a mudança quasi sempre he culpa da belleza, e não do amor. Naturalmente a formosura he soberba, vaidosa, impia, e arrogante; não só recuza, mas despreza, não só desdenha, mas injuria. Hum objecto amavel basta para produzir amor, mas não basta para o conservar; o amor nasce facilmente, mas dura com difficuldade; porque o imperio da belleza sempre foi tyranno, e sem brandura, não ha dominio permanente. O amor he acto de hum movimento repentino; a conservação delle vem por discurso, por isso a primeira cousa he facil, e difficultoza a outra. Não ha encanto perpetuo; o do amor tambem tem fim, e em quanto dura, he por intervallos; e ainda que o amor seja prompto, e arrebatado em conquistar, por isso mesmo nada tem seguro; porque o que se toma precipitadamente, precipi-

citadamente se larga; daqui vem que hum moderado amor costuma ser duravel; o que he excessivo, a sua mesma violencia o acaba; a tormenta forte nunca dura. Mas não sei se póde haver muderaçã no amor. Ha muitas cousas, em que a moderaçã he contraria á natureza dellas; e em que a abstinencia custa menos do que o uso limitado. O amar huma cousa só parece que he mais penoso, que o não amar nada; porque com effeito o abster he menos difficuloso, que o conter; por isso a prizaõ de algum modo molesta menos, que huma liberdade restricta: o usar das cousas com regra, tras consigo huma especie de afflicção; o não usar de nenhuma sorte, o que traz he esquecimento. Podemos fazer habito de não ter, ou de não amar, porém não o podemos fazer de amar, ou ter debaixo de algum preceito: tudo o que recebemos, ou se nos dá com condiçã, parece-nos violento: olhamos menos para a parte, em que a cousa he livre, que para aquella, em que o não

naõ he; a prohibiçaõ sempre nos deixa suspensos, e como magoados; porque o nosso desejo naõ tem actividade naquillo que he já nosso, mas sim naquillo que o naõ he, e que naõ póde, ou naõ deve ser; o que se permite naõ parece taõ bem como o que se nega; o muito que se concede, naõ consola do pouco que se prohibe; por isso o alheio nos agrada, porque nelle achamos huma negação, ou limite do que he nosso. Vemos com laudade o tempo, que passou; esperamos o que ha de vir com ancia, e para o presente olhamos com desgosto: assim devia ser; porque o tempo, que passou, já naõ he nosso; o que ha de vir, naõ sabemos se será; e só o presente, porque he nosso, nos aborrece. O amor está seguro, em quanto dura a pertençaõ; o que o perde, he a propriedade; sustenta-se mais na duvida, que na certeza; qualquer cousa, que procure, o anima, e desfalece, se lhe naõ falta nada. Isto naõ he só no amor; em tudo succede o mesmo: todas as paixoes se acabaõ, assim que

que se satisfazem ; conseguido o fim de cada huma, logo ficaõ sem vigor, e amortecidas : ninguém espera o que possui, ninguém deseja o que já tem, e ninguém se desvanece muito daquillo que logra ha muito tempo ; e desta sorte o amor, o desejo, a esperança, e a vaidade acabaõ-se, quando alcançaõ ; e deste modo perdemos as cousas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o gosto, que nos vinha do desejo, do amor, da vaidade, e da esperança. Daqui vem, que para reprimir as paixoens, nem sempre he bom meio o reprimillas ; na resistencia parece que se formão, e fortificaõ mais ; algumas nascem só da resistencia, e não pôdem existir sem ella. Da difficuldade das cousas inferimos a excellencia dellas ; o fazel-las faceis, e sem opposição, he o mesmo que tirar-lhes a graça, que as fazia appeteciveis. Em todas as paixoens se encontra a vaidade de querer vencer ; não ha victoria sem combate, e se a ha, he sem gloria, e sem merecimento. Contra hum cam-

sup po

po aberto não ha desejo, nem ardor; a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente, armada sim; a muralha incita, porque impede.

A vaidade, ou a soberba de hum mulher formosa, he quasi insupportavel; ainda o amor mais fino se revolta, porque o amor ainda que jure escravidão, nem por isso consente nellas; e quando he bem entendido, não costuma ser vil, reverente sim; a submissão por degenerar em baixeza não faz ao amor menos inconstante; a firmeza não se fez para obstinação. Não he suave o jugo da belleza; apenas se lhe pôde sustentar o pezo; a arrogancia, que a acompanha sempre, exige condições tão fortes, que o mesmo affecto, que por força as aceita no principio, depois as desvanece; porque o amor se busca a formosura, tambem foge da aspereza; hum genio severo, e duro, não pôde inspirar constancia, retiro sim: por mais que estejaõ preocupados os sentidos, nem por isso estão sempre dispostos para soffrer; e com effeito o amor fez-

fez-se para delicia, e não para castigo; fez-se para alivio, e não para tormento, para gosto, e não para martirio. Não ha, encanto que não possa desfazer-se; por mais fortes que sejam os laços com que o amor nos prende, muitas vezes hum discurto os rompe; hum pensamento os desfaz; huma reflexão os desfata; e pela maior parte esse discurso de que nasce a inconstancia, procede da aspereza, da vaidade, e da condição da formosura.

A natureza que na producção da formosura se empenha em formar hum encanto, deste não quer que seja invencivel o poder; por isso na mesma formosura inclue logo a tyrannia, o engano, e a vaidade, para que estes feios attributos, expostos á nossa vista, ou sirvaõ de quebrar a força a esse mesmo encanto, ou ao menos possaõ limitar-lhe o effeito; e assim temos o remedio na propria origem da ruina; e no mesmo mal achamos o defensivo delle: se a belleza nos attrahe, a imperfeição do genio nos desvia; se nos enleva hu-
ma

Sobre a vaidade dos homens. 157

ma imagem viva , donde em justas proporçoens, a natureza mostrou os seus primores , tambem huma condiçãõ aspera , e desabrida nos afaſta , e finalmente ſe a noſſa propria inclinaçãõ nos tira a liberdade, o noſſo entendimento nos reſgata. E aſſim não ſe queixe a formoſura, nem do amor , nem da inconſtancia : veja primeiro ſe acha a culpa em ſi ; quanto mais que o amor , ainda que cego , nem por iſſo ſe obriga a eſtar ſempre em hum lugar ; a inconſtancia ainda que odioſa , nem por iſſo lhe faltaõ os motivos , que a fazem juſtamente ſer precisa. Quantas vezes a virtude depende unicamente da mudança ! Nem ſempre he traiçãõ a falta de firmeza ; nem ſempre o ſer vario he ſer infiel ; e nem ſempre o ſer inconſtante he ſer ingrato. As ſemraçoens da formoſura authorizaõ o noſſo eſquecimento , o ſer ſenſivel he o que faz ſer amante ; e quem tem ſenſibilidade para amar , tambem a tem para ſentir ; porque ſe a formoſura nos recreia , tambem a injuria nos irrita ; ſe o agrado nos convida ,
o deſ-

o despreso nos magoa; e se o amor em fim nos chama, tambem a offensa nos retira.

Sim he soberba a formosura, mas não he para admirar, pois he grande o seu imperio; he vaidosa, mas como pôde não o ser? He presumida, mas que muito se em se vendo, a sua mesma vista a lisonjea? He tyranna, que importa, se he virtude esse defeito, e se nella a bondade he culpa? Na formosura acha-se a circumstancia mais essencial da luz; esta illustra, e faz claros os objectos, que estão perto dos seus raios; assim a belleza, pois parece faz formosos aquelles vicios que a acompanhaõ; essa fereza, essa arrogancia, e essa mesma condiçaõ altiva, sãõ imperfeições grandes na belleza, mas sãõ como as sombras, que hum delicado pincel debuxa, e representa, não para desluzir o primor da arte, mas para realçar a fineza da pintura. Huma estrella brilha mais no espantoso silencio de huma noite escura; a mais perfeita luz he a do Sol, com tudo a sua actividade nos

mo.

molesta, e escandaliza: as cousas
nem por mais perfeitas nos agradão
mais; antes alguma emperfeição as
modifica em fôrma que ficaõ propor-
cionadas ao nosso gosto; aquillo que
he perfeito em hum certo grão, ex-
cede a nossa esfêra, e por isso nem
o podemos gozar, nem entender,
porque o desejo não se estende adon-
de a comprehensão não chega. O en-
tendimento, ou a alma he o que pri-
meiro move, e assim tudo o que
excede a nossa intelligencia, fica sen-
do impenetravel ao nosso affecto.
Mil cousas ha perfeitas no seu ge-
nero, por onde continuamente passa-
mos sem reparo; a mesma perfeição
nos cega, e nos faz incapazes de
admirar; tudo o que distinguimos,
ou sabemos, he por comparação; de
sorte que não podendo comparar,
tambem não podemos conhecer: a
differença das cousas entre si he a
que desperta a nossa attenção, e dá
lugar ao nosso conhecimento, por
isso tudo o que he formado como
de hum só raíço, de huma só linha,
ou como de hum só alento, logo nos fi-

ca sendo incomprehenſive'; o diſcurſo não póde entrar naquillo em que tudo he hum, igual, ou uniforme; porque a unidade não admitte combinação, e o pensamento não póde introduzir-se facilmente donde tudo he o meſmo; e donde não ha nem diverſidade de ſubſtancia, nem deſigualdade de materia. Podemos dizer, que a noſſa capacidade ſó tem por objecto aquillo que he compoſto: porém tudo o que he ſimples abſolutamente, fica ſendo myſterio para nós, e por iſſo ſempre occulto; e eſcondido; e aſſim a diviſão, e variedade de partes, ao meſmo tempo que indica hum ſer imperfeito, tambem ſerve de meio, que nos facilita a intelligencia das couſas, e nos conduz ao conhecimento dellas; e deſta ſorte alguma imperfeição na formoſura, faz-nos ver melhor o que ella tem de raro, e de admiravel; algum defeito, moſtra-nos o que por outra parte ella tem de ſingular; e finalmente algum vicio, faz-nos reparar o que ſe encontra nella de virtude; e aſſim ſerve-nos de guia eſ-

sa imperfeição, esse vicio, e esse defeito.

Mas que poucas vezes se encontra na belleza aquelle certo gráo de imperfeição, que á maneira de huma sombra leve só sirva de realçar-lhe a luz! A repartição do vicio sempre he larga, e abundante, e o defeito não se communica escaflamente, com profuzaõ sim: o que vemos de imperfeito na belleza raras vezes he como hum sinal, ou mancha breve, de que o alinho se adorna por arte, e por estudo; antes essa imperfeição se estende, e cresce tanto, que abraça o objecto inteiro e o escurece: qualquer mistura em pouca quantidade contamina a pureza de hum licor; huma grande porção o absorbe, e comprehende todo. Esse caudaloso Tejo não o turva hum só regato immundo, porém muitas torrentes de agua impura fazem-lhe perder o nome, e semelhança de cristal: huma só nuvem não faz lombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia, huma noite escura: assim a belleza;

L

O vicio

o vicio nella não costuma ser como hum regato, mas como torrente; o que tem de imperfecto, não he como hum final (effeito em fim da meditação) mas como huma mancha verdadeira; o seu defeito raramente he leve; antes quasi sempre peza mais do que a mesma formosura. Infeliz concordia, cruel sociedade! Quem dissera que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor, e aborrecimento! Taõ pouca distancia ha entre o mal, e o bem? Entre a averção, e o affecto, entre o perfeito, e o defectuoso, que em hum mesmo sujeito se possaõ encontrar, e unir.

A vaidade da formosura he a mais natural de todas as vaidades, he vaidade innocente; a natureza em nada se receia tanto, como em contemplar-se a si na sua obra, e em rever-se na sua mesma perfeição: por isso a formosura he hum encanto, a que não resiste, nem ainda quem o tem; ella a si mesma se namora, a si se busca, ama-se a si, e de si se rende; he como hum effeito, que vem a re-
tor-

Sobre a vaidade dos homens. 163

torquir-se contra a sua causa , ou contra o seu principio ; e como hum movimento , que retrocede , e se dirige contra o seu mesmo impulso ; a formosura , pelo que sente sabe o que faz sentir ; e pelo que ama , conhece que se faz amar ; daqui vem que a vaidade , e a altives , são partes de que a formosura se compoem ; a mesma tyrannia , e rigor attrahe : e que haverá na formosura , que não sirva de laço , de prizaõ , de amor ?

He propriedade do amor o ser violento ; e he propriedade da violencia o não durar. O amor acaba-se em nós , não por nossa vontade , mas porque tem por natureza o acabar ; e ainda que tudo ha de acabar conosco , nem tudo espera por nós. Quando amamos , he por força ; porque a formosura que nos inclina , nos vence ; e tambem he por força quando não amamos ; porque humavez rotos os laços , ficamos de tal sorte livres , que ainda que queiramos ; não podemos tornar a elles ; e assim não está na nossa mão o não

L ii

amar,

amar, nem tambem o amar : o coração por si mesmo se acende, e entibiece ; nós , não o podemos inflammarmos, nem extinguir-lhe o ardor : alleguem os amantes esses mesmos ardores indiscretos ; fação delles merecimento para o favor ; imaginem embora , que os soluços , e gemidos , fazem ser devida a reconpensa , exagerem penas , e martyrios , e finalmente tenhaõ a ventura de que hum bella timida , innocente , e incauta , creia que verdadeiramente está obrigada ; e que deve attender , e corresponder : ambos se enganaõ , o amante em suppor que por amar , merece ; e a belleza em crer , que o amor he merecimento : não he tal ; porque o amor vem da formosura , e não do amante ; este não faz mais que receber hum impressão a que não póde resistir : nada merece hum bronze , por receber em si a figura de hum Venus ; a maravilha não está no bronzê , que recebe , mas no braço que imprime , a arte não se mostra no metal , mas na mão que conduz o buril , e abre ; o bronze não

póde deixar de consentir a estampa ;
porque não tem mais do que hum
modo passivo e material ; só o bra-
ço obra activamente : daqui vem que
quando amamos , he porque a for-
mosura nos obriga a amar ; e assim
que merecimento póde haver em pa-
gar hum tributo natural , forçado ,
e inevitavel ? Por isso o amar , ou
não amar por razão , por discurso ,
ou ainda por interesse , não póde ser ;
porque os sentidos , não se deixão
cativar por argumento : daqui vem
que muitas vezes se ama , o que se
não deve amar ; isto será porque o
coração não póde resistir á formo-
sura ; o mais que póde fazer , he ca-
lar , dissimular , esconder : podemos
não confessar , mas deixar de cahir ;
he mui difficiloso ; podemos soffrer ,
mas deixar de sentir ; tambem não ;
podemos não seguir , mas deixar de
appetecer he impossivel ; antes o so-
ffrimento avivava o amor , a resistencia
o fortalece ; porque tudo o que se
reprime , se esforça ; hum arco com-
primido adquire mais vigor para que-
braa e recorda . O mesmo he não que-
rer ,

rer, ou não dever amar; que amar;
Não temos dominio no nosso gosto;
as cousas agradão-nos, porque nos
parecem agradaveis; como havemos
de impedir que as cousas nos pare-
çam o que são, e ainda o que não
são? Se os sentidos nos enganao,
quem nos ha de defenganar, ou co-
mo havemos de emendar esses me-
mos sentidos enganados? Arrazoão,
e o discurso não valem, ou não sa-
bem tanto como se diz; porque o
que julgaão, he por meio de algum
sentido enganador: se os olhos, e
os ouvidos se distrahem, e allucinao,
que outros sentidos temos nós, que
os haja de conter, ou os faça retra-
ctar? Julgamos pelo que vemos, e
pelo que ouvimos: estes sentidos são
em nós, como dous relatores injus-
tos, falsos, infieis: daqui resulta,
que quando o querer he culpa, essa
culpa não he nossa, mas sim da for-
mosura que nos move, e nos pren-
de. Que culpa póde ter a cera, por
receber em si o carácter de huma
imagem? O marmore que culpa tem,
por conservar a fôrma que o artifice,
lhe

lhe deu? Que culpa tem o pano por servir de campo, ou de theatro as obliscenidades do pincel? E finalmente que culpa tem o ferro, por ser instrumento dos golpes, e da morte? As cousas em si, são innocentes; o erro he exterior, e vem de fóra: o mal parece que não nasce, nem se cria em nós, communica-se a nós. Infelizmente o nosso coração, não he firme como o ferro, nem duro como a pedra; antes he mais tratavel do que o pano, e mais brando do que a cera; he como huma lamina original impolida, informe, e ainda sem configuração; e donde não ha nem amor, nem odio, nem culpa nem merecimento, nem virtude, nem vicio; mas he o donde tudo aquillo se poem, se faz, se introduz, se esconde.

Em todo o tempo prevaleceo nos homens o poder; elles arrogaraõ a si toda a jurisdicção legislativa: a sujeição em que ficaraõ as mulheres, foi a pena da sua primeira culpa. Aquella sujeição, que não devia exceder as regras da equidade, veio a de-

degenerar em tyrannia, e a introduzir nellas huma especie de escravidão. O ciume dos homens fabricou os ferros, e a formosura das mulheres foi o crime original, que nunca puderaõ expiar, nem remir: a mesma formosura com que as dotou a natureza, lhes tirou a liberdade; alcançaraõ na beleza o maior favor, mas comprado por hum custo immenso; isto he á custa da liberdade; ficaraõ sujeitas aos homens por força, e os homens a ellas por vontade. Infeliz, e estudada consolação! O cativoiro costuma ser á medida da formosura; quanto mais bellas, mais prezas: para terem alguma liberdade he preciso que não tenhaõ nenhuma formosura. Cruel situação! Quem ha de trocar huma cousa pela outra, ou quem sabe qual das duas he melhor? Ter liberdade, e formosura juntamente, he muito; ter huma cousa, e perder a outra, he pouco. Quem ha de resolver-se a perder a liberdade, e tambem que mulher se não ha de affligir na falta de formosura? As differenças são, que a liberdade em quem

quem a tem, dura sempre, a formosura não; naquella não tem dominio o tempo; neste até se conhecem os instantes; semelhante á gala de huma flor, que não tem mais duração que hum dia; e assim se vê que nas mulheres, a injustiça dos homens lhes tira a liberdade assim que nascem, e pouco depois lhes tira a formosura o tempo, de tal sorte, que nem restos lhe ficam do que forão, para se consolare do que são: nem póde deixar de ser; porque o tempo não só desconcerta, mas destroe, e arruína; cada hora deixa o seu final; e os instantes que diminuem a vida a proporção que passam, também diminuem a formosura, até que a gastam, e desfazem; semelhante a huma exalação, que em breve espaço se dissipa. Os annos sim deixam a regularidade das feições: mas de que serve huma regularidade usada? O que nella se vê he como hum debuxo, que não foi feito para imagem, mas para semelhança. Huma representação do que foi sempre he triste; por mais, que a consideração se forme

me

me huma idéa agradável de hum monumento destrôado, e antigo, sempre o que se admira he com la tima: a imaginação fervorosa, e forte, pôde de algum modo fazer presente o que não he, mas não pôde fingir tanto, que se não percebaõ as ruinas; os vestigios trazem á memoria a grandeza do edificio, mas sempre o mostraõ desfeito. Isto succede na belleza, acaba-se em se lhe acabando a graça: esta continuamente foge; passa insensivelmente, e o que fica, he huma estatua, huma sombra, huma figura.

Ama-se por vaidade, e tambem por vaidade não se ama. Diga-o aquella formosura a quem hum voto poderoso fez perder a liberdade. Não foi inspiração celeste a que a fez buscar a solidão de hum Claustro; tal vez foi hum infeliz amor, a quem se oppoz a vaidade. Cruel destino! Havemos de amar á vontade da vaidade, e não á vontade do amor? Mas que pouco dura o amor, quando não nasce do amor! Não ha maior combate, que o que se dá en-

entre a vaidade, e o amor; se este fica vencido; a mesma vaidade chora; e se arrepende; he victoria, que se fórma do estrago do vencedor. Hum amor desconsolado, em nada póde achar compensação; porque esta só cabe, quando ha outra cousa, que valha o mesmo; ao amor não ha cousa, que o iguale, nem valha tanto. Aquella mesma formosura, a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo, para a livrar de algum amor humilde, sim vive retirada no limitado espaço de huma prizaõ santa: mas que importa que essa prizaõ lhe tira a liberdade das acções, se lhe não ha de tirar a liberdade do desejo? assim como não ha ferros para o entendimento, tambem os não ha para o coração, este ainda no meio da violencia, e da tyrannia, sempre se conserva isento, e livre. Hum véo preto sempre esconde; mas não muda, nem desfaz nada do que esconde; antes tudo augmenta mais, e tudo mostra ainda maior, e mais claro do que he. Humma Comunidade Religiosa coberta
de

de véos , o que faz imaginar he que cada véo encobre huma belleza , e muitas vezes o que encobre , he huma fealdade enorme ; o pensamento nesta parte he sempre favoravel , porque debaixo daquellas sombras nunca suppoem outras sombras , luzes sim : ha cousas , que de se occultarem , resulta o verem-se melhor ; em vingança de hum manto escuro , tudo o que está debaixo d'elle , se nos representa perfeito , e singular ; aquella especie de rebuço o de que serve he de avivar a imaginação , de a desanimar não : tudo o que se esconde , parece-nos admiravel , só porque se esconde ; de sorte , que o occultar , he o meio de acreditar as cousas , e de dar-lhes mais valor. O mesmo he pôr-se aos olhos hum obstaculo , que fazellos penetrantes , e pollos em huma actividade , que elles não tem naturalmente : a vista , que se embarça , adquire maior força , da maneira de huma corda , cujo vigor augmenta á proporção , que a fazem fugir do arco ; a mesma distancia em que algumas cousas se poem , as

fazem estar mais perto , e por este principio , tudo o que se esconde , se mostra. Quem dissera , que o recato , e a modestia , mais chamaõ do que desviaõ , mais servem de convidar que de afastar ! Quem foge , parece que quer que o sigaõ ; quem deixa , parece que quer que o busquem : o mesmo he cobrir o rosto , que incitar mil vontades de o descobrir ; a desconfiança faz nascer a instancia , e o cuidado ; o engano muitas vezes se evita só com naõ o presumir ; e com effeito o retirar-se , e por-se em defeza , he o mesmo que dar hum final de guerra ; o que se guarda , e se esconde , he a primeira cousa , que se assalta ; a liberdade do porto he o que o conserva livre de invasaõ.

O estimarem-se as cousas , que naõ tem valor , he o mesmo que fazellas estimaveis : o que se busca comancia , naõ he o que se dá , mas o que se nega ; o que se permite desgosta , o que se recuza , attrahe : o amor naõ tem setta mais aguda , que aquella que se armou de prohibiçaõ ;
no

no tomar, parece que ha mais gentileza, que no aceitar, a difficuldade incita: muitas cousas não tem outro algum merecimento, que o serem difficultosas; a resistencia he o que move a vontade; tudo o que se concede, he sem sabor: a impugnação faz a cousa consideravel, porque lhe dá hum ar de empresa e de vencimento: os mais altos montes são os que se admirão, só porque custão a subir; a facilidade he aborrecida em tudo; o lustre do argumento vem da contradicção. Isto succede á formosura, a quem a vaidade prendeo só por livralla do amor: mas que pouco conseguio a vaidade. Contra o amor não ha poder, apenas se pôde impedir algum dos seus effeitos: a causa, isto he, o amor, sempre permanece constante; a difficuldade, o retiro, e a prizaõ fazem, que a formosura seja mais bella, e mais amante; a natureza por achar desvio, não se despersuade; a nossa industria não a pôde vencer; antes o mesmo he impedilla, que enchella de estímulo, e de alento; quanto mais a abate-

mos;

mos ; mais a fortificamos ; he engano parecer-nos , que podemos tirar-lhe os meios ; por hum que lhe tirar-mos , ella se ha de formar mil ; primeiro se ha de acabar em nós o modo de embarçar , que nella o modo de conseguir ; quanto mais a queremos ter adormecida , mais a despertamos ; o buscar artificios para a socegar , he o mesmo que chamalla para o conflito ; o mesmo he reprimilla , que irritalla. As aguas de huma fonte correm mansamente , e sem ruido , apenas humedecem as flores , que lhe bordaõ o caminho ; mas se neste encontraõ embarço , ou se algum penedo , que o tempo arrojou do monte se foi a travessar , e imedio o passo ; entaõ se vê que aquellas aguas , vaõ crescendo sobre si , e juntas se accumulaõ tanto , que ou rompem , e arrastaõ tudo o que as comprime , ou subindo se levaõ de tal sorte , que chegaõ ao lugar , de donde por mil partes se lançaõ , e precipitaõ. Isto vemos nas aguas de huma fonte , donde naõ concorrem mais motivos , que aquelles

les que em hum corpo fluido procedem do pezo, e do equilibrio. Só nas mulheres não queremos achar naturalidades; prendem-se porque são mulheres, como se quando vem ao mundo, trouxessem na razão do sexo escrita a condenação; e que a formosura só lhes fosse dada para regular-lhes os grãos de desventura. Quem diria aos homens, que as mulheres sendo compostas de huma materia fragil, e propensa, pode espiritualizar-se em fôrma, que todas se convertaõ em discurso racional? Trabalhe embora o ciume, juntamente a vaidade; o ciume em procurar que a mulher se não incline, e a vaidade em prescrever documentos á belleza, para que não ame sem certas proporções, e identidades; nem o ciume, nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento; o amor não admitte força nem imperio; ninguem ama, nem desama por preceito. Quem ha de tirar o gosto, que a alma sente, quando os olhos, ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro, e agradavel? Como se ha de fazer, que

que a boca seja insensível ao sabor de hum manjar delicioso; e os ouvidos como podem deixar de suspender-se ao som de huma voz sonora, e cheia de armonia? As primeiras qualidades não se podem mudar. Não podemos dar leis ás cousas, ao exterior dellas, fim; as palavras, e as acçoens admittem composição, e fingimento, a substancia dellas, não; por isso não he facil desaprová-las, o que os sentidos approvaõ. Quem ha de reduzir a formosura a crêr, que deve fugir de quem a busca, e que deve querer mal a quem lhe quizer bem?

Oh quantas vezes hum pretexto divino serve para authorisar humanos interesses! As cousas mais santas saõ bem os homens applicar a fins os mais injustos: qualquer semrazão para ser permittida, basta que seja necessaria; o ponto he, que haja quem saiba introduzir a necessidade della: os principios mais inalteraveis se alteraõ; o ponto he que o interesse, ou a vaidade sejaõ partes. As regras não governaõ aos homens, estes he que

governão as regras. As leis não comprehendem ao legislador , nem aos que estão junto delle ; as prerogativas do poder parece , que são communicaveis até huma certa distancia ; dahi para baixo ficaõ sendo como huma luz , de que se acabou a esfera. Só nos effeitos visiveis da Omnipotencia não vemos , que nenhum se mude , nem altere ; o movimento dos astros , o progresso do tempo , a regularidade das aguas , tudo guarda huma ordem certa , e infallivel : o Artifice supremo não communica o seu poder , mais do que a si mesmo , isto he , á sua providencia , por isso as leis , que elle ideou no principio , e antes dos seculos , são as mesmas que subsistem hoje. Quem vio ainda , que houvesse dia em que as aguas não crescessem , e baixassem ? Que o Sol se apartasse do Zodiaco , que a Lua deixasse as suas phases , que as Estrellas fixas variassem , e que o firmamento não circumvolvesse em vinte e quatro horas o universo ? Quem ha que não admire as successoens do tempo nas estaçoens do

do anno , a vegetação da terra , a produção dos annuaes , a dureza das pedras , a virtude das plantas , a variedade das cores , o cheiro dos aromas , o encanto das vozes , os impulsos da attracção , do repouso , e do movimento ? Finalmente todas as cousas ainda observão o mesmo ser original , a mesma correspondencia , e a mesma economia , com que o Author do mundo as fez : tudo o que foi de instituição divina , e que não depende da execução dos homens , permanece sem alteração ; aquillo porém , que tem com os homens alguma relação , ou dependencia , ficou , e está sujeito a huma continua mudança , e contrariedade. As leis primitivas , que ainda antes de serem gravadas em marmore , e em taboas , foram , e estão escritas nos corações , essas são as primeiras , que segundo as contingencias , para se não guardarem , se interpretão. Daqui vem que nascendo todos livres , a liberdade he contra quem os homens tem conspirado mais. As Clausuras , que foram santamente inf-

tituidas e praticadas prudentemente, depois não sei se vieraõ a degenerar em hum modo de tirar-se a liberdade aos homens, e ás mulheres, e nestas veio a cahir o rigor do excessito: não fallo das que por desengano, e conhecimento proprio, buscão aquelle estado de virtude, mas sim daquellas a quem se fez tomar aquelle estado, ou por castigo do que fizeraõ, ou por castigo do que poderiaõ fazer, e com effeito o poderem algum tempo delinquir, já lhes serve de delicto; nellas o mal futuro, e incerto, já se suppoem presente; o poder algum dia succeder, val o mesmo que o successo; a disposição para ser, he o mesmo que ter sido; a possibilidade he o mesmo que realidade; e desta sorte, aquelle castigo, chega primeiro que o peccado, e aquella pena vem primeiro do que a culpa; o supplicio antecede o crime. Cruel cautella, vingança premeditada! A vaidade, e ciuime dos homens, parece que accusaõ as mulheres, ainda antes de nalcerem; as mesmas partes saõ juizes; por isso
loz

logo vão prevenindo os carcereiros, para donde destinaõ aquellas infelices, e para donde as conduzem, antes que ellas se conheçaõ, e poucos annos depois que nascem: assim devia ser, porque sempre foi propriedade da victima o ser innocente; alli se vão costumando aos ferros, á maneira de huma fera preza, que já não sente o pezo da cadea, antes com ella joga, e se diverte, á proporcão que a arrasta, e move. Prendem-se as feras, e tambem se prendem as mulheres; aquellas por causa da braveza, estas por causa da mansidão; aquellas porque se enfurecem, estas porque se enternecem; aquellas porque assustaõ, estas porque agradãõ; humas porque he necessario fugir dellas, outras porque he necessario que ellas fujaõ; e finalmente humas porque mataõ, e outras porque daõ vida. A prizaõ, com pouca differença he a mesma, os motivos são contrarios. Do fundo de hum deserto inculto se vão desentranhar as feras; prendem-se para que não fação mal; este he o pretexto, porém a ver-

a verdade he que se prendem as fe-
ras , para que sirvaõ de recreio , e
tambem de lisonja á vaidade em ver
sujeito por industria , e arte , aquillo
que se não sujeita por força nem
vontade. As mulheres que foraõ en-
caminhadas para os Claustros , he pa-
ra que sigão nelles o exercicio das
virtudes ; este he o pretexto , porém
a verdade communmente he para
que as mulheres não se inclinem ,
nem amem desigualmente. O inte-
resse he da vaidade ; por isso as mu-
lheres , que se offerecem a Deos por
aquelle modo , não se offerecem
mais do que á vaidade. São , como
oblaçoens de engano , que sendo a
apparencia huma , o objecto he ou-
tro ; e são como o incenso , que se
faz arder em huma parte , para que
o ar divirta o fumo para outra. Ima-
ginaõ os homens , que haõ de enga-
nar a Deos , e para isso , entraõ pri-
meiro a enganar-se a si ; começaõ a
querer persuadir-se que obraõ bem ,
e se a consciencia os contradiz. e
inquieta para a suffocar não faltaõ
opinions , doutrinas , e conselhos ;
tu-

tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circumstancias, fique parecendo licita a impiedade, e a transgressão, e a violência. A regra de que hum mal he permittido para evitar-se outro maior, tem os homens estendido, e subtilisado tanto, que de illação em illação vem a chegar ao ponto, que não ha mal por maior que seja, que não seja tolleravel; e da mesma sorte, de consequencia em consequencia vem a concluir, que não ha iniquidade que não seja ás vezes necessaria, nem injustiça, que não seja justa. Prenda-se pois as mulheres para que se evite o mal de que ellas amem; sejam conduzidas por força para os Claustros, para que não succeda que as amemos nós; saiaõ do berço para aquellas sepulturas, porque pôde haver perigo na demora, e assim conhecão a morte, antes de conhecerem a vida; e saibão como he a prisão, antes de saberem como he a liberdade.

O nosso engenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspectiva

tiva tal , que vistas de hum certo modo , fiquem parecendo o que nós queremos, que ellas sejaõ, e não o que ellas são. O discurso he como hum instrumento lizonjeiro, por meio do qual vemos as cousas , grandes, ou pequenas, falsas , ou verdadeiras. O nosso pensamento não se accomoda ás cousas , accomoda-se ao nosso gosto. O amor, a vaidade, e o interesse são os moldes em que as cousas se formaõ, e configuraõ para se apresentarem a nós ; e com effeito nenhuma cousa se nos mostra como he, contra nossa vontade. Nunca estamos taõ indifferentes , como nos parece ; as paixoes não consentem neutralidade ; aquillo que entendemos , que não importa, costuma levar consigo hum interesse occulto, por isso nos importa mais. O amor e a vaidade às vezes se concentraõ, e disfarçaõ tanto , que nós mesmos dentro de nós , os não podemos descobrir, apenas se fazem visiveis pelas obras , semelhantes ao fogo escondido na pederneira , que se não deixa ver , se não he incitado pelo im-

impulso do fuzil: daqui vem que tudo o que fazemos, he sem perceber o principio porque fazemos; poffo o que se faz por amor, ou vaidade, parece-nos que he feito por zelo, ou por virtude. Qual he o hypocrita, que conhece a sua hipocrisia? Qual he o vanglorioso, que conhece a sua vaidade? Qual he o amante, que conhece o seu delirio? Que facil cousa he o distinguir tudo nos outros, e que difficuloso o distinguir alguma cousa em si! Qual he o pai, a quem o filho parece enorme? Não só ha geração de filhos; tambem ha geração de acções: as nossas maldades não nos parecem mal, porque são nossas, nós fomos os que as produzimos: a natureza não só he mai do que faz perfeito, mas tambem do que faz defeituoso; he piedosa ainda com hum monstro, não por ser monstro, mas porque ella o fez: a terra não só cria a rosa, mas tambem os seus espinhos; não se empenha em produzir o bom, mas em produzir: a perfeição de alguma sorte não se comprehen-

hende na ordem da maternidade, mas he cousa como adventicia, estrangeira, e accidental. Nas acçoens dos homens tambem deve de haver alguma especie de fecundidade; esta fica satisfeita só com as acçoens, contenta-se com ser progenitora; a qualidade do que produz fica sendo como materia separada; por isso a nossa inclinação toda se dirige a obrar; a qualidade da obra, he eleição do amor, do interesse, e da vaidade. Origem depravada, pessimos consultores! Que póde obrar o amor, senão desvarios? Que se póde esperar do interesse, senão injustiças; e a vaidade que póde fazer senão tyrannias? Estas são as que guião para os Claustros tantas formosuras desgraçadas: não são desgraçadas por hiem para os Claustros, mas pelo modo com que vão. Que maior desgraça do que deixar o mundo por força, e ficar nelle por gosto? Como ha de chegar á terra de promissão, quem leva o Egypto na memoria? Quantas estatuas de sal se haviaõ de ver, se as mulheres se conver-

vertessem nellas por olharem para o seculo que deixaõ ! As galas com que vaõ ornadas , he o encanto que lhes vai suspendendo , e enganando a dor ; semelhantes ao cordeiro manso , que primeiro o cobrem de flores , para o hirem entregar ás chammas : ornatos alegres , e luzidos , mas funeraes ! Quaes saõ as mulheres que não choraõ ao proferir das palavras fataes , porque se obrigaõ até a morte ? Esta sentença irrevogavel ellas mesmas saõ as que cantando em altas vozes a publicaçõ : mas que pouco pôde encobrir o fingimento do canto , a verdade da lamentaçãõ ! Que doçura pôde haver em huma voz agonizante ? A consonancia sempre se vem a terminar em pranto ; aquillo não saõ vozes , saõ eccos do coração ; o ecco he o fim da voz que acaba ; por isso todo o ecco he triste , porque he fim ; e com effeito o que se vê naquella hora , he o fim de huma mulher que acaba : o mesmo véo que a cobre , he luto ; tudo nella saõ sinaes de afflicçãõ , e de tormento , por isso leva os olhos
aba-

abatidos , errantes , e confusos ; os passos mal seguros , o aspecto vacillante , e timido , e assim mais parece , que caminha para o tumulto , que para o talamo : as lagrimas fieis interpretes da alma , saõ as primeiras que reclamaõ tudo quanto alli se diz , e se promette ; ellas negaõ o que as palavras affirmaõ : a quem havemos de crer mais ? Pelas lagrimas se explica a alma , pelas palavras muitas vezes se explica o engano : quem chora certamente sente ; quem falla só se exprime : por força podemos dizer o que naõ queremos , nem sentimos , mas naõ se pôde sentir , nem querer por força , aquillo que na verdade nem se sente , nem se quer : a lingua sabe mentir , os olhos naõ ; por isso os votos , que se fazem com violencia , sempre se fazem com lagrimas , e tambem por isso raras vezes se cumprem ; porque o coração , e a vontade naõ prometteraõ nada : aquillo que só exteriormente se promette , só exteriormente se guarda ; as palavras sem tençaõ naõ formaõ Sacramento , o que se

faz

Sobre a vaidade dos homens. 189

faz por temor, não obriga : hum sacrificio involuntario, he sacrificio de sangue, e Deos não se agrada já dos holocaustos.

Mas, que grande differença vai de huma mulher, que professou por força, a huma que professa por vontade ! Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou nelle de lugar : ambas entraraõ no Templo, porém huma só entrou para o profanar ; huma foi chamada por Deos, a outra foi mandada pelos homens ; huma foi para achar hum Esposo divino, a outra foi porque não achou hum esposo humano : ambas foraõ para a Religiaõ, porém só huma ficou sendo Religiosa ; ambas professaraõ, porém cousas contrarias, porque o que huma professou, não quiz professar a outra ; ambas disseraõ o mesmo, porém huma só disse de boca, o que a outra também disse do coração ; huma fez o sacrificio, a outra só fez a cerimonia ; huma fez o que a outra representou ; huma fez o que mostrava que fazia, a outra só fez a forma, ou a figura : ambas se obrigaraõ aos tres

tres votos , porém huma foi com tenção de os observar , e a outra foi sem tenção nenhuma de os cumprir ; e isto he porque huma deixou os seus pensamentos fóra , e a outra nem os deixou , nem os levou : ambas hiaõ para jurar guerra ao amor , e á vaidade , porém huma ainda queria paz com a vaidade , e com o amor ; esta ainda tinha os idolos inteiros , e a outra , ou os não tinha , ou os tinha já quebrados : finalmente ambas estaõ no caminho da virtude , mas nem por isso eraõ ambas virtuosas ; por hum mesmo caminho hiaõ a partes differentes : o mesmo vento serve para muitos rumos ; a mesma estrella serve de guia , para os que negavaõ encontrados ; ás vezes a origem do bem produz o mal ; no mesmo lugar em que nasce a vida , se cria a morte ; as cousas que saõ contrarias no fim , ás vezes saõ as mesmas no principio ; de hum mesmo tronco nasce ramos oppostos ; por huma escada sobem huns , e descem outros ; a Religiaõ he a escada por onde se sobe ao Ceo , mas a

nin-

ninguem se ha de fazer subir por força; porque então ha o risco de cahir. Muitas mulheres entraõ nas clausuras, porém humas vaõ ser pedras de escandalo, e outras vaõ ser imagens de hum alma santa; humas vaõ perverter, e outras edificar; estas saõ as que estando ainda na terra, já estaõ vendo os Ceos abertos: almas ditosas, pois que do instante em que foraõ buscar a Deos, logo começaraõ a ser bemaventuradas! E que bem vieraõ a saber, que para achar a Deos, basta o buscá-lo: unidas em espirito a hum Esposo eterno, cujo amor he divino, cujo poder he supremo, e cuja misericordia he infinita, já parece que vivem transformadas nelle. Feliz semelhança de uma transubstanciação prodigiola! E quem duvida que he celestial hum alma em quem Deos vive, e que vive em Deos? por isso nella póde pouco a humanidade, porque a mesma graça que anima, tambem a exalta e fortifica: a mortificação naõ lhe serve de tormento, de alivio sim, o seu martyrio he a sua gloria. Que meio admiravel de converter em gosto as penalidades da vida;

vida ; e que remedio infallivel para que a dor sirva de delicia !

Que se enfureça o mar , que o universo trema , e que as nuvens chovão rayos , nada atemorita a huma consciencia justa : a virtude leva consigo a tranquillidade ; esta he semelhante a hum dia sereno , e claro em que todo o horizonte se cobre insensivelmente de huma luz brilhante e igual ; e em que toda a natureza se alegra e enche de vigor e alento : então se vê que os campos variamente matifados mostram a verdura mais viçosa , e que de mil producçoens diversas formaõ hum labyrintho facil , vivo e agradavel ; então o ar puro e immovel , faz que as fontes corraõ e não murmurem ; que as aves cantem com mais suavidade , e mais teinura ; e que as flores cresçam livremente : assim devia ser , porque em hum bello dia , não ha vento que encrelpe as aguas , que perturbe as aves , e que desfolhe as flores : só então he que os montes saõ amphitheatros que servem de decoraçãõ aos valles ; e estes pelo seu silencio , saõ os que despertão nã memoria , huma

ma contemplação activa, cheia de fervor, e saudade: finalmente em huma alma virtuosa tudo he descanso, e paz. Neste estado vive aquella que foi ser Religiosa verdadeira; a outra que só o foi no modo da cerimonia, vive afflicta, arrependida, e embaraçada; tudo parece que lhe foge; nada alcança, sempre traz opprimida a vontade, o desejo ansioso, a esperança cançada, os passos irresolutos, e o pensamento occupado em ambições, amores, e vaidades. Não pôde haver maior desasoscego porque a ambição, por mais que consiga, nunca se contenta, e a inveja que a acompanha, só lhe faz notar com averção os bens, dos outros, a vaidade em presumpções e altivez, se consome; a arrogancia que lhe assiste, para confusão, faz acordar nas gentes a noticia de huma origem miseravel, e por consequencia de hum injusto e mal fundado orgulho: o amor tudo se compoem de ancias e suspiros; hum amante, só em quanto chora, he firme; ama em quanto tem de que

N

le

se queixe ; o que faz acabar o amor he a ventura : rigorosa felicidade , pois que para existir , he necessario que não chegue , e para durar , he necessario que a não haja ! Sempre o amor dependeo de contradicções , e de implicancias : e assim se vê que a vaidade , o amor , e ambição , são os verdugos de huma alma peccadora ; por isso vive em sobressaltos , e vive cuidadosa sem saber de que , e inquieta sem saber porque . O encanto da culpa , por mais que lhe tire a lembrança dos motivos , não lhe póde tirar a angustia delles ; a cada passo lhe parece que a terra se subverte , ou que se abre o abyssmo ; o ruido de huma folha que cahe , a suspende ; em cada voz cuida que ouve a fatal sentença , que sendo dada condicionalmente no principio do mundo , só se publica no fim delle . O sabio que comparou o ciume ao Inferno , talvez que melhor fizera , se ao Inferno comparasse a fealdade do peccado , e com effeito se ha cousa que se pareça ao Inferno , certamente he o peccado , e a este

este só o Inferno pôde ser de algum modo comparavel : assim devia ser , porque huma coisa foi feita para a outra. Entre tudo o que causa espanto , só o horror de huma noite escura he semelhante á culpa ; e na verdade que maior horror do que ver a terra coberta de sombras , e combatida de huma tormenta furiosa ? As pedras parece que se quebraõ , as torres que se precipitaõ , os edificios que se abatem , e as arvores que se arrancaõ : a força da tempestade , tudo o que encontra desfaz , e despedaça tudo o que resiste ; o que he solido , e seguro , está mais exposto , e arriscado ; na fortaleza consiste o maior perigo : já não he hum , mas muitos ventos que entre si pelejaõ ; as gentes humas affombradas , buscaõ nas planicies hum emparo menos duvidoso ; as mesmas feras deixaõ as cavernas ; a todos parece que he menor o mal , entregando-se a elle sem abrigo , e sem defenfa ; outras com supplicas , com votos , e protestos , recorrem ao favor da omnipotentia , e procuraõ achar nos templos hum asilo sagrado ;

N ii

do; a luz dos relâmpagos repentina; e palida, a cada instante se mostra, e os olhos tímidos, e assustados, também a cada instante se fechaõ; alguma vez havia de fazer pavor a luz: segue-se depois hum diluvio de aguas; abrem-se as cataractas do Céo; os elementos se unem, como para destruir a habitaçaõ, e habitadores da terra; mil inundaçoens conduzem para o mar os sinaes lastimosos das ruinas; alguma vez havia de ser o mar quem recebesse em si os restos do naufragio. Esta pintura que a imaginaçaõ dibuxa, e que a experiencia mostra, he o retrato de huma alma em culpa; esta debaixo de hum semblante alegre, encobre sustos, temores, e agonias; o peccado tem horas em que dentro de nós mesmos nos accusa, e essas saõ as horas por onde começa a pena do peccado; o conhecer o crime he por onde começa o castigo d'elle: e quem ha que não conheça a sua culpa? Esta o que a faz criminosa, he o conhecella; a innocencia não he mais do que huma falta de saber; a ignorancia faz os
bru-

brutos impeccaveis. Todas as mulheres sabem que o buscar a Clautura por vontade, he o meio de evitar o vicio ; mas que importa ? Nem por isso vão por aquelle caminho , se as não levaõ ; não basta que as guiem , se tambem as não arrastaõ. Cruel condição da natureza humana ! Que occulta sympathia teja connosco o mal, que antes o queremos seguir por entre espinhos , do que ao bem por entre roças ? O caminho , que conduz para as felicidades do Ceo , por mais que seja largo , e alegre , parece-nos estreito , e triste ; e aquelle que conduz para as felicidades da terra , por mais que seja triste , e estreito , parece-nos alegre , e largo ; mas que ha de ser , se somos terra. Compramos o vicio á custa de trabalhos , e afflicções ; a virtude não a queremos de graça ; ao vicio estimamos , porque depende de objectos exteriores , e estes muitas vezes custosos , incertos , e arriscados ; desprezamos a virtude , porque só depende de nós ; bons podemos ser sempre , porque basta que o queiramos ser ; para termos máos ,
ne-

necessitamos de occasião. Quantos
damnos traz consigo a facilidade! Os
tres votos, que se julgaõ tão peza-
dos quando se professaõ, sãõ os mes-
mos com que todos vem ao mundo;
todos nascem pobres, castos, e obe-
dientes: a pobreza, e a obediencia
quem as conserva he por força; a cas-
tidade só por vontade se pôde con-
servar; e com effeito quem ha de se-
gurar hum voto, que se quebra só
com o desejo? A castidade do corpo
difficilosamente se guarda, a da al-
ma, ainda com mais difficuldade, não
sei em qual das duas consiste a casti-
dade verdadeira; se consiste na do
corpo, essa he material, e está sujei-
ta a mil enfermidades, e accidentes,
e talvez pôde perder-se sem consen-
timento de quem a perde; e seria in-
justo, que huma qualidade tão bella,
e em que se funda a virtude mais
superior, ficasse dependente da força,
do tempo, da opiniaõ, e tambem de
algum succello involuntario: he pois
na alma o donde consiste a cas-
tidade mais perfeita, e verdadeira;
mas sendo assim, donde se ha de achar
a cas-

Sobre a vaidade dos homens. 199

castidade; pois para corromper-se, basta hum instante de vontade, de inclinação, de pensamento, de amor?

Na republica das letras não ha menos vaidade que na republica das armas; sim he huma vaidade metaphysica, espiritual, e que na sua origem tem huma existencia vaga, e inconstante; mas por isso mesmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O seu objecto, são os discursos, e a disputa, objectos sem corpo, vãos por natureza, e por instituto. O campo desta vaidade he a imaginação: campo vasto ainda quando he infecundo; e que brota lirios, e violas, quando não produz rosas, e affuceñas. Assim que entramos no mundo, entramos tambem a defender a nossa opinião; neste combate se passa inteiramente a vida: a guerra do entendimento não tem fim senão conosco; guerra feliz em que ninguém fica vencido, ou ao menos em que ninguém crê que o foi, e em que cada hum pela sua parte canta a victoria! A razão nos arma contra a razão mesma; cada hum cuida que a
tem

sem por si, que a vê, que a toca, e que a conhece; sendo que quasi sempre, o que temos por razão, não he mais do que huma sombra della, e ainda essa mesma sombra he tão escura, e escondida, que quando a encontramos, he mais por sorte que por experiencia, e mais por accaço que por estudo. O ter, ou não ter razão, he verdadeiramente a guerra em que se passaõ os nossos dias, e os nossos annos. O não ter razão argue vicio na vontade, ou erro no entendimento: que defeitos estes para que a vaidade os reconheça?

Contra o nosso parecer, nunca achamos duvida bastante, contra o dos outros sim. A vaidade he engenhosa em glorificar tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: nas producções do engenho ha huma especie de creação; daqui procede que ninguem se desdiz sem repugnancia, porque a natureza he inflexivel no intento de conservar aquillo que produz, e a vaidade nunca renuncia ao lustre da invenção; queremos produzir muito, e meditar

tar pouco, por isso erramos; mas de pois que o erro se naturalisa em nós, já o não vemos, senão com a figura de razão.

He mais facil sustentar huma opiniaõ má, do que escolher huma boa; porque o erro he como hum edificio, cuja fabrica exterior he composta de huma infinidade de angulos; com algum deste encontra o discurso facilmente, porque são muitos, em lugar que o acerto he como hum ponto fixo no meio de huma esphera; o discurso que anda vagando à roda, não vê o ponto, porque este he só hum; do mesmo corpo nasce a sombra que o encobre: são innumeraveis as linhas, que se podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum; alguma linha ha de ver-se, porque são muitas, e o centro não, porque he unico: a superficie do globo impede o poder ver-se a sua concavidade; ou se ha de ver huma coisa, ou outra; ambas ao mesmo tempo não póde ser.

Sobre o mesmo caso, ha muitas opinioens más, e só huma boa; por
isso

isso esta acha-se com trabalho , e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vaõ ter a huma má opiniaõ, e só hum conduz para a que he boa. A rectidaõ de huma linha só se faz por huma fórma , por isso he difficil-tosa ; a obliquidade faz-se por muitos modos ; por isso he facil. Cada cousa que vemos , he por entre huma infinidade de outras coilas ; a opiniaõ tambem se mostra por entre huma infinidade de outras opinioens ; e da mesma sorte a rasoã , que se offerece , he por entre huma infinidade de outras rasoens ; neste labirintho nos perdemos. Cada coisa tem tantas partes por onde se considere , que de qualquer modo que a imaginemos , sempre achamos argumentos , que ou nos persuadem o erro , ou nos confirmam o acerto : daqui vem que ha opinioens para tudo , assim como para tudo ha exemplos. Aquillo , que nos parece que he sem duvida , he donde ás vezes a ha maior. As aguas do Oceano , por mais que sejaõ crystalinhas , nem por isso deixaõ ver o fundo que as sustenta , que importa que

que sejam claras , se são profundas ? Recebemos as idéas , que o entendimento nos propoem , ou certas , ou duvidosas ; e assim as conservamos : o emendallas he difficil , porque a emenda depende do mesmo entendimento , que erra. A vaidade faz a obstinação , porque he como hum juiz inexoravel , que nunca muda , nem reforma ; se he que o amor da producção não concorre ainda mais.

A vaidade de adquirir nome , he inseparavel de todos os que seguem a occupação das letras ; e quanto maior he a vaidade de cada hum , tanto he maior a sua applicação : não estudão para saberem , mas para que se saiba que elles sabem ; buscão a sciencia para a mostrarem ; o seu objecto principal he a ostentação , e assim não he a sciencia que buscão , mas a reputação ; esta he como as outras , em que o adquirir he mais facil que o conservar ; e verdadeiramente o conseguirse hum nome , pôde ser obra de hum dia , ou de hum hora ; o conservallo he empresa de toda a vida. Do accato de hum
luc-

successo, póde resultar hum nome grande, mas de hum accaço, não póde resultar a conservação delle. Bem se póde ser feliz por accaço; mas não se póde por accaço ser sempre feliz. A fortuna não só governa as armas, mas também as letras; porque a memoria, se huma vez se permite com abundancia, nega-se mil. Em qualquer estado, se tem a reputação por felicidade; porém esta he difficil conservar-se á proporção que he grande. Algumas vezes póde depender de nós o buscar huma occasião favoravel, de que venha a proceder hum grande nome; porém não está na nossa mão o fazello durar. Hum merecimento, ou hum saber pequeno, póde fazer adquirir huma grande fama, e o maior merecimento junto ao maior saber, não basta para a conservar. Por mais bem fundada que seja huma grande reputação, nem por isso he possível o ter segura a opinião das gentes. Os homens canção-se de admirar, passados os primeiros movimentos em que as cousas raras, attrahem, como por força, o nosso louvor, e approvação;

depois, a vaidade de quem admira, he a primeira que se delgoſta; irrita-se contra tudo o que he superior. Huma qualidade eminente que vemos nos outros, fica-nos ſendo como huma qualidade adversaria, e oppoſta. A vaidade, ou a inveja, que ella produz não ſó ſe dirige contra a opulencia alheia, mas tambem contra a alheia ſabedoria; a ſciencia não tem maior inimigo, que a ignorancia: tudo o que eſtá em lugar alto moleſta-nos a viſta, e a attenção; ſó o que eſtá no lugar em que nós eſtamos, não nos offende. A igualdade, e uniformidade he natural em tudo; por iſſo os que ſe aſtao deſta lei univerſal, ficam ſendo odiſos aos que ſe conſervão nella. Ha muitos meios para ſubir; a vaidade he a que guia a todos; e com effeito ſem vaidade ninguem ſobe; nem procura ſubir; eſtes ſim ficam confundidos em huma vulgaridade eſcura, mas ninguem lhes examina ſe os paſſos com que ſobem, ſão juſtos, ou injuſtos; as azas da vaidade tambem ſe derretem. Quem não tem vaidade não deſperta a dos outros contra ſi.

Os que crem que sabem mais que os outros , ou se enganaõ , ou se persuadem bem : se se enganaõ , o mesmo engano lhes serve de ludibrio; se se persuadem bem , a vaidade da sciencia os faz taõ ferozes , e severos , que ficaõ sendo insoportaveis. A sciencia humana commummente serve de hum ar intratavel ; imagem tosca , desagradavel , e impolida. A especulaçaõ traz consigo hum semblante distrahido , e desprezador; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a sciencia se corrompe no homem ; porque este he como hum vaso de iniquidade , que tudo o que passa por elle , fica inficionado : as coizas trabalhaõ por se accommodarem ao lugar donde estaõ , e por tomarem delle as propriedades , ló com a differença , de que as cousas boas fazem-se más , porém estas naõ se fazem boas. Nas sociedades , o mal he mais communicavel ; a perdiçaõ he mais natural ; o que he bom mais depressa tende a perder-se , que a melhorar-se ; os frutos da terra quando chegaõ ao estado de madureza , nem per-

persistem nelles, nem retrocedem para o estado da verdura ; antes caminhaõ até que totalmente se arruinem; por isso o ultimo grão de perfeição, costuma ser o primeiro na ordem da corrupção. Naquillo em que a Providencia não predefinio hum ser permanente , e inalteravel , a natureza não cessa de moverse em quanto não desfaz, em quanto não corrompe, e em quanto não acaba. A sciencia acha no homem propensão para a vingança, para a ira, para a ambição, e para a vaidade ; nenhuma destas inclinaçoens lhe tira , antes as conforta ; porque a sciencia não vem fazer hum homem novo ; assim como o acha, assim mesmo o deixa. As noticias, que alguns foraõ alcançando pela successão dos tempos , e que para as fazerem respeitaveis, e as conservarem em huma magestade primitiva, as foraõ caracterizando com nomes pomposos , e pouco intelligiveis , uns Latinos, outros Gregos, outros Arabicos ; como Filosofia, Geometria, Algebra, essas taes noticias a que chamam sciencias, não se adquirem bre-
ve-

vemente , nem he trabalho de hum dia , mas de muitos annos , e de toda a vida ; e desta sorte antes que qual-quer sciencia se introduza em nós , tem tempo para se adjectivar , e familiarizar comnosco , e para se consubstanciar com todos os nossos vicios , e com todas as nossas inclinaçoens ; e nesta fórma quando as sciencias chegaõ , não he para nos emendar , porque já vem tarde ; e se entãõ nos emendamos , essa emenda não he effeito da sciencia , mas da nossa debilidade. Os homens mais facilmente se mudaõ , do que se emendaõ ; quem muda he o tempo , a sciencia não. Commummente o que nos faz deixar os vicios , he a impossibilidade de os conservar ; e ainda entãõ o que perdemos , he o uso delles , e não a vontade , largamos o exercicio , e não o affecto ; desistimos da occupação , e não da inclinação ; e finalmente nós não somos os que deixamos os vicios , elles são os que nos deixaõ ; nós os seguimos de longe , e por mais que os sigamos cançados , nunca os perdemos de vista ; quando
não

naõ podemos ir, os objectos nos arrebatão: a memoria dos nossos vicios passados, nos está servindo de vicio presente; e quem sabe quaes são os que obraõ com mais vigor, e mais activamente? A imaginação naõ he coisa taõ sem corpo como nos parece; talvez que naõ tenha de menos que o ser mais subtil, e desta qualidade o que pôde resultar, he o ser mais duravel. Naõ sei se houve já quem reparasse, que o gosto dos successos são menos attractivos na realidade, do que são depois lembrados; a complacencia naõ he taõ forte, quando a primeira vez se mostra na verdade, como quando se repete na lembrança, e se representa sempre; o susto do perigo naõ he taõ grande no instante que succede, como he depois que se recorda, e isto he porque o corpo he susceptivel de hum pafmo tal, que fica como abortto, immovel, e insensivel; só a imaginação naõ se entorpece facilmente, por isso recebe as impressões do gosto, e do pezar, em toda a sua força, e em toda sua extensão; o pensamento

he

he o lugar em que a natureza se concentra, e fortifica; daqui vem que tudo quanto se sente, ou se vê com o pensamento, fica sendo mais visível, e mais sensível. Não he pois a sciencia a que nos ensina, o tempo sim; a sciencia he como hum cristal claro, que posto sobre huma má pintura, sim lhe dá lustro, mas não a faz melhor, nem de mais valor; a luz que he simbolo da perfeição, não faz mais perfeito nada do que alumea: cada coisa guarda o seu defeito original; e assim devia ser, porque a natureza de cada coisa tambem se compoem do seu defeito, e este quem lho tira, desmancha a mesma coisa, porque a desune, e a separa: em qualquer composto não só he parte principal o que ha nelle de excellente, mas tambem aquillo que tem de inferior; o dividillo ou emendallo seria o mesmo que perdello: em hum medicamento tambem entra o simples amargo, e este se se tira, fica o remedio sem virtude. Tudo he singular na sua especie: o verdadeiro ser das coisas não depende da approva-
ção

ção do nosso gosto ; de parecer mal, não se segue que o seja ; as coisas menos estimaveis , e ainda as mais aborrecidas , tiverão famosos Apologistas ; nós regulamos tudo pela nossa sensibilidade , e nesta he que costuma haver o engano ; isto vem a ser o mesmo que pezar por hum pezo falso ; medir por hum medida errada ; e calcular por hum compasso incerto : a infidelidade está no instrumento que peza , e que mede ; tudo o que julgamos , he segundo a nossa razão , e segundo a nossa sciencia ; miseravel instrumento , mil vezes falso , e enganoso ! A ignorancia tem produzido menos erros que a sciencia ; esta o que tem de mais , he que sabe introduzir , espalhar , e authorisar ; e segundo a nossa vaidade o errar importa pouco ; o ponto he sustentar o erro ; e nesta fórma o que a sciencia nos traz , he sabermos errar com methodo.

E com effeito em que se accordão os sabios ? Qual he a doutrina em que todos concordão , qual he o sistema em que todos convem , ou qual

he o principio em que todos se fundão ? Só a vaidade he certa em todos. Não ha furor a que hum homem se não entregue, só pela vaidade de ser cabeça de hum dogma, ou de hum opinião. Vejamos qual tem sido o destino da Filosofia, que se diz ser a primeira das sciencias. Os discipulos de Aristoteles dividiraõ-se em duas seitas, ou em duas parcialidades; huma foi a que chamaraõ Nominaes, e outra a dos Realistas; os Nominaes diziaõ, que as naturezas universaes não eraõ outra coisa mais do que nomes; os Realistas, seguindo opinião contraria, affirmavaõ, que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente causas que existiaõ na realidade. Occaõ, Frade Inglez, e discipulo de Scoto, foi o cabeça dos Nominaes, e Joaõ Duns o era dos Realistas: estes seguirãõ a Aristoteles mais literalmente; os outros não admittiaõ nenhuma entidade superflua, tendo sempre por infallivel o axioma do Filosofo, quando diz, que a natureza nada faz em vão. Estas duas seitas fizeraõ em Alemanha hum tal progresso,

gresso, que huma materia inutil, indifferente, e puramente de opiniaõ, veio a parar em fazer-se della hum ponto de honra; a vaidade de discorrer melhor animava com tal excesso a todos, que os argumentos só se decidiaõ pelas armas, os combates, particulares vieraõ finalmente a reduzir-se a huma guerra viva. Introduzio-se aquelle mesmo fanatismo em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII. para o evitar, determinou, que em todas as livrarias se fechassem com cadeas os livros dos Nominaes, para que ninguem os pudesse abrir, nem ler. Daquella sorte veio a ficar a doutrina de Aristoteles taõ desfigurada, pelas subtilezas com que cado hum queria sustentar a vaidade da sua opiniaõ, que essa foi a causa principal de desprezar-se a Filosofia, e ficar parecendo odiosa a todos. Os livros de Aristoteles foraõ levados a França no seculo treze pelos Francezes, que tinhaõ ido a Constantinopla; Amauri, que entrou a sustentar os seus erros pelos principios daquelle Filosofo, foi condemnado como

mo Herege por hum concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Este Concilio prohibio totalmente a leitura de Aristoteles, e condemnou os seus livros ao fogo: a mesma prohibiçaõ se tornou a renovar por hum Legado, sómente a respeito da Fysica, e Methafysica. Gregorio IX. diminuiu a prohibiçaõ do Concilio de Pariz por huma bulla expedida em 1231, prohibindo a leitura das obras de Aristoteles, sómente em quanto se naõ extirpavaõ os erros, que resultavaõ, ou podiaõ resultar da sua doutrina. Em 1366 os Cardeaes Joaõ de S. Marcos, e Gil de S. Martinho delegados por Urbano V. para reformarem a Universidade de Pariz, concederaõ, que se pudessem ler varias obras de Aristoteles, exceptuando a sua Physica. O Cardeal de Estoureville em 1452, fazendo varios regimentos para a mesma Universidade por mandado de Carlos VII., ordenou que os Estudantes, e Bachareis fossem examinados pela Metafysica, e Moral de Aristoteles. Em 1601, concedeo á Universidade de

de Pariz o uso , e lição das obras daquelle Filosofo , e juntamente da sua Fyfica ; e á imitação da Universidade começaram todos os estudos publicos a seguirem a Filosofia Peripatetica ; esta foi combatida em 1624 por conclusoens ; porém a faculdade de Theologia de Pariz , e o Parlamento , tomou a sua defeza : a Sorbona fez hum Decreto , pelo qual censurou aquellas Conclusoens , e o Parlamento por hum Acordão ordenou tres coizas , a primeira que aquellas Conclusoens fossem lacradas ; a segunda , que todos os que as tivessem defendido , fossem riscados dos livros das matriculas ; a terceira , que todos os que ensinassem algumas maximas , que fossem contrarias aos Authores antigos , e approvados , incorressem em pena de morte. Em 1629 declarou o Parlamento , que se não podiaõ impugnar os principios da Filosofia de Aristoteles , sem se impugnarem tambem os da Theologia Scholastica recebida na Igreja : porém não obstante todas estas prohibiçoens , e declaraçoens , entrou

Gaf:

sendo a escrever contra aquelles principios ; e Cartesio fez-se cabeça de hum novo sistema , ou nova feita. Depois destes começou a Filosofia de Aristoteles a perder muito do seu primeiro lustre : hoje as Filosofias todas se compoem de Mathematicas ; de sorte que já não ha syllogismo , que conclua , se não he fundado em alguma demonstração Geometrica ; na Fysica não se está pelo que se diz , senão pelo que se vê ; pouco importa que se affirme que este , ou aquelle Meteoros procede desta , ou daquella causa ; e se isso se não mostra por meio de alguma experiencia , ou instrumento. A formação das nuvens , do vento , da chuva , dos raios , e terremotos , e de outros muitos effeitos naturaes ; a Chimica não só ensina como se produzem , mas tambem os imita ; e isto sem ser necessario saber se o Syllogismo está em *Barbara* , ou em *Celarent*, Hum lambique , hum Eolipilo , huma machina Pneumatica , e a mistura de varios corpos , explicação mais em huma hora , do que hum professor de Filosofia

fia em muito tempo ; o entendimento percebe melhor sendo ajudado pelos olhos , do que só por si. Nas mais sciencias tambem tem havido fortunas , e desgraças ; todas encontraraõ hum tempo feliz , e outro infauſto : a vaidade dos primeiros mestres , continuada em seus successos como herança , foi a fonte , em que nascerão as sciencias ; destas a Monarquia principal , he a Europa ; na maior parte do mundo , o desprezo das sciencias passou á Religiaõ ; assim devia ser porque a vaidade , que resulta das sciencias , he vaidade de homens livres , e estes só os ha na Europa : o Dispotismo reduzio as outras partes a escravidão. Que vaidade pôde haver em hum escravo ? Este ou seja valeroso , ou sabio , nada disso he seu : o valor , e sabedoria tambem entraõ na escravidão ; a vaidade que o escravo pôde ter , tambem pertence ao Senhor : o edificio , a carroça triumphal , o alfange , a pendula , são instrumentos incapazes de vaidade em si ; da bondade delles só o Senhor se desvanece : assim são

os escravos ; se ha Automates no mundo, são elles.

A vaidade das letras he maior do que a vaidade das armas ; estas sim tem occasiões de maior pompa, de maior grandeza, e de maior admiracão ; mas tudo nas armas he semelhante ao raio, cuja luz, e estrepito se extingue em hum instante. Os Heroes nunca chegam a durar hum seculo ; as suas acções não duram mais, se a fortuna lhes não dá na republica das letras alguma penna illustre, que conserve a vida daquellas mesmas acções, já succedidas, já passadas, e já mortas. A vaidade das sciencias por ser huma vaidade pacifica na apparencia, não deixa de ser altiva, e arrogante. As aguas, que vão fazendo escumas, e que correm com ruido, não são as que allustam mais ; aquellas que parecem negras, que passam em silencio, e que apenas se movem, essas são donde o perigo he certo : nas praias he donde o mar se levanta mais, e faz estrondo ; donde he pego verdadeiro, em que as ondas como em campo largo em si mesmas

mas se abrem, se suspendem , e resolvem , não tem o mar bramidos , nem furor , mas he lá donde o risco he grande. O damno não costuma estar tanto donde se mostra , como donde se esconde: assim são as letras, e assim são as armas ; estas fazem o rumor , aquellas o estrago : as armas fazem o mal , mas acabão com elle , as letras o mal que fazem , dura ; as armas canção , as letras não ; a espada nem sempre pôde usar de força , e de traição ; a penna sempre pôde ser traidora , e aleivosa ; he arma que não pôde acautelar-se ; quanto mais leve , e mais subtil , mais perigosa : daqui vem o serem as letras de algum modo inexpugnaveis , e por consequencia vaidosas , porque o ser invencivel precisamente influe vaidadede ; o combate das sciencias entre si , são combates invisiveis , em que ninguem se rende ; e o render-se valeria o mesmo , que huma confissão expressa de ignorancia ; e com effeito , de quem cede , nunca se presume haver cedido , porque conheceo a razão alheia , mas por falta de saber

ber sustentar a sua; a fraqueza não se attribue á proposição, mas a quem a defende; de forte, que a sciencia não consiste em saber conhecer, mas em saber responder, e arguir; por isso quem mais disse, he quem mais soube: as letras não se costumão tomar pelo pezo, mas pelo volume; fazem-se recommendaveis pela extenção; o ponto he que cresça na quantidade, a qualidade he materia indifferente; ellas não avultaõ pelo que são, mas pelo que soaõ; e regulaõ-se pelo aparato, e não pela substancia; estimaõ-se pelo que parecem, e não pelo que valem; o que importa nellas, he ter no exterior hum brilhante falso, cujo resplendor furtado escandalize os olhos de quem o quizer ver de perto; basta que a attenção fique aflombrada com o aspecto de huma imagem nova, ainda que na verdade não seja mais que huma fantasma; a superficie deve estar cuberta de huma claridade intensa, e forte; o fundo seja embora confusão, cegueira, cahos. Só o que he preciso, he todo o mesmo em si, e o mesmo em todas

das as suas dimenſoens : o diamante não tem parte em que não ſeja diamante ; a roda que o pule , por mais que lhe multiplique as faces , em todas o acha igualmente duro ; não he mais ſolido em hum lugar , que em outro ; a porção , que o engaste cobre , não he inferior á aquella que ſe mostra ; a luz por toda a parte encontra nelle a meſma reſiſtencia , por iſſo retrocede reflectida , como em vibraçoens de varias cores. Não ſão aſſim communmente as letras ; o que ha nellas de agradavel , he o que fica expoſto á viſta , e por iſſo ornado de emblemas , de proporçoens , de correſpondencias , e figuras ; o mais he hum labirinto informe , rude , e indigeſto ; o metal burnido applicado fóra , não deixa ver por dentro o páo ſem luſtro , nem valor.

São raros os que nas letras buscão a ſciencia ; o que buscão , he utilidade , e applauſo ; eſte he objecto da vaidade , aquelle da ambição : outros ha , que quando buscão as ſciencias , nellas buscão tudo ; não ſó intereſſe , louvor , e approvação dos

dos homens mas tambem hum quasi dominio delles ; as letras são armas com que querem adquirir sobre os mais homens hum direito de conquista : esta idéa , ou esperança , parece que nasce com elles , e com elles cresce ; ainda estão nos primeiros elementos das primeiras artes , quando logo se propoem aquelle intento , para este se encaminhão todos os seus passos ; das virtudes , e dos vicios seguem aquelles , que conduzem para aquelle fim ; e assim não são virtuosos , nem viciosos por natureza , mas por occasião : a natureza não os fez máos , nem bons ; elles he que se fazem a si , por seguirem o que a occasião pede. Sempre estão promptos para deixarem a virtude , e abraçarem o vicio , e tambem para deixarem este , e abraçarem a virtude , com tanto que dillo dependa a sua elevação. Deslealdade , fé , religião , hypocrisia , tudo para elles val o mesmo ; olhão para os vicios , e virtudes , como para varios instrumentos de que hum artifice perito se sabe servir a tempo , não segundo o que a razão pe-

pede , mas segundo o que pede a obra : para quem ninguem os siga , nem conheça , vão desfazendo , ou escondendo os degrãos por onde sobem , e só no ultimo se mostraõ , mas entãõ já tem na mão o raio , já não são imagens de pequena consequencia ; são constellaçoens formidaveis , e funestas ; a aquella altura nenhum incenso chega ; o respeito mais profundo , he vulgar ; o que exigem , he silencio , e adoraçaõ ; e ainda esta ha de ser de longe , porque o chegar a elles de algum modo , he sacrilegio. Os sabios venturosos , de tudo fazem azas , até das cousas mais improprias para voar ; por isso qualquer crime nelles fica sendo huma acçaõ justa ; nos outros huma culpa leve he delicto atroz : para tudo tem huma multidãõ de applicaçoens , e intelligencias ; estas são as que dão ser a todas as suas coizas ; e todas nas suas mãos mudaõ totalmente de figura ; nada lhes parece como parece aos outros ; querem reformar o mundo , pouco reformados em si ; soberba , ambiçaõ , grandeza , são os tres po-

polos, em que se estabelecem, e se fundaõ ; aquelles saõ os Idolos, a quem unicamente sacrificaçõ, e de quem ellès saõ ao meismo tempo, retratos, e originaes, idolos, e idolatras ; Narcisos das suas acçoens, e sobro tudo das suas letras, elles saõ os primeiros que se admiraõ, e se applaudem ; e tudo com tal arte, que aquella admiracão sem fé, por ter nelles meismos hum principio errado, e suspeito, elles de tal sorte a espalhaõ, que depois de introduzida, vem a servir-lhes de titulo legitimo ; e se ha por accaço quem duvide, já he tarde, porque na fama tambem cabe prescripção ; he como huma posse, que fica sendo prova do dominio. O vulgo tudo o que recebe, he sem exame, e depois, antes quer permanecer no erro, do que entrar a examinar ; e com effeito he mais facil ir com os que vaõ, do que parar para os suspender : por isso os que adquirem opiniaõ de sabios, ficam graduados por acclamação, mas essa opiniaõ devem á fortuna, e não a si, porque as mais das vezes apenas

lau-

faudaraõ de longe as letras ; e assim se verifica , que a quem tem fortuna , basta o saber pouco ; se he que para fortuna o saber naõ basta. Tanto he certo que as cousas se implicaõ , e confundem tanto , que nas mesmas razoes , em que se funda a razãõ que affirma , tambem se pôde fundar a razãõ que nega : daqui vem , que he motivo de huma grande vaidade , o saber retorquir a força do argumento contra quem o faz , á maneira de hum guerreiro , que desarma outro , para o deixar sem defeza , e para o render com as suas proprias armas ; tambem com o discurso fabricamos armas contra nós , e essas saõ as mais fortes , porque he como hum mal que se fórma dentro em nós , e que he maior á proporçaõ que he nosso : o damno exterior admite mais reparo.

Naõ saõ as sciencias as que costumãõ pacificar o mundo ; desordenallo sim. O exercicio , ou a vaidade das letras , todas se compoem de discussoens , objecçoens , e duvidas ; a disputa em si he cousa mais principal

pal do que a materia da questão : alteraõ-se os animos , mas não se persuadem , porque não disputaõ pela razão , mas pela disputa ; e esta se se acaba , he porque acaba o tempo dado para disputar ; o relógio aparta os combates ; estes separaõ-se , porém nenhum vai sabendo mais , porque como no argumento não buscavaõ a verdade , por isso esta sempre fica ignorada , occulta , e desconhecida ; o ponto he , que fique satisfeita em hum a gloria de arguir , e em outro a vaidade de responder ; e assim não se trataõ as cousas , trataõ-se as palavras dellas : daqui vem , que o ficar vencido na fórma , he o mesmo que ficar vencido em tudo ; porque a substancia he como cousa estrangeira , e indifferente. De dous textos contrarios a fadiga que resulta , he ver , se ha meio de os poder unir , e conciliar ; que a razão esteja em hum , e não em outro ; isso importa menos ; a arte está em subtilisar de sorte , que ambos os textos fiquem conservados , e que a nenhum se tire a sua authoridade magistral ;

tire-se embora a fé á verdade , e á justiça ; porém não ao texto ; este sempre deve servir de regra , por mais que seja regra errada , e não direita ; o empenho da vaidade não está em descobrir a verdade , mas em ostentar v. g. huma erudição Rabínica , e mostrar que na lingua Hebraica , a palavra *alma* nunca significou outra coisa senão *virgem*. Como a vaidade das sciencias traz consigo hum desejo immenso de adquirir nome , este parece que se adquire á força de vozes , e estas devendo ser de fóra , costumão sahir do mesmo sabio pretendido ; elle he o que entoia o cantico , e sempre acha na turba quem o siga : na confiança de começar , encontra-se huma especie de valor de que a fortuna se namora ; a resolução de prégar nos louros , e nas palmas , faz parecer que são suas : ha muito , que as sciencias tem o privilegio de poderem ellas mesmas coroar-se a si , e com effeito o saber na realidade mais , ou menos , he segredo , que fica escondido ; estamos pelo que indicaõ as insignias ; e nas

letras , huma parte do que vemos ;
saõ edificios vãos , compostos sómen-
te de hum soberbo frontispicio ,
e este por mais que inculque hum
fundo grande , quem lho busca , não
o acha ; por isso tem fechadas as por-
tas ; e se algum entra , he daquelles,
que sabem o defeito , e tem interese
se nelle ; os mais todos saõ profanos.
A sabedoria humana he como a corti-
na do theatro ; nella se vem pintados
primorosamente jeroglificos , meda-
lhas , inscripções , e attributos ; e
nesta variedade de acções , e de su-
jeitos , se suspende a vista ; e o co-
ração que admira , todo se deixa pe-
netrar de hum respeito , ou medo ve-
neravel ; mas se algum impaciente ,
e indiscreto força a cortina , e entra ,
o que vê , he hum lugar escuro ,
embaraçado , sem ordem , nem acao ;
vê Actores ainda cobertos de roupas
miseraveis ; alguns , vestida a gala , e
empunhado o cetro , (adornos alheios ,
e suppostos) vê chegados a huma
luz desanimada , recordando de hum
papel immundo as palavras de que a
memoria se encarrega com trabalho ;
ou :

outros defronte de hum espelho som-
brio, exercitando a cadencia dos pas-
sos, das acçoens, do gesto, e reve-
stindo os semblantes de hum aspecto
alegre, ou triste, e de hum ar de
soberania, de valor, e de justiça: vê
as Actrices, que não menos cuida-
das, alli mesmo se ajustaõ, e prepa-
raõ, e que algumas a pezar do tem-
po, e a milagres do artificio, cuidaõ
que repáraõ em brevissimos instantes,
a ruina que fizeraõ muitos annos, se-
melhantes ás serpentes quando se re-
novaõ, mas não tão felices; todas
em hum espelho portatil estudaõ
amor, desdem, severidade, conten-
tamentos, lagrimas; tudo aprendem
no cristal, mestre mudo, e fiel, e
que mudamente ensina a proprieda-
de, o ar, a graça; mas que impor-
ta, o ar he vaõ, a graça he enga-
nosa, e a propriedade he falsa; o re-
presentar he mentir; desde que a
scena começa, até que acaba não se
vê mais do que hum fingimento de
acçoens, e de figuras; quem mais se
distingue, he quem melhor exprime
o que não sente, e quem parece me-
lhor

lho: o que não he: a arte não está
 em imitar, mas em contrafazer:
 as sombras substituem o lugar das
 cousas; e a relação da historia, fica
 sendo a historia mesma: o mentir por
 aquelle modo, he hum meio facil
 para imprimir facilmente na memoria
 os successos passados; he huma tradi-
 ção, que se communica agradavel-
 mente, não só pelo que se ouve,
 mas tambem pelo que se vê: alguma
 vez havia de ser util o engano; e
 com effeito daquella sorte vemos os
 combates sem perigo; as virtudes ve-
 mos com gosto: e se vemos tambem
 os vicios, he sem entrar nelles; pa-
 ra os aborrecer, pela fealdade com
 que se mostraõ, e não para os se-
 guir. Em theatro maior, e em maior
 scena se passaõ, e representaõ as vai-
 dades do mundo, e entre ellas a
 vaidade das sciencias; o homem não
 se entende a si; e cuida que entende
 a fabrica dos Ceos; ignora a ordem
 da sua propria composição, e crê
 que não ignora o de que se compoem
 a terra; não sabe a economia dos
 seus mesmos movimentos, e julga
 que

Sobre a vaidade dos homens. 231

que sabe o como se move o Univer-
so ; finalmente não se conhecendo
a si , presume que tudo o mais co-
nhece. A vaidade do saber parece
que arrebatá o homem , e que em
espírito o faz circular os orbes celestes ; lá contra o numero dos cristalinos , vê a esfera do fogo , e mede a distancia , o giro , e grandeza dos Planetas ; porém assim que torna a si , nada de que tem em si sabe , nem conhece : vê hum corpo sabiamente organizado , e nelle acha vontade , intelligencia ; ira , aversão , vaidade , desejo , esperança , amor ; acha hum sangue que se move , e hum calor que o anima ; tudo distingue com nomes diferentes ; paixoens , systole , diastole , espiritos vitaes , humido radical ; estes são os nomes ; a que erradamente chamaõ das cousas , não sendo senão nomes dos effeitos ; o que se conhece , ou sabe , he o effeito das cousas pela distincção dos nomes ; mas o conhecer o nome , não he conhecer a cousa. Todos sentimos a impressão do ardor , mas ninguém sabe , o como esta impressão
se

se faz; e desta sorte o que conhecemos, he o effeito do frio, e não o frio; vemos a determinação da vontade, mas não sabemos o como a vontade se determina. Quem he que sabe de donde vem o agrado da harmonia, nem o desagrado da dissonancia? Humma voz suave nos encanta, hum som aspero, e agudo nos molesta; mas quem ha de dizer o donde procede no som a suavidade ou a aspereza? Os effeitos mais sensiveis, e mais certos, são os da dor, e tambem do gosto; mas quem he o que conhece, de que se origina o gosto, nem de que se fórma a dor? Ainda os effeitos das cousas conhecemos mal, só os sentimos; parece que só temos sensibilidade, e não conhecimento; aquillo que conhecemos, he porque o sentimos; do nosso sentir resulta o nosso modo de conhecer. Os primeiros principios, e os primeiros movimentos reservou-os para si a providencia; o homem só ficou exposto a elles, para os admirar, e não para os saber. A vaidade das sciencias toda se cauça em conjecturas,

Sobre a vaidade dos homens. 233

ras, que faz passar por demonstraçoens; quando suppoem, que encontra a parte, em que póde desfatar o nó, então o aperta mais: os discursos perdem-se na immensidade vaga de huma materia impenetravel; a natureza sabe eludir todos os nossos estudos, e conceitos; não he mais facil no que mostra, do que no que esconde; não he menos reservada no que produz á superficie da terra; do que naquillo que fórma no seu centro; só ella conhece as suas leis, e os seus segredos: vemos nascer a flor, cresce á nossa vista; mas nem por isso sabemos o como a flor nasce, nem o como cresce: a difficuldade sempre fica sendo a mesma; o nosso engenho todo se evapora em bellas fantasias, e em razoens notaveis; mas estas só servem de enganar, ou de entreter a mocidade que começa, e que ainda não sabe por experiencia, que a maior parte das cousas de que o mundo se compoem; nem se podem ensinar, nem aprender. A vaidade da sabedoria humana não se funda na certeza da sciencia, mas na

na certeza da cadeira; esta á maneira de huma torre inexpugnável infunde terror; e o discipulo docil, e innocente, recebe como de hum oraculo as decisões do mestre; os que estão debaixo da disciplina, vem o barrete doutoral, como se fosse hum resplendor, de cuja luz se não duvida, por isso a vaidade do Mestre exige respeito, e credulidade: esta he a primeira lição; a verdade sempre nos parece que está no lugar mais alto, e que brilha mais; e se a buscamos em outra parte, he sem ancia, nem cuidado: o apparatus exterior não só nos dispoem, mas tambem nos persuade; os olhos affombrados, não deixão o animo livre para resistir; a singularidade da pompa, não só authorisa, mas authentica; não só leva a si a nossa attenção, mas tambem a nossa submissão; não só nos faz obedecer, mas crer.

Os sabios da terra não são os mais proprios para o governo della. As Republicas, que se fundão, ou se quizerão governar por sabios, perderão-se, acabaráo-se; temos noticia del-

dellas pelo que foraõ , e naõ pelo que saõ. Roma , essa illustre capital do mundo , ou ao menos da maior Republica , que o mundo vio ; essa universal conquistadora , para cuja gloria concorreo a fortuna mais constante , e cujo poder se manifesta ainda , ou já referido nos seus Fastos , ou já representado nos vestigios preciosos das ruinas , como em obeliscos , arcos triunfantes , columnas , circos , aqueductos , urnas sepulchraes ; essa Cidade altiva em que o mundo se quiz resumir , e abreviar ; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo , do tempo em que as sciencias chegaraõ ao maior auge. Julio Cesar , famoso Heroe , e sabio Capitão , foi o que nos campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade á patria , e se fez ao mesmo tempo senhor della. Quem dissera a Roma , que no seu proprio seio se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros ; e que as fochas para a abraçar , se haviaõ de acender dentro dos seus muros ! Roma , sempre vencedora , e invencivel , cessou de
o ser,

o ser, assim que achou em hum filho ingrato, hum sabio armado. As maiores crueldades, ou foraõ feitas, ou aconselhadas pelos Sabios; estes quando persuadem o mal, he com tanta vehemencia, e taõ efficazmente, que as gentes na boa fé, buscaõ, e praticaõ esse mal, como por enthusiasmo, e sem advertirem nelle. A impiedade, he huma das cousas que a sciencia ensina; naõ porque esse seja o seu objecto, ou instituto, mas porque quando a impiedade he util, á força de aornar, se lhe tira o horror. A vaidade das sciencias naõ consente, que haja cousa de que ella naõ possa, nem se saiba aproveitar. Os erros communmente saõ partos da sabedoria humana; o errar propriamente he dos sabios, porque o erro suppoem conselho, e premeditação; os ignorantes quasi que obraõ por instituto; a sciencia sabe ligitar o erro, a ignorancia naõ: por isso nesta naõ ha perigo de que ninguém o approve; em lugar que naquella ha o perigo de que a multi-
daõ o siga. O erro na mão de hum
sa-

Sobre a vaidade dos homens. 237

fabio he como huma lança penetrante , e forte ; na mão de hum ignorante , he como huma arma quebrada , sem uso , nem consequencia. As cousas parece que recebem mais da fórma , que se lhes dá , que da natureza que tem ; não se attende á substancia do marmore , ao pulido fim ; a dureza importa menos que a figura. As sciencias são as que dão o lustre ás cousas , e sempre dão o lustre que lhes parece ; ou duvidoso , ou falso , ou verdadeiro ; a vaidade he o artifice.

Os Heróes são os que combatem, os que vencem, e conquistaõ ; porém os sabios são os que de algum modo reinaõ , e governaõ. O trabalhos , e o perigo , he dos Heróes ; dos sabios he o fruto : aquelles contentaõ-se com a gloria do vencimento , estes o que querem , he a utilidade da vitoria ; huns reservaõ para si a vaidade do nome , outros não querem mais do que servir-se da authoridade d'elle ; o guerreiro semea sangue , para o sabio colher flores. He certo , que cada Potentado não he mais do
que

que hum só homem ; na campanha
fim póde commandar a muitos mil :
hum voz , hum final , hum clarim
basta para fazer mover hum corpo
formidavel ; porém na paz não he
assim , porque nella o governo he co-
mo hum guerra civil , que faz entre
os mesmos Cidadãos ; e entre os mes-
mos naturaes ; então mandaõ os sa-
bios ; por ser guerra sem estrondo ,
não he menos arriscada ; nella se vem
traçoens , ataques , subtilezas ; aquillo
que em guerra viva decide a espada ;
na paz decide a pena ; esta tambem
corta , ainda que não tão depressa , e
nisto mesmo consiste hum dos seus
modos de cortar ; a lentidaõ afflige
á maneira de hum martyrio , que pa-
ra ser mayor , se faz por arte vaga-
roso ; e com effeito a morte parece
que não he morte quando chega ,
mas sim quando está para chegar ; o
ultimo instante he insensivel , porque
he como hum tempo , que se não
compoem de tempo ; a dor para se
fazer sentir , necessita de espaço ; por
isso a agonia não he quando al-
guem acaba , mas quando está para
aca-

acabar. Assim são as dilações, de que no ocio da paz se formão os conflictos; estamos vendo acabar-se a nossa vida, sem que se acabe a nossa dependencia; esta vai ficando como herança; e para ser herança infeliz, sem estimação, nem preço, sempre passa com a qualidade de incerta, e duvidosa, porque sempre fica dependente da inclinação, do arbitrio, e do juizo humano: isto he o mesmo que não ficar sujeita a cousa nenhuma certa, mas a huma pura sorte. A fortuna, o tempo, a occasião, o humor, a hora tem mais parte nas decisões, do que a ley, a verdade e a justiça; esta, ou a sua imagem symbolica, em huma mão tem a balança, e na outra a espada; mas que peza na balança? ponderações, discursos, e argumentos são as partes por onde o direito se governa; mas são partes, que se não podem pezar, porque não tem corpo, nem entidade; e assim já temos a justiça impropria, até na mesma idéa da sua representação, e se a quizermos defender pela sua antiguidade, convenhamos

mos em que as razões se pezem; mas em que mãos ha de a balança estar para fer fiel? Nas dos homens, certamente não; nas de hum Deos sim. A espada tem mais exercicio na justiça; por isso sempre está em acção, isto he, levantada; e com effeito o ferir he mais facil, porque he mais facil tambem o descarregar o golpe, que o suspendello: a força que suspende, he violenta, a que descarrega, he natural: mas como pôde a justiça ter na espada hum exercicio justo, se a balança na mão dos homens não tem uso, e se o tem he sómente imaginario, e na realidade impraticavel? A espada depende da justiça da balança, e assim vem a depender de hum instrumento inutil, sim depende de hum balança certa, para saber o como, quando, e em que caso ha de ferir; mas para nosso mal, a balança na mão da Justiça pintada, he que se vê; não porque deixem de haver homens justos, mas porque a justiça verdadeiramente não se pôde pezar; he hum acto de discurso, e este em cada homem, he sempre incerto, vago, e

vacilante . Para dar a cada hum o que lhe toca , não basta ter huma vontade perpetua , e constante ; nessa mesma vontade he donde o erro se introduz . Finjamos que o discurso he como hum campo largo em que a verde Primavera faz nascer aquella multidão de bellas flores , mas entre estas , quem impede que não nasça alguma flor com vicio , ou alguma planta agreste , inferior , e errante ? As flores nascem no campo , os discursos em nós ; felices são as flores , pois foraõ produzidas na terra humilde , e por isso mesmo incapaz de vaidade , e ainda cheia de simplicidade virginal : infelices os discursos , pois nascendo em nós , nascem de hum limo peccador , e por isso terra ingrata , impura , e adulterada .

Só Deos governa só . Os Potentados não podem governar , sem terem varias jerarchias , ou ordens de Magistrados ; nestes delegaõ o poder ; os Magistrados subdelegaõ aquelle mesmo poder em outros , e estes o tornaõ a subdelegar : assim se fórma hum corpo vasto , composto de muitos

tos membros , e todos animados por hum mesmo , e unico poder : este visto, e tomado na sua primeira origem he justo , pio , verdadeiro , generoso , legitimo , protector , paterno ; he hum poder , em que parece está depositado , ou delegado o poder de Deos : depois que sahe daquelle centro para dividir-se , ou repartir-se , logo se altera : em quanto está no throno , he puro ; se se affasta del- le , degenera , he como huma arvo- re , que se transplanta para hum ter- reno improprio : as aguas são limpas quando nascem ; depois fazem-se im- mundas , segundo os lugares por on- de correm : o espirito não anima as partes , que estão fóra do seu corpo , e a alma que parece , que habita em os membros todos , foge , e se reti- ra , dos que foraõ separados : a cla- ridade da luz não se communica bem , se a distancia em que está he exces- siva ; o fogo não tem calor , senão dentro da esféra da sua mesma acti- vidade ; as cousas postas fóra da sua região , tomaõ huma natureza con- traria , e ficaõ outras. Que cousa pô-
de

de haver, que pareça estar mais fóra da sua região, da sua esféra, e do seu centro, do que o exercicio do poder, e da justiça na mão dos sabios? Estes são prodigos daquelles attributos, usão delles como cousa emprestada, e alheia; a sciencia que os fez subir, he o que desprezaõ mais; não porque totalmente desprezem a sciencia, mas porque esta prescreve certos modos, e limites, que se não podem passar, nem deixar de chegar a elles; esta necessidade serve de angustia; he aperto o haver de seguir precisamente hum caminho prescrito, e determinado; a vaidade da sciencia não se accomoda em seguir, o que quer he que a sigaõ; não quer observar a regra, quer fazella. Os sabios soffrem mal o serem executores, e não legisladores; e com effeito a execuçaõ, soa huma especie de servidaõ publica; por isso cada hum se fórma huma sciencia particular; e esta he a que propriamente he sua; daqui vem os diversos pareceres; nem póde deixar de ser, porque nenhum sabio se go-

verna pelos principios communs a todos , mas por aquelles que só a elles são communs ; e quando recorrem aos principios dos outros , he para confirmação dos seus : mas como pôde não ser assim , se he regra , que em certos casos não deve a regra servir de regra , nem o principio de principio , nem a lei de lei ? Então vem a consistir a observancia da lei , na transgressão della , a conformidade com o principio , consiste em se affastar d'elle , e a sujeição à regra , consiste em a violar , desta sorte vem a sciencia a ser huma faculdade arbitraria , e fundada mais no conhecimento dos casos , do que no conhecimento das leis : estas são as que se applicão , e na occasião de serem applicadas , he que tem o perigo de se quebrarem ; ou torcerem ; ellas se quebrao , e se torcem , ainda sem ser por fraqueza de quem as applica , mas por culpa da mesma cousa. Vemos aquelles sabios , quasi sempre desunidos ; todos estudaõ as mesmas leis , mas no modo de as praticar , nenhum concorda ; não só disputaõ quan-

quando aprendem, mas tambem quando sabem; em disputar passaõ todo o tempo de apprender, de ensinar, e de usar; o que argumenta, e duvida mais, he o que da melhor final de si; o saber embaraçar mais, he o mesmo que saber mais; o applauso não segue a quem tirou a difficulda-
de mas a quem a poz; nem tambem a quem a desfez, mas a quem a fez; a ostentaçãõ não está em fazer allentar no que a cousa he, mas em arguir, e destruir tudo aquillo em que se assentar: celebre sciencia, em que os ignorantes, parece que estão de melhor partido que os sabios! Estes vem tanto, que a multidaõ das cou-
sas que vem, os confunde, e cega; aquelles vem menos, e por isso vem mais: a abundancia de sciencia faz aos sabios pobres de saber; neste caso a sabedoria está em poder tornar para o estado de ignorancia; a maneira de alguem que retrocede para buscar o que perdeu: alguma vez succede a quem caminha, o passar além do lugar para donde vai; entãõ quando mais caminha, mais se per-

perde; porque busca adiante aquillo, que já lhe fica atraz: tanto erra quem anda menos, como quem anda mais; e tanto se desvia quem não chega ao lugar, como quem o passa. Hum vento muito forte ainda que seja favoravel, he tormenta; a luz nem por ser muito intensa, he mais clara; as aguas, que correm precipitadas, para pouco servem; a grande velocidade as faz inuteis, e incapazes; o pezo não só fica sendo errado, por ter de menos, como por ter de mais; as cousas não só se arruinão por fraqueza, mas tambem por fortaleza; a saude demasiada passa a enfermidade; o preceito não só se quebra pela diminuição da observancia, mas tambem pelo excesso: algumas virtudes ha, que são vicios moderados; a temperança he como huma raia, que está entre o vicio, e a virtude, e que distingue o bem do mal; nas sciencias tambem se pecca, por se saber nellas mais do que se deve saber: a nossa comprehensão não he infinita; depois que recebe huma certa porção de intelligencia, fica sem

sem poder receber mais , e se se lhe quer introduzir com violencia , cança , e fica como imbecil , e enervada. Depois que hum vaso está cheio de licor , o que se lhe deita mais , perde-se , e muitas vezes do seu mesmo fundo se faz levantar huma poeira subtil , que o turva : daqui vem , que os sabios são confusos communmente , embaraçados , e irresolutos , á maneira de quem leva sobre si hum grande pezo , que sempre vai com medo , e de vagar : a immensidade de regras , de opinioens , e de doutrinas , de tal sorte os occupa , que ficaõ como prezos , e immoveis : a variedade de razoens , e de razoens contrarias , que hum sabio acha em qualquer cousa , o suspen- de em fôrma , que fica sem saber , qual razão ha de seguir ; em todas considera fundamentos admiraveis para serem approvadas , e para o não serem , tambem em todas considera fundamentos grandes : daqui vem as dilacões , irresoluções , e perplexidades ; este he o caso em que aquillo , que não decide a in-

a inclinação , decide a hora ; a fortuna he a que move a pena , que absolue , ou que condemna. O sabio que fluctua no meio de razoens , e opposições iguaes , finalmente lá se deixa levar por alguma razão exterior , e indifferente ; as cousas remotas , que não tem relação alguma , nem connexão com a materia , entram em concurso , com as que formão o corpo , e substancia della : o litigante a quem o Juiz vio , ou fallou ultimamente ; aquelle , que sabe ser mais cortezaõ , cuja voz he mais sonora , e cujo nome he facil de pronunciar , ou de escrever , esse he o que vence , e a quem se julga a palma ; esta não foi tirada do campo da peleja , mas de outro lugar estranho , e independente. Assim governaõ es sabios , por isso ha tanta incerteza ; e mudança nas suas decisões ; o que hum disse , outro reprova ; o que hum fez , outro emenda ; e muitas vezes na emenda he que está o erro ; semelhante ao mal , que procede unicamente do remedio ; cada hum defende a sua opiniaõ , e persiste

siste nella; e cada hum se persuade, que o erro não esteve na decisão, mas na reformação; em todos fica constante a vaidade da sciencia; e algum que se retrata, também o move a vaidade de não ser, nem parecer-se com os outros: huns fazem vaidade de serem infalliveis, outros também se desvanecem de mostrarem, que o não são: deste genero são poucos; porque a vaidade de desprezar a vaidade he muito rara, e em si mesmo he estimavel. A virtude, ainda que venha de hum principio vicioso, sempre he virtude de algum modo, ou mais ou menos qualificada; o obrar bem por qualquer motivo que seja, he bom; as nossas acçoens, não se determinão pela causa que mostrão, mas por outra que se não vê; e entre todas as causas, aquella que consiste em huma vaidade innocente, he menos má. Que importa, que a vaidade seja a que incite o exercicio do valor, da constancia, da sciencia, e da justiça? O impulso, que move, fica separado da causa movida: dous licores contrarios por mais, que se
mis-

misturem , sempre parece que hum foge do outro , e se separa ; o artifice , o instrumento , a obra , tudo são partes distinctas ; a vaidade póde incitar a virtude , mas não incorporar-se a ella ; póde juntar-se ; mas não unir-se.

A sciencia de fazer justiça he verdadeiramente sciencia de Deos , e dos seus substitutos na terra , que são os Soberanos : he impossivel dar-se injustiça em Deos ; nos Soberanos , não he impossivel , mas he improprio : nos mais homens a injustiça he quasi natural. Quaes são aquelles de quem se possa dizer exactamente , que não tem interesse , inclinação , ou dependencia ? Qualquer destas circumstancias serve de impedir o exercicio , e sciencia da justiça. Só os Reis relevaõ immediatamente de Deos , e só de Deos dependem ; os mais homens todos dependem huns dos outros , porque ha mil modos de depender : aquelles mesmos , a quem a altura do lugar faz parecer totalmente independentes , são os que muitas vezes dependem

Sobre a vaidade dos homens. 251

dem mais: aquelles a quem o merecimento, ou a fortuna; poz em hum certo gráo de authoridade, necessitaõ de adquirir nome, e reputaçãõ; necessitaõ da opiniaõ, e approvaçãõ dos outros homens. Que maior necessidade de dependencia! A opiniaõ, e approvaçãõ commua, não se fórma do parecer de hum só, nem ainda do parecer de muitos, mas do parecer de todos; e desta fórte os mesmos de quem todos dependem, são também os que dependem de todos. A opiniaõ das gentes não he cousa tão pouca, que della não dependa a conservaçãõ do lugar, e da authoridade: o receio de que o poder se perca, ou o respeito diminua, he o que occupa cruelmente aos que estão em lugares eminentes; nestes ninguém está seguro, nem ainda os mais felices, porque se huma mão poderosa os sustem como elevados no ar, póde largallos, e quando creem que estão em assento firme, não estão senão suspensos: as azas de huma boa fama são as que os sustentão, se ellas faltaõ, o mesmo braço, que

os

os suspende , os precipita : o favor supremo , raramente he indiscreto , e se accaso se inclina sem razão , isto he , se alguem por engenho , e arte , se fez injustamente amar de hum Soberano , este nõ dia do seu furor castiga aquella usurpação , e sobreppação de amor ; castiga o crime de quem se fez amar por artificio. A inclinação dos Reis costuma fundar-se em merecimentos , e virtudes ; destas se compoem o encanto magico , que attrahe a si hum favor prudente ; mas se foraõ fingidas as virtudes , e se os merecimentos não foraõ verdadeiros , irrita-se aquella mesmo favor , á proporção que tem pejo da sua preocupação , e credulidade : nenhum engano he mais sensível , que aquelle que se dirige a roubar o affecto ; a alma , que amou , não só sente o ter amado injustamente , mas sente tambem o não dever amar mais , porque a impressão , que o amor fez , não se pôde tirar sem estrago , e dor da parte adonde está : o que foi gravado profundamente , não se destaz sem ruina , e perda : para aniquilar-se a
for-

fôrma de huma estampa , he necessario perder-se a estampa toda ; não só a figura , que ella representa , mas tambem o corpo , em que a representação está. Aquelles pois , que devem ás letras a sua exaltação , e que entendem , que feitos arbitros do mundo não dependem d'elle , são os que na verdade estão mais dependentes , porque a fama da sciencia , que os conserva , tambem he mudavel , e inconstante , e o mesmo favor que os fez subir como sabios , póde fazellos descer como ignorantes. A sciencia não he qualidade tão certa , e permanente que não possa soffrer alteração. Tudo em nós tem decadencia , e só a sciencia a não ha de ter ? Nem he preciso , que concorra alguma causa natural ; as paixoens bastão para perverterem as sciencias ; não tomadas universalmente como ellas são em si , mas tomadas como são em cada hum de nós. Huma pequena nuvem basta para escurecer a luz do Sol ; as paixoens são como muitas nuvens juntas. Aquelle , em quem a ira não póde encobrir a luz do entea-

tendimento, e da sciencia, a ambição ha de encobrilla, e se o não fez, poderá fazello a grandeza do respeito, e na falta deste, lá vem o amor, não só armado de setas, mas de lagrimas; não só fiado no seu imperio, mas tambem na sua submissão; não só com animo de render, mas de render-se; fatal combâte, em que a maior força consiste na falta de fortaleza, e em que o ficar vencido, he o meio por onde a victoria se segura; mas se nem o amor, nem a ambição nem a grandeza puderaõ conquistar hum peito heroico, lá vem finalmente a vaidade, e esta sempre vem feita invisivel, e acompanhada de todas as paixoens; mas disfarçadas: o desejo, a dissimulação, a preguiça, e a inveja, vem cobertas de hum sayal modesto, e trazem no semblante hum ar composto, e humilde, a vingança, a soberba, a rapina, e a altivez, vem cobertas de fumos de varios cores, e de diferentes formas. Assim se introduz enganosamente a vaidade, e assim vive em nós sempre escondida, como inimigo occulto,

occulto , e traidor ; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis , e quando os deixa ver , he por algum interposto meio , por onde elles mostrem o contrario do que saõ. Havendo tantas sciencias ; apenas ha alguma que faça , que nos conheçamos a nós , nem aos nossos vicios , nem a nossa vaidade. As sciencias humanas , que aprendemos , communmente saõ aquellas , que importava pouco que soubessemos ; deviamos aprendernos a nós , isto he , a conhecernos ; de que serve o saber , ou pretender saber , como o mundo se governa , ao mesmo tempo que ignoramos , o como nos devemos governar ? Para tudo somos sabios , só para nós somos ignorantes. Falta-nos o conhecimento proprio ; não porque nos falem regras , e preceitos para que possamos conhecernos , mas porque a vaidade se oppoem a huma sciencia , que faz humilde a quem a sabe : he arte mui difficiltoza de aprender aquella que nos tira a presumpção. Que inutil cousa he hum espelho para quem sabe que se ha de ver a elle horrendo ,
dis-

disforme, e macilento! Por isso fica sendo como huma alfaia sem uso, e desprezada: o ser fiel, e verdadeiro, he crime; quando a verdade molesta, e abate; o espelho que não lisonjea he prejudicial.

A sciencia de fazer justiça he donde a vaidade he mais perniciosa. Quem dissera, que tambem ha vaidade em se dar o que he seu a cada hum! Não só ha vaidade nisso, mas essa mesma vaidade he a que faz muitas vezes, que a cada hum se não dá, o que he certamente seu. A corrupção das gentes está tão espalhada, que faz parecer virtude, huma obrigação que se cumpre, huma divida que se paga, ou huma verdade que se diz. As cousas não se regulão pelo que deviaõ ser, mas pelo que poderiaõ ser; isto he, o deposito que se entregou, podendo-se negar; a divida que se podia não pagar, e se pagou; a verdade que se disse, podendo-se esconder; e assim a privação do vicio serve de virtude actual, e de alguma sorte, para ser hum homem virtuoso, não he necessario que
fa-

faça algum acto de virtude , basta que não faça algum de vicio ; e de algum modo tambem , o ser leal não depende do exercicio da lealdade , basta que se não exercite alguma aleivosia. O mundo está tão pervertido , que a bondade dos homens não se tira da razão de serem bons , mas da razão de não serem máos : o nome da virtude , não vem da virtude presente , mas do vicio ausente ; o merecimento das cousas , não se toma pelo que são , nem pela fórma que tem , mas pelo que não são ; e pela fórma contraria que não tem. Daqui vem que huma acção he louvavel , só porque não he reprehensivel. Aquelle meio de não ser , nem huma cousa , nem outra , parece que o não ha já ; ficaraõ os extremos , e extinguiu-se o meio. Tudo propende para o que não deve ser , por isso não sei se podemos admirarnos , de que as fontes ainda corraõ para o mar , de que o fogo ainda abraze ; de que o ar ainda se mova ; e de que a terra ainda fertilize. Os elementos não se mudaõ , mas he , porque estaõ sub-

R

ordi-

ordinados ás primeiras leis , quelhes den o author do mundo ; temos o uso delles , o dominio não ; devem servirmos , e não obedecernos : a nossa prevaricação estende-se a tudo quanto foi , ou he obra nossa ; por isso a vaidade se communica , e tem jurisdicção em tudo aquillo em que nós a temos. Daqui procede , o ser a sciencia da justiça humana , humana sciencia mudavel , inconstante , e varia ; porque as leis da vaidade sabem confundirse com as leis verdadeiras da justiça. A vaidade tambem tem regras , e Doutores. Quantas injustiças não terá feito a vaidade de fazer justiça ! A mesma vaidade que inspira a rectidão , a embarça. Revista-se embora o soberbo Magistrado de hum semblante rugoso , implacavel , adverso , e truculento ; faça-se irrisivel totalmente , áspero , severo , e desabrido ; mostre hum aspecto sombrio , terrivel , taciturno , e intratavel ; falle de hum ar , e tom de soberania ; tenha sempre o pensamento distrahi-do , como que o tem todo occupado em Ulpiano , e Bartolo , ou que
está

combinando na memoria algum ponto de grande consequencia , de que talvez depende a economia do Universo ; nada disso pertence á natureza do Magistrado , á natureza da vaidade sim. Hum jurisperito incivil quer que até na gravidade do seu vulto se conheça a inflexibilidade do seu animo ; e que se veja até na sua fôrma exterior , huma fôrma judicial. Aquelle frontispicio , cujo ornato consiste na desordem , he a primeira cousa que a vaidade expõem , como em espectaculo , quando quer alcançar huma acclamação de justo. Mas quantas injustiças não produz o desejo , ou a vaidade de adquirir aquella acclamação ! Não pôde haver justiça , quando esta se exercita por algum fim , que não seja por ella só ; nem pôde ser justo nunca , quem tem por objecto principal , a gloria de o parecer. Tudo o que se busca por ostentação , busca-se por qualquer meio que for , isto he , ou justo , ou injusto ; quem procura a voz da fama , que lhe importa a figura do instrumento que ha de fazer aquelle som ;

o que o fizer mais espantoso, e o espalhar mais longe, esse he o que convem; nem importa que a voz seja sonora, e certa, o ponto he que seja forte. Quem he muito sensível á vaidade do nome, e á vaidade da opiniaõ, commummente he insensível á realidade da cousa; esta fica desprezada, se se pôde desprezar com segurança, e sem receio; quando só se quer o effeito, não se procura, nem attende a causa; por isso a quem deseja o applauso da virtude, esta fica sendo indifferente; e a quem deseja o applauso da justiça, tambem esta fica sendo menos importante. Daqui vem, que a justiça costuma fazer-se para soar: aquella que soa mais, (ou pela grandeza da materia, ou do sujeito) essa he a mais agradavel a quem a faz; porque della se fórma a voz da fama, e juntamente nasce della o nome, e reputação de justo. A vaidade não se contenta, com o que as cousas faõ, mas com o que parecem, com tanto que pareçaõ grandes; nem faz caso do que se diz que he: estima o merecimen-
to

to não segundo a qualidade delle , mas segundo o effeito , que faz na estimacão das gentes : não faz distincção entre o louvor extorquido , e o louvor merecido justamente , basta-lhe que seja louvor ; e isto he porque a vaidade não se formaliza da verdade do principio ; o que quer he , que os homens se admirem ; que tomem huma exhalacão por huma estrella , importa pouco : daqui vem , que huma acção illustre , mas feita em segredo , a vaidade a tem por infeliz ; a virtude escondida , e que não se sabe , a vaidade a julga por huma virtude perdida , e morta.

O juiz , que decidio contra hum litigante poderoso , e a favor de hum litigante humilde , logo attrahio a si todo o suffragio popular ; a multidão o canonisa sem exame , e o faz passar por justo , inteiro , e sabio. Assim se engana , ou se deixa enganar aquella multidão cega , e sem experiencia ; presume no juiz hum espirito de justiça , firme , e incontrastavel , só porque o vio julgar contra a grandeza do poder ; mas não vê
que

que nisso mesmo quiz o juiz astuto; fundar a sua grandeza propria; opprimio injustamente ao grande, (porque nem sempre a razão, e a justiça estão da parte dos humildes) aquelle foi o meio que buscou para fazer-se admiravel entre todos, e adquirir reputação em poucas horas: huma só injustiça lhe deu a opinião de justo; huma só iniquidade o fez illustre; talvez que huma vida longa, e cheia do exercicio da justiça verdadeira, não fizesse tanto; isso mesmo previo o maligno julgador; por isso quiz anticipar-se aquella gloria, ou vaidade, por meio de hum crime, que o vulgo communmente não suppoem: daquella sorte conseguiu hum alto nome; mas que importa, elle mesmo o desconhece: todos o tem por justo, e só elle não se tem a si; o engano produziu o effeito para os mais; para elle não; todos o estimaõ porque o crem justo, e só elle se reprehende, porque interiormente sabe que o não he; a todos póde enganar, só a si não; a consciencia, que não teve para julgar a outrem, tem-na (a seu

Sobre a vaidade dos homens. 263

seu pezar) para julgar-se a si ; em si mesmo tem hum Tribunal , que o accusa , e que conhece claramente o seu delicto ; aquelle conhecimento he o por onde começa desde logo a sua pena ; a sentença contra hum julgador impio , elle mesmo a pronuncia ; e por mais que a vaidade (depois que o fez errar) o ponha em hum perpetuo esquecimento do seu erro , com tudo lá vem algum tempo em que parece , descança a vaidade , e desperta a consciencia ; esta nem sempre vive em hum letargo ; ás vezes se levanta como estremecida , e affombrada ; então a ouvimos suspirar dentro de nós , á maneira de hum gemido queixoso , ou eco triste , que sahe do fundo interior de hum ermo solitario ; o coração se sobressalta , e enternece ; hum horror gelado , e frio , parece que o cobre , e lhe suspende o movimento ; só então podemos ver naquella luz serena , e pura , luz da justiça , e da razão ; então se vê , que a vaidade he de todas as sciencias , e que ainda aquella , que tem a justiça , e a razão por inf-

instituto , nessa mesma se introduz a vaidade. Quem dissera , que a escuridade das trevas póde ter lugar na mesma parte em que a luz preside ! Que á vista da formosura , póde ter veneração a fealdade ! Que hum voz irracional , e rouca , póde entrar sem desordem no concerto da harmonia ! Que entre as pedras preciosas , póde ter valor a pedra tosca ! Que o metal grosseiro tem hum preço igual ao metal brilhante ! E finalmente quem dissera , que no templo da divindade póde ter algum culto , o idolo ! Entre extremos taes , a distancia que ha , he infinita ; e com effeito entre o vicio , e a virtude ; entre o engano , e a verdade ; e entre a injustiça , e a justiça , não ha caminho certo , nem proporção , que se conheça ; o mesmo meio parece que he injusto , e vicioso. Mas que importa : a vaidade faz , que não seja excessiva a distancia dos extremos , porque quando os não póde chegar , e unir , faz com que ao menos se possa ver de longe ; he o que basta para de algum modo os concordar , e tu-

tudo sem mais força, nem trabalho, que o de dar á verdade alguma sombra, algum pretexto ao vicio, e alguma cor á injustiça: e assim em quanto houverem cores, sombras, e pretextos, haõ de padecer a verdade, a justiça, e a virtude.

Na sciencia de julgar, alguma vez he desculpavel o erro do entendimento, o da vontade nunca; como se o entender mal não fosse crime, erro sim; ou como se houvesse hum grande differença entre o erro, e o crime: o entendimento póde errar, porém só a vontade póde delinquir. Assim se desculpaõ communmente os julgadores, mas he porque não vem, que o que dizem, procedeo do entendimento; se bem se ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parto supposto, cuja origem, não he aquella que se dá. Querem os sabios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio que trouxe da vontade: mas quem he que deixa de não ver, que o nosso entendimento quasi sempre se sujeita

jeita ao que nós queremos ; e que o seu maior empenho, he servir á nossa inclinação ; por isso raras vezes se oppoem , e o mais em que se occupa, he em conformar-se de tal sorte ao nosso gosto , que ainda a nós mesmos fique parecendo , que foi resolução do entendimento aquillo que não foi senão acto da vontade. O entendimento he a parte que temos em nós mais lisonjeira ; daqui vem que nem sempre segue a razão , e a justiça , a inclinação sim ; inclinamo-nos por vontade , e não por conselho ; por amor , e não por intelligencia ; por eleição do gosto , e não por arbitrio do juizo : as paixões que nos movem , nos inclinão ; a todas conhecemos , isto he , sabemos que amamos por amor , que aborrecemos por odio , que buscamos por interesse , e que desejamos por ambição : mas não sabemos sempre , que tambem a vaidade nos faz amar , aborrecer , desejar , buscar ; daqui vem que o julgador se engana , quando se presume justo , só porque não acha em si, nem amor , nem odio , nem ambição ,

ção, nem interesse; mas não vê, que he vaidoso, e que a vaidade basta para o fazer injusto, cruel, tyranno. Não vê, que se não tem amor a outrem, tem-no a si; que se não tem odio ao litigante humilde, tem-no ao poderoso, só porque na oppressão deste quer fundar a sua fama; não vê, que se não tem interesse de alguns bens, tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da gloria de as desprezar; e finalmente não vê, que se lhe falta o desejo da fortuna, sobra-lhe o desejo da reputação. Que mais he necessario para perverter hum julgador? E com effeito que importa, que a corrupção proceda de hum principio conhecido, ou de hum principio occulto, isto he, de huma vaidade, que o mesmo julgador não conhece, nem percebe? O effeito da corrupção sempre he o mesmo. Que importa que o julgador se faça injusto, só por passar por justiceiro? A consequencia da injustiça tambem vem a ser a mesma; o mal que se faz por vaidade, não he menor, que aquelle
que

que se faz por interesse; o damno que resulta da injustiça, he igual; o juiz amante, ou vaidoso, sempre he hum juiz injusto.

Não he assim o magistrado ; ou o julgador prudente : este he severo sem injuria , nem dureza ; inflexivel sem arrogancia , recto sem aspereza ; nem malevolencia ; modesto sem desprezo , constante sem obstinação ; incontrastavel sem furor , e douto sem ser interpretador , subtilizador , ou legislador , o seu caracter he hum animo candido , sincero , e puro ; he amigo de todos , inimigo de ninguem ; he alegre , e affavel por natureza , mas reservado por obrigação do officio ; he sensivel ao divertimento honesto , mas sem uso d'elle por causa do lugar : em tudo he moderado , civil , circumspecto , diligente , laborioso , e attento ; a ninguem he pezada a sua authoridade , e quando foi promovido a ella , todos conheceraõ que foi justa , e acertada a eleição ; todos viraõ que tinhaõ nelle hum protector seguro da verdade , e hum medianeiro discreto , e favoravel para tudo o que fosse favor ,

cle-

clemencia , generosidade ; chegou á
aquelle emprego por meio das virtu-
des , e não por meio da fortuna ; hum
alto merecimento o fez chamar : e as
gentes se admiraraõ , não de que fos-
se chamado , mas de que o não fosse
mais lcedo : a elle não affombra nem
a grandeza dos sujeitos , nem dos lu-
gares , nem das materias ; não atten-
de mais do que á justiça ; a esta tem
por objecto singular , para esta he
que olha ; a razão he a sua regra ,
elle a segue , e a acclama em qual-
quer lugar que a ache : no seu con-
ceito não valem mais , nem o pobre
por humilde , nem o grande por po-
deroso ; distingue as pertencoes dos
homens , pelo que ellas são , e não
por de quem são ; não attende á qua-
lidade dos rogos , mas á qualidade
das cousas : huma vida sem reparo ,
nem desordem , foi hum dos requisi-
tos por onde se habilitou ; outros ha
a quem não he ventajoso , que se
vejaõ os passos , que já deraõ , mas
sómente aquelles , que vão dando ;
e a quem não será util , se ponderem
as acçoens antecedentes ; e ainda as
pre-

presentes não passam sem murmuração, e queixa. O julgador benigno não receia, que se saiba a sua vida, que se diga, e que se escreva; o seu panegyrico só depende da verdade, do encarecimento, ou da lisonja, não; elle mesmo he o seu elogio. Finalmente o julgador sincero tem das sciencias o que basta para saber julgar, e não o que basta para saber embarçar; alguns ha, que fazem do conhecimento da razão huma sciencia immensa, como se fosse necessario arte para se conhecer o Sol. O caminho da justiça (para quem tem vontade de andar por elle) he hum caminho direito, espaçoso, claro, facil, e aprasivel; as flores, que o bordão de huma, e outra parte, todas são perpetuas, porque nunca murchoam; huma Primavera constante as reverdece, e alenta: o caminho porém das injustiças he hum caminho difficil, espantoso, e escuro; humas vezes he por cima de rochedos escarpados, por onde a cada passo se encontra hum precipicio; outras vezes he por valles estreitos, sinuosos, e pro-

e profundos , e donde as arvores são todas infecundas , tem palidas as folhas , e nascendo desordenadas , e confusas , fazem o lugar seguro , e proprio para traçoens , aleivosias , furtos , assassinos ; as mesmas sombras infundem pavor , e fingem vultos enormes ; hum ar caliginoso , e denso , apenas pôde alvergar aves nocturnas de presagio infausito ; os rios , que alli se vem , são negros , e tem no abyssmo o fundo , apenas pôde criar monstros amphibios ; o silencio , com que passão , os faz ainda mais funebres , e tristes , como se nascessem do Styge , do Averno , ou do Cocyto. Esta figura representa o caminho da injustiça , caminho , que não se sabe sem estudo , porque tudo se compoem de circuitos , rodeios , e desvios. Mas que infeliz estudo he este , em que se aprende muitas vezes o caminho por onde se vai ao Inferno ! Por isso aquelle digno Magistrado , de huma fiel jurisprudencia , só quiz saber , o como se deve julgar ; e não o como se pôde julgar ; e da mesma sorte só quiz saber , o como

mo se devem fazer as cousas, e não o como se podem fazer; daqui lhe procedeo o serem justas as suas decisões, e ser o seu voto acertado sempre; nunca teve por objecto, senão a justiça, e a razão, e estas só consideradas em si mesmas, sem alteração, e no seu primeiro estado de innocencia, e de pureza; nas leis nunca vio mais nem menos do que aquillo, que ellas tem, nem as soube accommodar a algum sentido exquisito, e raro, por onde viesse a ter lugar a inveja, a ambição, e a vingança. Finalmente aquelle julgador he verdadeiro só por amor da verdade; he justo só por amor da justiça; elle conhece os seus proprios movimentos, e entre estes segue unicamente aquelles, que tem por principio a justiça, e a verdade. Não se desvaneca das virtudes, que conhece em si; o applauso só quer, que seja da virtude, e não seu; o louvor quer, que se dê á razão, e não a elle; parece-lhe, quem em obrar como deve, não merece nada; não se admira da justiça, que exercita por força da obrigação das

das acçoens memoraveis , em que tem parte , elle se suppoem hum instrumento necessario ; sendo assim , não o póde vencer a vaidade. Esta , que em todos os homens he como hum affecto , ou paixão inevitavel , só naquelle julgador fica sendo como affecto sem vigor ; desconhecido , e estranho ; mas por isso mesmo , e sem cuidado , conseguiu , e tem hum nome veneravel , e com circumstancia tão feliz , que esse mesmo nome , que conserva , contém em si huma illustre , e saudosa recordação.

A vaidade da origem , he huma feita , que se fundou na Europa da decadencia de outras da mesma especie , ou semelhantes : aquella parte por onde o mundo se começou a polir , foi o donde os homens descobrirão a invenção maravilhosa da nobreza. A successão dos seculos tinha feito perder a intelligencia , e uso de muitos artificios uteis , e admiraveis ; mas em recompensa fez achar no sangue muitas differenças , que ainda se não tinham advertido. Os homens barbaros não puderaõ ver no
S san-

sangue outras cousas mais , do que aquellas de que consta ham corpo fysico ; e naquelle humor o mais que viraõ , foi a razão de mais , ou menos liquido , e a razão de mais , ou menos cor ; destes dous principios fizeraõ resultar todas as mudanças de que o sangue he susceptivel , e por causa delle , o homem. Averroes , Avicena , Hippocrates , e Galeno ; huns , famosos Medicos , e Philosophos Arabios ; os outros , tambem famosos Philosophos , e Medicos Gregos , não conheceraõ (segundo se diz) a circulação do sangue. Os que lhes succederaõ depois , não ló fizeraõ aquella grande descoberta , mas tambem entraraõ a seguir a idéa de applicar , ou considerar no sangue muitas razoes , e substancias importantes , de que a natureza , que o faz , e cria , não tinha , nem ainda tem , noticia alguma , de forte , que nesta parte póde dizer-se , que a natureza não sabe o que faz ; e com effeito o que sabe he , que o sangue he huma entidade material , sujeita a todas as leis da hydrostatica , e do equilibrio , e que

e que fôrma hum liquido espirituoso, vital, universal, e igual em tudo quanto respira, e he sensitivo; o mesmo modo, a mesma arte, os mesmos ingredientes, de que a natureza se serve para fazer o sangue de hum Leão, de hum Elefante, ou de huma Aguia, são os mesmos de que se serve tambem para formar o sangue de huma Pomba rustica, ou de hum Cordeiro manso; as producções são diversas, a fabrica he a mesma; não há differença nos principios, nas figuras fim. Se o Leão se desvanece, he porque tem a força, e não porque tem o sangue de Leão; e ainda se se desvanece pela força, he quando se compara ao Cordeiro debil, e não se he comparado a outro Leão. Se o Elefante fosse presumido, seria por ter a corpulencia, e não por ter o sangue de Elefante: e ainda no que toca á corpulencia, a presumpção seria a respeito de outros animaes de menos estatura, e não a respeito de outros Elefantes. Se huma Aguia se jactasse, havia de ser de subir mais alto, e não de ter o sangue de

Sup 3 S ii Aguia;

Aguia; e ainda a jactancia do subir,
 só seria a respeito do Cisne humido,
 e pezado, e não a respeito de outras
 Aguias. Não he assim o homem; por-
 que o seu desvanecimento, a sua
 presumpção, e a sua vaidade he diri-
 gida sempre a respeito dos mais ho-
 mens. O sangue he o lugar em que
 fazem consistir a singularidade, ou
 superioridade de huns a outros; na-
 quelle licor he o donde consideraõ
 como occultas, e invisiveis todas as
 razoens de differenças; alli puzeraõ o
 assento da Nobreza, e dalli a fazem
 sahir, como de hum fonte original,
 e composta de infinitas distincões,
 qualidades, grãos, quilates. Os ho-
 mens das outras regioens não distin-
 guem os sangues, senão pelas suas
 proporções elementares; isto he pela
 proporção dos elementos; ou partes,
 de que os mesmos sangues se com-
 poem; a diversidade que notavaõ,
 consistia em ser hum sangue mais,
 ou menos calido; mais ou menos
 denso; mais ou menos subtil; não
 viraõ aquellas nações remotas, o
 que com mais engenho, e estudo
 che-

chegaraõ a ver as naçoens da Europa; isto he , que ha hum sangue humilde , vil objecto , e baixo ; e que ha outro , nobre , illustre , preclaro , esclarecido : mas se se perguntar a hum sangue , quem o fez humilde , e a outro ; quem o fez nobre ; o primeiro ha de dizer , que hum nobreza cruel , e dilatada , o invileceo ; e o segundo dirá , que huma pomposa , e dilatada riqueza o illustrou. Quem dislera , que a fortuna faz o sangue ! Não bastava , que essa mesma fortuna tivesse poder nas cousas , que nos rodeaõ , sem o ter tambem naquillo , que está dentro de nós ? Parecia-nos , que só a natureza dava o sangue , e que este só da natureza dependia ; mas agora vemos , que a fortuna o muda.

Muda a fortuna o sangue ; ou ao menos parece , que o muda ; e com tal variedade , e força , que aquelle sangue , que algum dia foi humilde , hoje he generoso ; aquelle que foi esclarecido , he humilde ; o que agora he abatido , tempo ha de vir em que o não seja ; e o que está sendo illustre

lustre já , tambem algum dia deixará de o ser. Deste modo vem a depender o sangue , não só da fortuna presente , mas da passada , e da futura : não só lhe prejudica a miseria actual , mas tambem aquella que passou ; faz-lhe mal o mal que sente , e tambem aquelle que não póde sentir ; costuma vir-lhe de longe o abatimento , ou a grandeza ; por isso depende menos do estado presente em que se acha , que do estado passado em que outros se acharão ; e com effeito a fortuna dos passados faz a Nobreza dos presentes , e a fortuna destes faz a Nobreza dos futuros ; assim se faz a Nobreza , e se desfaz successivamente. A mesma fortuna prepara a Nobreza em huns ; isto he , começa-a ; em outros a aperfeiçoa ; até que finalmente vem a acaballa em outros ; o acaballa , he desfazella ; todas as cousas tendem naturalmente para o seu principio. A indigencia he mais natural , ou mais certa que a abundancia ; esta que illustra o sangue , he menos permanente do que a pobreza , que o abate ; a decadencia he

he mais commua, e menos inconstante; a prosperidade he a que faz a Nobreza; em quanto dura; e tambem he a que a desfez, quando se aparta. A Nobreza segue os passos da fortuna; se esta he dilatada, e grande, entao se forma huma Nobreza esclarecida; porque os seculos lhe elcondem a sua primeira, e limitada origem. A luz, quando nasce, he debil; porèm insensivelmente se fortifica; nenhum rio se mostra logo como mar; e dos que saõ mais celebrados, ainda se ignora o donde vem; talvez que seja de alguma fonte humilde, e desprezada; mas como vem de longe, a distancia os ennobrece, só porque occulta a tosca rocha, ou a brenha sem nome donde nascem. As cousas vãs necessitaõ de huma certa escuridade, que as esconda, porque como se estimaõ, só porque se imaginaõ estimaveis; se se deixaõ conhecer, perdem-se; a ignorancia do que ellas saõ, he o que as conserva, e atrahê a si hum respeito religioso. Saõ poucas as vozes, que não sejaõ imprudentes; e

pe-

pelo contrario, todo o silencio he discreto, e sabio; as cousas que não se estimaõ por não serem conhecidas, são raras: o merecimento transpira por toda a parte, e por mais que se queira esconder, não pôde; he como a claridade, que sempre busca, e acha caminhos invisiveis por onde passa: huma chamma activa não se pôde conter: ella se descobre, o mesmo fumo lhe serve de indicio. Não he isto assim na vaidade da Nobreza, porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel, e que esteja envolvido em sombras taes, que o exame as não possa romper; e que esse mesmo exame, já confuso, e embarçado, não chegue senão até áquella parte, donde a Nobreza está mais brilhante, e clara; e se lhe fosse facil andar mais, de successão em successão, lá havia de encontrar os sinaes, ou vestigios da miseria, e junto a esta inseparavel a vileza; assim, bem podemos assentar, que a vaidade da Nobreza he huma introducção supersticiosa, a qual nasce da vaidade do luxo, da vaidade da arrogancia.

gancia, e da vaidade da fortuna.
Erap preciso com effeito, que
muitas vaidades concorressem, para
poderem formar a vaidade da Nobre-
za; era preciso, que muitas vaidades
se juntassem, (todas subttis, e espe-
culativas) para fazer que os homens
cressem, qua os accidentes do tem-
po, da fortuna, e da desgraça, se po-
diaõ de tal sorte infundir no sangue,
que a hum constituíssem sangue no-
bre, e a outro fizessem sangue vil.
A Nobreza, e a vileza, são substan-
cias incorporaes, porque são vãs;
e se he verdade, que podem estar no
sangue, será talvez por algum modo
intellectivo, immaterial, e ethereo;
mas parece que nem assim podia ser,
porque aquillo que he vão, de ne-
nhuma sorte existe. A inexistencia
da Nobreza ainda he menos, que a
inexistencia de huma sombra, porque
esta ao menos he hum nada que se
vê; a imaginação pôde fingir huma
chiméra, porém dar-lhe corpo, não;
pôde imaginar a chiméra da Nobre-
za, porém introduzilla nas veas nun-
ca pôde ser. Os homens enganaõ-se
com

como o que imaginaõ ; parece-lhes
 que o mesmo he imaginar , que for-
 mar , e que he o mesmo idear , que
 fer. O engano , ou a vaidade da No-
 breza poderia ter lugar , se os ho-
 mens assim como a quizerão pôr in-
 teriormente em si , se contentassem
 com a pôr de fóra ; isto he ; se a fi-
 zessem consistir nas acçoens exte-
 riores ; perderaõ-se em buscar o san-
 gue para assento da Nobreza ; aquel-
 le engano ficou visível , e facil de
 perceber. Todos sabem , que a ima-
 ginaçaõ não póde dar , nem tomar
 corpo : a illusaõ do pensamento nun-
 ca póde ser mais do que illusaõ. O
 sangue não está sujeito á opiniaõ , só
 depende das leis do movimento , e
 da materia ; as distincçoens , que o pen-
 samento considera , não passaõ do
 pensamento ; nelle ficaõ , só nelle po-
 dem existir , no sangue não. A No-
 breza , e a vileza , são nomes diffe-
 rentes ; mas não fazem diferentes
 sangues ; estes são iguaes em todos ;
 e por mais que a vaidade finja , in-
 vente , e dissimule , tudo são imagens
 suppostas , e fingidas , tudo são opi-
 nioens ,

nioens, que todos sabem que são falsas; tudo são sonhos de homens acordados. A verdade ferri de ver a gravidade, o gesto, e circumspecção com que as gentes trataão a materia da Nobreza; e de ver que saibaõ como o sangue se ennobrece, ao mesmo tempo que não sabem o como elle se faz; de forte que ainda não conhecem, nem haõ de conhecer nunca a fabrica daquelle liquido admiravel; e presumem conhecer-lhe as qualidades; ignorão as qualidades certas, e visiveis, e cuidão que não ignorão as que são de huma fantasia irregular; e que não constaõ mais que de huma ficção civil. Daqui veio o reduzir-se a arte áquelle mesmo conhecimento, arte rara, e vasta; e que tem por objecto, não só o estado da successão dos homens, mas tambem o estado, ou situação da Nozreza d'elle. Em hum breve mappa se vê facilmente, e sem trabalho, o que produzirão muitos seculos; alli se achaõ collocados (como se estivessem vivos) os illustres ascendentes da Nobreza humana; e tudo com tal ordem, e reparti-

partição estão clara, que tem hum instante se comprehende a arte ; e só com se ver , se sabe : no mesmo mappa , ou globo racional , se encontram descriptas muitas linhas , e distintos lados ; e nestes introduzidos subtilmente outros lados errantes ; desconhecidos , vagos , e duvidosos : as regioens , que alli se consideraõ , tem aquelles frutos , que o tempo consumio : as arvores , os troncos , e os ramos , são de donde estão pendentes Varoens illustres , armas , escudos , títulos , troféos , mas tudo sem acção , nem movimento , tudo alli se poz , menos para exemplo das virtudes , que para delicia da vaidade ; menos para incitar o desejo de merecer , que para servir de lizonja a ociosidade da memoria ; menos para estímulo da imitação , que para despertar o desvanecimento. Nunca a vaidade achou em espaço tão pequeno , maior contentamento. Aquelle he o lugar mais proprio , em que a Nobreza se mostra vestida de pompa , e de aparelho : alli he finalmente donde a vaidade como em hum

hum labyrintho famoso, e agradavel
intenta medir o ar, pezar o vento,
apalpar as sombras.

Mas porque razão poriaõ os ho-
mens no sangue a qualidade da No-
breza? Seria por ser aquella a parte
de que a vida está mais dependente?
Não; porque a vida não depende
mais do sangue, que de outros mui-
tos liquidos do corpo. O sangue tem
na cor mais elegancia, move-se, e
existe em porção maior; mas disso
não se segue, que a vida depende
mais do sangue, ou tenha delle maior
necessidade. A cor he effeito da
transposição da luz; a porção muitas
vezes faz o nosso mal; e na fórma-
ção dos mixtos he menos importan-
te aquillo, que entra nelles em mais
larga quantidade. Move-se finalmen-
te o sangue; mas que parte haverá
no corpo, que não tenha hum movi-
mento proprio? O que o sangue pare-
ce tem de mais, he que não necessita
da nossa intenção para mover-se; mas
isso mesmo tem o corpo em outras
partes; e a depravação do movimen-
to de que resulta a convulsão, pro-
cede

cede de hum movimento involuntario. Não achamos pois o fundamento por onde os homens quizerão, que fosse o sangue a fonte donde a Nobreza se imprime; e de donde sahe. Só nos falta ver, se será talvez por entenderem, que as successões se continuão pelo sangue, e que este derivado de huns a outros, successivamente continua em huma mesma descendencia, conservando nella hum caracter particular, distincto, e determinado; e com effeito em cada arvore ha hum tronco commum, de donde nascem muitos ramos, muitas folhas, muitas flores, muitos frutos; estes, ainda quando são muitos no numero, sempre conservaõ a mesma ordem, e a mesma identidade na figura; a qualidade he a mesma, e igual em todos; e todos reconhecem huma mesma, e universal origem: alli se vê, que as producções são separadas, e diversas; mas o tronco progenitor he hum. Muitas rosas brotaõ de huma só roseira; porém todas são rosas; a especie he a mesma em todas; e por mais que cada hu-

ma esteja em diverso ramo, a arvore que as sustenta, he huma só. Assim he, e já parece, que aquella paridade tomada no reino vegetal, tem justa applicação para o caso da Nobreza infundia no sangue, e na successão; mas não sei se a mesma paridade pôde servir de aniquillar inteiramente, ou ao menos dé embarçar o systema da Nobreza de geração. (A maior parte dos systemas communmente está sujeita á variedade do discurso; ainda aquelles a que a prescripção do tempo tem feito adquirir hum direito de certeza.) O caso he, que o sangue dos animaes he como o humor nas plantas; estas por meio das raizes attrahem a si a humidade fecunda, que as faz reverdecer, e he a mesma de que se fórma o tronco, os ramos; as folhas, e os frutos; de sorte que o humor da terra he o que anima a planta, he o seu sangue: este sangue pois, ou este humor, será por ventura sempre o mesmo em huma planta? Não; porque a terra a cada instante recebe dos outros elementos huma nova vida, isto he, hu-
ma

ma humidade nova: as aguas, que a regaõ, nunca são as mesmas; daqui vem, que o sangue de huma planta sempre he outro, comparado ao que foi primeiro; e por isso sempre muda de sangue, porque sempre muda de humor; aquelle com que nasceo, não he o mesmo que hoje tem: o primeiro parece se extinguiu por huma transpiração lenta, e insensivel; e assim o sangue, com que está, não he o que já teve, porque já não tem o humor que tinha: a conservação das plantas, e animaes, depende de huma continua mudança de alimento, e por consequencia de sangue; este soffre huma dissipação precisa; he preciso, que hum sangue acabe, para dar lugar a outro: nesta renovação, ou reformação de sangue, consiste a vida: a morte vem de ser o sangue o mesmo; a falta de mudança, he o que o perverte; a constancia, e estabilidade, serve-lhe de ruina.

E com effeito se se não perdesse o sangue, que se faz nos animaes, e o humor, que as arvores attrahem, donde

de era possível que coubesse tanto humor, e tanto sangue? Que outra cousa he a enfermidade, senão hum sangue, ou hum humor, que se não dissipa, e está como suspenso? O calor vital, que expulsa hum, fabrica outro; algumas cousas ha, que para acabarem, basta que subsistão no que são; daqui resulta huma especie de pafmo: a corrupção do sangue vem de não acabar hum para que outro comece; a força do remedio consiste na virtude de expellir, e dissipar; a superfluidade procede de se haver o sangue conservado; a conservação o perde, não só pela razão de ser peccante, mas pela razão de ser o mesmo. Os poros são como infinitas portas, e quasi imperceptiveis, por onde o sangue, e todos os humores passam continuamente, e sem interrupção: a saúde consta de exhalção, e de perdição; persiste huma substancia, porque outra se desvanece: se acaso aquelles poros se constripão, isto he, se aquellas portas se apertão, ou se fechoão, e que o sangue fique como prezo, e sem sair,

T

en.

entaõ se vê , que o sujeito se afflige , e desfalece ; e se dura , ou permanece a reclusão , a morte chega em poucas horas : a arte , que conhece a causa da desordem , só cuida em relaxar , e abrir os poros comprimidos , e cerrados , para que o sangue posto em liberdade se possa livremente perder , dissipar , fugir. A natureza ambiciosa em conservar fica inhabil para adquirir ; a vida não depende tanto do sangue , que está feito , como daquelle que se vai fazendo : rotas as veas , por ellas sahe em horriavel , e espantosa quantidade ; debilita-se a natureza , mas se lhe acodem , não acaba ; porém se fica sem acção para fazer de novo , entra em agonia , e se extingue totalmente ; naquella elaboração está a vida , neste descanso a morte.

Ainda as partes solidas do corpo de alguma sorte mudaõ de substancia , e se regeneraõ. O osso duro , parece que todo em si he compacto , e immutavel ; mas com tudo , a sua contextura he composta de folhas adherentes , separadas , e sobrepostas ;

postas ; por entre varios intersticios circula nelle hum liquido unctuofo, este serve-lhe de alimento, e sangue; e he tambem o que sendo molle, faz que o osso seja forte, e firme; dalli vem a nutrição, e por consequencia a mudança de materia; porque tudo o que alimenta, trabalha em se transformar, ou converter na cousa alimentada; aquella conversão procede lentamente, e apenas se imagina em hum corpo duro: nos liquidos he visivel, e se percebe facilmente. Mas haverá quem diga, que ainda que o sangue mude, e se renove, basta que fique delle hum atomo fermentativo, ou idéa primogenia; para assim se conservar perennemente a qualidade da Nobreza. Isto ha de dizer o defensor do sangue antigo, não por defender o sangue, mas por defender a Nobreza incorporada. Sempre he máo que o argumento chegue a tal extremo, que seja forçoso recorrer aos atomos, aos fermentos, e ás idéas: em cousa fysica não sei se he permittido o recurso para cousas imperceptiveis, e invisiveis. Em o nasci-

mento de huma fonte quem lançar qualquer porção de agua diversa, esta ha de sahir em brevissimos instantes; porque aquellas aguas continuamente estão mudando de si mesmas: ellas são o sangue da terra, assim como o sangue são as aguas do corpo: todas se mudão, e successivamente se renovaõ; as que vem depois são outras, sem impressão alguma das primeiras; nem se pôde imaginar, que cada porção de sangue vá deixando, (como em memoria, e penhor de si) alguma porção, ainda que pequena infinitamente; as partes não são extensiveis, ou indivisiveis em infinito; assim que chegaõ a huma tal tenuidade, acaba-se a divisaõ. A subsistencia tem fim no sangue, porque este transpira por huma immensidade de caminhos; nem he comprehensivel, que na massa de hum fluido subtil, haja alguma parte, que tenha o privilegio de ser intranspiravel, e que izento das leis universaes, vá ficando só para servir de germen qualificador. Quanto mais hum licor se move, mais se diminue: naquelles
que

que tem hum movimento perpetuo, regular, e proprio, a materia se dissipa, á proporção que se subtiliza; nem ainda em hum tubo de crystal se pôde algum licor conservar inteiro; e apenas se faz crível a quantidade de humor, que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois, que o sangue não he donde a Nobreza assiste; he hum liquido incerto, e vago para ser o assento de hum vaidade tão constante. Haja embora no mundo huma Nobreza, com tanto que não imaginemos, que ella tem dentro dos homens huma parte distincta donde habita: seja hum idolo, mas idolo sem templo: basta suppor, que o Simulacro he certo, sem entrar no empenho sobre o lugar da dedicação: seja a Nobreza como a sombra; esta, bem se vê, mas não se pega; sempre está fóra do corpo, dentro nunca: tenha a vaidade hum culto exterior, com tanto que ella seja exterior tambem. Deixemos finalmente o sangue em paz; elle não descança, e todo o seu trabalho he para ser sangue, e não pa-

para ser este; ou aquelle sangue: de que serve a arte de introduzir naquelle liquido admiravel, qualidades arbitrarías, e civis, se a verdade he, que elle só tem as qualidades naturaes? Para que he fazer ao sangue; author daquillo, de que só he author a vaidade.

A Historia he huma das provas, com que a vaidade allega, e de que mais se serve na authenticidade da Nobreza: prova incerta, duvidosa, fingida, e tambem algumas vezes falsa: nella se vem muitos successos famosos, acçoens, combates, victorias, muitos nomes a quem essas mesmas acçoens ennobrecerao, illustraao. Mas de quantas acçoens fará mencao a historia, que já mais se viraõ? De quantos successos, que nunca foraõ? De quantos combates, que nunca se deraõ? De quantas victorias, que nunca se alcançaraõ? E de quantos nomes, que nunca houveraõ? Não he facil, que pelas narraçoens da historia se possa descobrir a verdade dos successos; ella communmente se escreve, depois de serem passados alguns,

guns, ou muitos seculos de que se segue, que a mesma antiguidade he huma nuvem escura, e impenetravel, donde a verdade se perde, e esconde. Se a historia se escreveo ainda em vida dos Heroes, o temor, a inveja, e a lisonja bastão para corromper, diminuir, ou accrescentar os factos succedidos: por isso já se disse, que para ser bom historiador, he necessario não ser de nenhuma Religião, de nenhum paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissão; e mais que tudo, se se pudesse não ser homem. E com effeito se alguem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela lição da historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, he a historia do que os Authores escreverão, e não a verdade daquillo que escreverão.

Os historiadores no que mais se esforçam, he em pintar cada hum a si, e introduzirem no que escrevem as suas proffoens, e inclinaçoens. O Orador todo se occupa em Declamaçoens, e Panegyricos, ainda que os ob-

objectos do louvor sejaõ totalmente indignos d'elle. O Militar não faz mais que buscar occasiaõ para descrever empresas , muralhas , angulos , ataques , sitios : huma batalha , que nunca houve , elle a faz tão certa , que até relata a hora em que começou , o como se proseguio , o tempo que durou , os incidentes que teve , os nomes dos Generaes , a fórma do combate , os erros , ou acertos de huma , e outra parte ; e finalmente dá a razãõ por onde se veio a conseguir o vencimento ; ainda em hum combate verdadeiro , só o historiador teve noticia de infinitas circumstancias , que tendo sido momentaneas , nenhum dos mesmos combatentes as puderaõ distinguir , saber , nem ver ; se o author da historia he Jurisconsulto , logo faz menção de leis , legisladores , direito das gentes , e da guerra : a cada passo acha materia propria para huma larga discussãõ , e deixando o que pertence á historia , elle mesmo se incorpora nella , e entra a mostrar o seu character : daqui vem , que Salustio ,

tio, sendo historiador, todo se cansa em moralidades, Tacito em politicas, Tito Livio em superstições.

O desejo de contar cousas admiraveis, e a vaidade, que o historiador tem de manifestar que as sabe, he o que fez sempre inventar, e escrever successos fabulosos. O inventor de cousas raras, extraordinarias, e maravilhosas, attribue a merecimento seu, a admiração que faz nascer no animo do leitor credulo, e innocente. A variedade de opinions na materia da historia, faz que esta parte da literatura, seja a mais incerta, duvidosa, e composta muitas vezes de enganos, e imposturas. A Herodoto (que passa pelo melhor historiador) chama Cicero author de fabulas; Diodoro trata de fabulistas aos Escriitores, que lhe precederao; e a elle mesmo trata da mesma sorte Vives. Os Commentarios de Cesar não são mais acreditados: Pollio-Asinio os tem por pouco verdadeiros, e Vossio faz lembrado hum Escriitor, que pretende mostrar com provas invenciveis, que Cesar nunca pas-

passou os Alpes ; e que tudo quanto diz da guerra dos Francos , he falso.

Os Historiadores , não sómente são oppostos entre si , mas cada hum a si mesmo : muitas vezes he contrario. Procopo na sua historia , dá louvores immensos ao Imperador Justiniano , e á Imperatriz Theodora , sua mulher , a Bellisario , e a Antonina ; e nos seus Anecdotos os critica excessivamente. Os marmores , e bronzes , não servem na historia de provas infalliveis : os monumentos mais antigos tem dado occasião aos mais celebrados erros : as primeiras conjecturas , (bem , ou mal fundadas) adquirindo com o tempo a authoridade da historia , foram passando á posteridade como cousas certas : temos exemplo na memoravel inscripção posta no arco do triumpho de Tito ; a qual dizia , que antes daquelle Imperador ninguem tinha tomado , nem ainda emprendido o sitiá-lo de Jerusaleem , sendo que (sem recórrer á historia sagrada , que ainda então poderia ser menos bem sabida dos Romanos) aquella Cidade foi hu-

huma das conquistas de Pompeo, de donde procedeo o chamar-lhe Cicero, o seu Jerosolimario. Accresce a isto, que os mais notaveis acontecimentos, são os em que as historias mais variaõ, e em que os Authores concordão menos. Quantos pareceres tem havido sobre a guerra de Troia? Huns querem, que ella fosse verdadeira, outros dizem que não foi mais do que huma bem composta fabula.

Dion Chrysostomo, na fé das tradiçoens Egypcias, diz que Helena sendo pedida pelos maiores Principes da Asia, e Grecia, casara por ordem de seu pai Tyndaro com Alexandre, filho de Priamo; e que aquelles Principes irritados da preferencia, fizeraõ guerra a Troia; e que enfraquecidos depois pela peste, e fome; e juntamente pelas suas mesmas dissençoens concluireão a paz com os Troianos, em cuja memoria tinhamo feito fabricar hum cavallo de madeira, donde se escrevera em grossas letras, a fórma do Tratado; e que finalmente não podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade, se

se havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle passasse. Porém Pausanias diz o contrario ; e segura que o cavallo de Troia não fora mais do que hum machina de bronze , que elle vira em a Cidadella de Athenas ; e que tinha servido naquella guerra , como de instrumento bellico , para arrombar , e destruir os muros.

Muitos escreverão ; que Helena nunca fora a Troia : que Pariz , e Helena foram levados por hum tempestade a hum das bocas do rio Nilo , chamada *Canope* , e de lá conduzido a Memphis , donde Protheo reinava , este abominara a aleivosia daquelle Principe ; e que lançando-o fóra do seu Reino , retivera a Helena com todas as riquezas , que ella tinha : que então Paris se retirara a Troia , e que sendo seguido pelos Gregos , dalli se originara hum grande , e cruel guerra ; e que indo depois Menelao ao Egypto , lá lhe entregara Protheo a Helena , e juntamente as riquezas todas.

A diversidade de opinioens não he

he menor e n tudo o que respeita á historia de Eneas. Alguns Escriitores dizem , que aquelle Principe fora o que entregara a sua patria , abrindo huma das portas de Troia aos Gregos : outros escrevem ; que a viagem do mesmo Principe á Italia era duvidada por Denys de Halicarnasso , e entre os Modernos por Justo Lipsio , por Philippe Clavier , por Samuel Bochart , e por outros muitos. Metrodoro de Lampsaque não faz difficuldade em crer ; que os Heroes de Homero , Agamemnon , Achilles , Heitor , Paris , e Eneas nunca existirão no mundo.

A historia não he menos incerta , a respeito da fundação de Roma : huns dizem , que os Pelasgos , depois de subjugarem naçoens varias , fundarão na Italia huma Cidade grande , a que chamaraõ Roma , em final , ou significação da sua força ; porque Roma em Grego , quer dizer , *força*. Outros contaõ , que no mesmo dia , em que se tomou Troia , alguns dos naturaes entraraõ nas embarcaçoens , que acharaõ naquelle porto ; e que sen-

sendo lançados pelos ventos sobre a Costa de Toscana , desembarcaram junto ao Tibre ; e que entre as mulheres , que não podiam supportar os incommodos do mar , havia huma chamada Roma ; e que esta aconselhara as outras pozessem fogo ás embarcações , e que sendo executado aquelle arbitrio , e conhecendo os maridos a bondade do paiz , se resolverão a ficar nelle ; e fundando huma Cidade , lhe puzeram o nome da mulher , que os obrigara a estabelecer-se alli.

Tambem ha quem diga , que Telepho , filho de Hercules , tivera huma filha chamada Roma , a qual casara com Eneas , ou com seu filho Ascanio , de donde procedera o nome da Cidade : outros querem que Roma fosse edificada por hum filho de Ulysses , e de Circe , chamado Romano : outros dizem que Romo , Rei dos Latinos , fora o primeiro que a habitara , depois de vencidos os Tyrrenos. Antiocho de Syracuza , que vivia cem annos antes de Aristoteles , escreve que muito antes da guerra de Troia,

Troia, já havia na Italia huma Cidade chamada Roma. Sempre he digno de reparo, que entre todos os Authores, que attribuem a Romulo a fundação de Roma, nenhum concorde com o nascimento, e educação daquelle fundador.

A mesma diversidade de opinioens se encontra a respeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas. Destas falla Herodoto, Diodoro, Trogo-Pompeo, Justino, Pausanias, Plutarco, Quinto Curcio, e outros. Strabaõ nega, que as Amazonas fossem huma nação, que existisse nunca. Pálephato he do mesmo parecer. Arriano tem por muito duvidoso, tudo quanto se escreveo das Amazonas. Outros tomaõ por Amazonas huns exercitos de homens comandados por mulheres; e disto ha muitos exemplos na historia antiga. Os Medas, e os Sabianos, obedeciaõ a Ránhas. Semiramis dominava os Assyrios, Tomyris aos Scytas, Cleopatra aos Egypcios, Baudicea aos Inglezes, Zenobia aos Palmyrenios.

Appiaõ crê, que as Amazonas
naõ

naõ era huma nação particular , mas que assim se chamavaõ todas as mulheres de qualquer nação que fossem , e tivessem por costume o hir á guerra. Outros pertenderaõ que as Amazonas naõ eraõ outra cousa mais do que huns povos barbaros , vestidos de roupas longas , e que tinhaõ na cabeça ornatos de mulher. Diodoro de Sicilia diz , que Hercules , filho de Alcmene , a quem Euristeo pediria lhe trouxesse o talim de Hypolita , Rainha das Amazonas , elle com effeito as combatera junto ás margens do Thermodon , e destruiu aquella nação guerreira ; porém os successos mais famosos da historia das Amazonas saõ menos antigos que o Hercules Grego , filho de Alcmene. Tudo isto relata o Tratado singular sobre a opiniaõ, e juizo humano.

Naõ ha pois certeza alguma em nada. A historia profana (porque esta he sómente a de que fallamos) parece que naõ foi feita para instruir, senaõ para enganar. Os Authores naõ se contentaraõ com enredar o mun-

mundo em quanto vivos ; quizeraõ ter o maligno divertimento de deixar na historia huma occupação de estudar enganos : nem todos o fizeraõ por malicia , mas por simplicidade. Essa mesma historia he donde a vaidade da Nobreza toma o seu principio , e donde tira as provas de que mais se desvanece ; quanto mais antiga a historia he , tanto he mais esclarecida a Nobreza , que se funda nella. Esta sorte de vaidade he universal. As idéas chimericas sobre antiguidades, não só he propria a cada hum dos homens , mas a todas as gentes, e naçoens ; e com tal fatuidade , que algumas vão buscar a sua origem , antes que o mundo habitavel tivesse a sua , e daquelle modo elles começaraõ primeiro do que o mundo. Neste delirio de antiguidade , e por consequencia de Nobreza entraraõ os Scythas , os Phrygios , os Persas , e os Egypcios ; estes não pretendiaõ menos do que sessenta mil annos de antiguidade ; e nesta fórma, que nação poderia competir com ella naquella parte ? Nem os Chinas , ex-
U
ces.

cessivos em tudo, deitaão as suas pertençoens tão longe. Assim faõ os delirios que os homens excogitaão : huns para se ennobrecerem a si , outros para ennobrecerem os seus. Não ha meio algum de que aquella vaidade se não sirva; ou seja imaginario, ou falso, tudo serve a quem se quer fazer illustre; porque crê que o ser illustre he ser muito mais que homem, ou ao menos alguma cousa mais. O segredo consiste em saber introduzir o engano, e sobre tudo em defender o erro, e prevençaõ, de que os homens podem ser diversos, e ainda na mesma razaõ de homens.

Os grandes da antiguidade, ou a Nobreza dos antigos, ainda era mais forte, e singular, que a que se ideou depois; huma, e outra tem de commum o serem effeitos da vaidade, e consistirem na imaginaçaõ de quem não cabe em si; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais subida: nem he para admirar; porque hoje nada he comparavel á grandeza Sparciata, e ao esplendor Latino. Os seculos foraõ desfazendo

do todos os portentos ; a variedade de successos , e fortunas tambem foi reduzindo o mundo a hum estado de mediocridade ; a mesma vaidade da Nobreza teve decadencia ; acabou-se a ficção , e desvario em que aquella sorte de Nobreza se fundava ; ella foi hum dos Idolos que cahiraõ. Quando a luz da verdade desterrou as trevas do Paganismo , cessaraõ os Oraculos , não responderaõ mais , emmudeceraõ. A Grecia , patria commua dos Heroes , e donde estes nasciaõ como em terra fecunda , e propria , foy donde a vaidade da Nobreza quiz elevar-se ainda acima das Estrellas. E com effeito Eneas dizia ser filho de Venus , Achilles de Thetys , Phaetonte de Apollo , Alexandre , e Hercules de Jupiter. Estes , e outros muitos pretendiaõ não menos nobre origem , que a celeste , como descendentes dos Deoses immortaes ; esta fabula não durou hum dia 16 ; e he para admirar , que ella tivesse authoridade no conceito de homens polidos , sabios , e prudentes , e com tanta força que chegasssem a fazer das

fabulas , religião. Aquella foi a Nobreza dos antigos ; Nobreza , que tinha por principio , hum engano introduzido , e respeitado. Via-se nas mãos de Jupiter o raio , nas de Marte a espada , e nas de Apollo as setas: Thetys dominava as ondas , Venus a formosura : quem havia resistir por huma parte á força do poder , e por outra ao encanto da belleza ? Ainda quem conhecesse a fabula , se havia de namorar do apparatus della. Todos sabem que os homens são iguaes , em quanto homens ; mas nem por isso deixão de entender , que ha huma nobreza que os distingue, e que os faz ser homens melhores.

Ainda a Nobreza dos antigos (depois de acreditado o erro) tinha mais corpo ; porque os illustres hiaõ buscar os seus ascendentes nos seus Deoses ; e desta sorte ficavaõ os homens meios humanos , e não inteiramente. Só assim podiaõ ser distintos , e designaes na realidade. As distincções permaneceraõ , em quanto duraraõ as supposições da origem. Conheceo o mundo a impostura , e

Ilogo os Deoses se acabaraõ , deixando os seus descendentes , feitos homens como os outros ; e com a circumstancia , que por haverem tido progenitores altos , ficaraõ sem nenhuns. Depois daquelle catastrophe fatal , parece que devia extinguir-se a vaidade da Nobreza ; mas naõ foi assim ; porque aquella vaidade só mudou de especie , e o engano , de figura ; a Mythologia converteo-se em Genealogia , humanizou-se. A igualdade sempre foi para os homens huma cousa insupportavel ; por isso entraraõ a forjar novos artificios com que se distinguissem , e ficassem desiguaes ; e naõ tendo já Deoses de donde tirassem o principio da Nobreza , entraraõ a tiralla de outras muitas vaidades juntas ; compuzeraõ huma Nobreza , toda humana ; entaõ nasceo aquella tal Nobreza , como parto do poder , da pompa , e da riqueza ; accidentes na verdade exteriores , mas que servem de incrustação no homem , e esta ainda que composta de fragmentos , sempre fórma hum ornato matizado , e agradavel;

davel ; bem se vê que a viveza dos esmaltes , e das conchas , não penetra a substancia interior , e que o muro tosco não fica mudado , cuberto sim ; mas que importa , se a gala frágil que o reveste , o ennobrece.

Na propagação dos animaes observa a natureza a mesma ordem ; desta sempre vem a resultar a mesma forma , e as mesmas circumstancias : os individuos porém de cada especie não são tão uniformes , que não tenham entre si hum caracter particular com que se distinguem huns dos outros. Nas familias se notaõ feições determinadas , pelas quaes são conhecidos os que vem da mesma parte ; o mesmo ar no gesto , ou na figura persiste em muitas linhas descendentes ; e de tal sorte que algumas são reconhecidas por hum aformosura successiva ; e outras tambem o são , por hum a fealdade hereditaria. As mesmas nações se mostraõ differentes por hum aspecto , ou semblante proprio , que a natureza affecta em cada hum a dellas. A cor he hum final demonstrativo , regular , e indelebil ,

lebil, que a mesma natureza imprime nas gentes de cada clima, ou região; e dessa cor procedem outras cores mixtas, ou modificadas, que indicão o grão, e concurrencia de nações diversas, mas unidas; de gentes separadas, mas juntas; de famílias estranhas, mas naturalizadas. Aquella he a marca, que a Providencia poz nos homens; marca perpetua, em quanto elles se perpetuão dentro da sua mesma esfera, mas temporal, e extinguiavel por meio de huma nova composição. Até nas plantas se encontra a mesma economia; ellas tem finaes por onde se distinguem; huns perseverantes, outros mudaveis. A arte, que concilia entre si plantas diversas, ou as conserva, e faz permanecer no estado primitivo, ou as altera, e muda para outro; ella força o tronco a sustentar ramos alheios; a vestir-se de folhas desconhecidas, e a produzir frutos adulterinos. Ainda nas cousas insensiveis, tem ás vezes lugar a violencia. Assim se constrange a natureza a que siga hum caminho errado, he que em certos

tos casos não siga as suas leis, mas as leis da industria, e do artificio; daqui vem, que he util que a nossa intelligencia seja limitada; se o não fosse, apenas teria a terra liberdade para fazer nascer, como quizesse, a menor flor do campo. Quantas vezes não se faz o mal, porque se não sabe fazer? Aquella ignorancia nos preserva; mas nem por isso valemos mais, porque o merecimento he da ignorancia, e não de nós.

Já vimos que os homens, quando vem ao mundo, já trazem hum final de distincção, e differença, e que esta os faz distinguir, e conhecer. Daqui parece que resulta hum inducção forte a favor da Nobreza originaria: mas que argumento debil he aquelle que se tira de hum distincção visivel, constante, e material, para outra que he sómente imaginaria; de hum que se faz naturalmente para outra que civilmente se fabrica; de hum que he da instituição do mundo, para outra que he da instituição dos homens; de hum que he total-
mente

mente independente , para outra que he arbitraria ; de huma que tem por principio a mesma Providencia , para outra que procede da fortuna ; e finalmente de huma que he fundada em regras infalliveis , para outra que sómente he fundada em vaidade ? Nesta parte a razão tirada da semelhança não convence. Com hum só caracter se podem formar letras infinitas , todas iguaes , e semelhantes ; mas nem por isso as letras tem nada do caracter impressor. Este imprime , mas não se comunica , dá a semelhança , a sua substancia não ; o metal de que he composto , não dá de si mais do que a figura. Muitas estampas vem de hum mesmo molde ; todas são iguaes , e parecidas ; mas nenhuma tem do molde mais do que o contorno. A sombra vem de hum corpo que tem opposta a luz , desorte que não ha sombra donde não ha luz , e corpo ; mas nem por isso a sombra recebe em si propriedade alguma , nem do corpo , nem da luz. O produzir huma cousa , não he o mesmo que reproduzir-se.

A vida , ou espirito vital , que passando de huns a outros vai fazendo a descendencia dos mortaes , parece que indica de algum modo a existencia da Nobreza originaria ; e com effeito se a vida se transfere sendo mais , porque não ha de transferir-se a Nobreza sendo menos ? A vida he transmissivel , e assim deve fer tambem a Nobreza que a acompanha. Porém não tiremos erradas consequencias. A vida não se pôde dizer que he transferivel , e ainda que o fosse , nem por isso ficava sendo transferivel a Nobreza : só o que existe fysicamente se transfere , mas não aquillo que só tem huma existencia mental. Tudo o que consta de imaginação unicamente , nem se passa , nem se dá , nem se transmite. A vida com que vive hum , não he a mesma com que outro vive ; a imaginação de hum não he a mesma que outro tem. A vaidade desperta a imaginação , ou idéa de Nobreza , esta não vem como imaginação herdada , mas adquirida ; e ninguem sabe que a tem , ou que a não tem , senão depois que o ima-

imagina ; naquella imaginação o que se ganha , ou perde , he hum pensamento ; e este quando he falso , não tem menos entidade , que quando he verdadeiro ; porque nas cousas vãs , a verdade não val mais do que a mentira.

A vida consiste no movimento , quem primeiro o causa , he o que se diz ser principio d'elle ; mas não se segue daqui , que a causa que depois se move , fique com alguma porção do principio , que a moveo. O braço quando move hum corpo não se comunica a elle ; e este corpo não recebe em si , mais do que hum impulso ; o braço não poem mais do que a força , que serve de principio ao movimento , mas nem por isso fica o corpo , que se moveo , com alguma parte do braço , que o fez mover. Em huma mesma luz se podem accender muitas mil luzes , mas nenhuma destas participa , ou tem em si nada da primeira ; cada huma arde em substancia propria , distincta , e separada ; o que as distingue , he a materia , que lhes vai servindo de alimento , e não a pri-

a primeira luz de donde começaraõ. O incendio não he menos activo, ou menos nobre aquelle, que nasceo de huma faísca errante, do que aquelle que viria de hum fogo guardado no templo das Vestaes. Quem ha de intitular illustre a chamma, porque veio de outra que diziaõ consagrada? E humilde aquella que procedeo de outra, que não tinha circumstancia? Huma pedra preciosa regula-se-lhe o valor pela perfeição que ella mostra em si; a que nasceo no monte Olympo não he por isso mais esclarecida, do que aquella que se achou em hum valle rustico, e profundo. Só para o homem estava guardado o serem distinctos huns dos outros, e o distinguirem-se, não pelo valor de cada hum, mas pelo valor das cousas que os distingue. A Nobreza foi a maior maquina, que a vaidade dos homens inventou; maquina admiravel, porque sendo grande, toda se compoem de nada. As outras vaidades, parece que são menos vãs; porque sempre tem algum objecto visivel, e manifesto; mas por isso mesmo a vaidade

dade da Nobreza he huma vaidade sem remedio ; mal incuravel, porque se não vê.

Affim he , mas quem ha de haver que negue , que a Nobreza , ou essa cousa vã , he util , necessaria , e bem imaginada ? Que importa que huma cousa seja na realidade nada , se os effeitos que produz são alguma cousa ? Os effeitos da Nobreza são muitos ; ella dá merecimento , valor , saber , a quem não tem nem sciencia , nem valor , nem merecimento ; ella serve , para fazer venerador , a quem o não deve ser ; ella faz que o crime fique muitas vezes impunido ; que a desordem se encubra , e se disfarce ; e que a soberba , a arrôgancia , e a altivez , fiquem parecendo naturaes , e justas : finalmente a vaidade da Nobreza , até se desvanece com a vileza das acçoens , estas ainda quando são vís , infames , torpes , e odiosas , nem por isso envilecem , ou infamaõ a quem as faz ; antes da mesma enormidade das acçoens se tira hum novo lustre , ou nova prova da Nobreza : o ponto he contar huma longa serie
de

de illustres ascendentes para que hum nobre fique dispensado das leis da sociedade , e de formalidades civis ; e tambem habilitado para que possa livremente , e sem reparo , perder o pejo , a honra , a verdade , e a consciencia. Desta sorte vem a Nobreza a ser hum meio por onde o vicio se authorisa , o crime se justifica , e a vaidade se fortalece. Cuidaõ os Nobres , que a Nobreza lhes permite tudo , mas cuidaõ mal ; porque o certo he , que a Nobreza bem entendida , não se fez para canonizar o erro ; ella foi sabiamente achada para servir de estimulo , e companhia das virtudes ; para ennobrecer as acçoens illustres , e não para illustrar as viciosas ; para ser attendida pelo que obrasse digno de attençaõ , e não pelo que fizesse indignamente ; para servir a razaõ , e não para a dominar ; para ser exemplo , e não regra ; para fazer os homens bons , e não para os perverter ; para os distinguir pela Nobreza do espirito , e não pela Nobreza da carne ; para os fazer melhores de huma melhora de animo , e
naõ

naõ de corpo : finalmente para fazer mais clara a luz , e naõ para fazer clara a sombra.

Por isso o sabio Rei , (que ainda ha pouco perdemos , e de quem a feliz memoria a cada passo renova em nós a mais entranhavel dor) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via só , mas sim quando a via acompanhada de acçoens nobres ; nunca attendeo á Nobreza das origens , mas sim á Nobreza dos sujeitos ; considerava os homens primeiro pela qualidade das virtudes , e pelas outras qualidades , depois ; o conceito , que fazia , foi , que a Nobreza naõ era no homem parte principal , mas sim parte ajuntada , que só servia de o ornar , e naõ de o fazer. Aquelle mesmo Rei foi o terror da Nobreza arrogante , e destemida ; esta sempre tinha os olhos assombrados de ver a cada instante fusillar o raio ; e de ver armado sempre o braço poderoso ; mas armado ao mesmo tempo de justiça , e de piedade , de furor , e de compaixão. Deste modo governou em paz , e nos deixou a paz ; por is-

fo a mágoa de o perder , foi , e ha de ser infinita em nós ; e as nossas lagrimas apenas poderão mitigar-se alguma vez , suspender-se , nunca. Acabou aquelle Monarca Augusto , e parece que não tanto pela fatal necessidade de acabar , como para que trocado em altar o trono , o respeito em culto , e o obsequio em adoração , o pudessemos invocar. Subio ao estado de immortal para ser numen tutelar do Imperio Portuguez ; e em hum principe (o mais prudente , e moderado que o mundo vio) nos deixou hum Rei benigno , pio , generoso , justo , protector ; assim ficou disposta a nossa consolação , e seria menos forte a nossa pena , se pudesse ser o haver remedio para a faulade.

Hum dos abusos , que o tempo , e a vaidade introduzio , foi a Nobreza ; esta porém sendo tomada nos termos da sua primeira infancia , ou na idéa com que foi creada , he verdadeira , e util ; e nestes mesmos termos ninguem lhe póde disputar , nem a utilidade , nem a verdade da existencia ,

cia. Por nobre , entendiaõ os antigos hum Heroe, isto he , hum homem distincto dos mais homens , e distincto por si , e não por outros ; pelas suas proprias acçoens , e não pelas acçoens alheias. O Heroismo , e a Nobreza eraõ qualidades pessoas, e não hereditarias ; huma , e outra dependiaõ de acçoens heroicas , e em ambas era necessario o requisito do poder ; se este cessava , extingua-se a Nobreza. Deste modo he , que antigamente haviaõ Nobres , porque em todo o tempo houveraõ poderosos ; estes ficavaõ distinctos por grandeza , e não por natureza ; passava a Nobreza de huns a outros , quando o poder tambem passava ; de huma , e outra cousa se formava huma herança indivisivel. Acabada a Nobreza por falta do luzimento , se este depois tornava , não fazia resuscitar a Nobreza já perdida ; compunha-se outra nova , e esta não era de menos entidade , ou menos nobre que a primeira. O tempo não he o que ennobrece. Os seculos que envelhecem tudo , só a Nobreza não haviaõ de fa-

zer caduca ? Os annos tudo diminuem , e só a Nobreza haviaõ de fazer maior ? Huma flor moderna não tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera se reveste , já no Outono fica prostrada , e macilenta. As Estrellas começaraõ com o mundo , e nem por isso brilhaõ mais ; aquillo que depende de mais , ou menos tempo he fragil. A vaidade até se quer aproveitar das horas , e dos dias , que passaraõ. Por aquelle modo de entender , cresce a vaidade , a Nobreza não. Que pouco cuidaõ os homens em que ha huma eternidade , e que a duraçaõ do mundo , não he mais do que hum instante !

Se ha nos homens differença , esta só se acha nos Sceptros , e Coroas ; os que dominaõ a terra , tem a semelhança dos humanos , mas não sei que tem de mais : tem o mesmo ser para serem homens , mas não para serem como os mais homens : quem os fez maiores , foi a Providencia ; só esta podia influir diversidade no que he o mesmo ; podia fazer

zer que huma identidade fosse diferente de outra da mesma especie; e podia, debaixo da mesma fórma, e dos mesmos accidentes, fazer huma natureza desigual. Deos he a origem do poder dos Reis, estes são independentes da fortuna; porque o poder supremo, só Deos que o dá, o tira. As revoluções particulares parece que resultão de huma economia certa; as dos Monarcas não succedem sem decreto especial. Aquelles a quem a Providencia fez arbitros do mundo, a mesma Providencia os distingue: os outros homens fazem-se distinctos á proporção do favor supremo que os distingue. Assiste pois a distincção dos homens só na vontade, ou coração dos Reis; esta he a origem verdadeira da Nobreza. Os Reis são os que glorificão os homens, isto he os que ennobrecem; e desta sorte recebem a Nobreza por graça, e não por successão; por favor, e não por herança; permanecem Nobres, em quanto permanece a graça que os illustra; persiste aquella prerogativa em quanto o

favor existe ; se este se retira , logo a Nobreza acaba. A luz toda se emprega nos objectos , estes ficam claros , mas he por força de huma luz , que não he sua. Se o Sol se esconde , ficam os objectos escuros , e escondidos. As cousas não nascem com as qualidades que se vem ; os homens não vem ao mundo sabios ; justos , prudentes , virtuosos , bons , e do mesmo modo não vem Nobres ; cá achão a Nobreza como huma parte posterior , e auxiliar , que se pôde unir , e aggregar depois ; achão muitas vaidades , e entre ellas huma occupada em crer , que a Nobreza he qualidade fixa , propria , interior , e inseparavel ; e por mais que os sentidos , e a razão mostrem o contrario , nem por isso aquella vaidade se deixa convencer. Tiremos por hum pouco aos homens a faculdade que elles tem de se explicar ; supponhamos que não fallão , talvez que então se vejaão iguaes todos ; a incapacidade , e o silencio , sabem mais : tiremos tambem por hum instante aos homens a alma racional , e en-

ção

Sobre a vaidade dos homens. 325

taõ veremos a Nobreza com que ficaõ. Esta tai Nobreza , ou a sua vaidade negando as supposiçoens , fica livre do argumento.





C A R T A

DO MESMO AUTHOR

SOBRE A FORTUNA.



EU amigo e senhor, agradeço a v. m. o desejo, que me mostra, de que eu tenha maior fortuna; não se preocupe tanto a meu favor, porque a fortuna, que tenho he a mesma, que devo ter; o merecimento he que faz a fortuna, e quem o não tem, que fortuna ha de esperar, fallo sinceramente, e sem hypocrasia, no tempo, que já passou por mim tive esperanças, agora nem essas tenho, e isto porque conheço melhor, sei o que fallo, e o que mereço, por isso sei, que não devo esperar nada: esperem os outros e vivaõ no tormento de esperar.

rar. Eu hoje só tenho por fortuna o não esperar a fortuna, contento-me com a privação da desgraça sem aspirar a presença da ventura, e acho, que o não ser desgraçado he o mesmo, que ser venturoso; e se entre huma, e outra cousa ha hum estado neutro, contento-me com o meu estado ainda que propenda para a desgraça, com tanto, que não seja desgraça inteiramente, a sombra da ventura me basta, a realidade, não sei se me bastaria, porque o nosso coração he insaciavel, e daquillo, a que huma vez tomou o gosto nunca se farta, daqui vem, que o conservallo na ignorancia da ventura he discreta providencia, porque ninguem chora por hum bem, que não conhece, a saudade suppoem hum objecto conhecido; aquelle, que he ignorado a penas se appetite; quem conhece a fortuna pela vêr em outrem, tem pouca razão para a adorar, e he o mesmo, que conhecer o mundo no mappa, em que está pintado, ou tambem he como quem olha para o Sol sem admiração, e a pen-

penas com o reparo inadvertido, e vago: o mar por mais, que encrepe as suas ondas não serve a quem o vê de espetaculo admiravel: então admiramos o tumido elemento mais pela raridade, que pela elevação. O subir mais alto não he muito natural, o estar no mesmo ser he seguir a ordem do universo. Os que sobem, he porque tem no merecimento as azas, os que não sobem, he porque a falta de merecimento igual, lhes serve de pezo, que os abate. Porém devemos consolar-nos, advertindo, o que não ter merecimento não he peccado nosso, e que culpa temos nós, de que a natureza fosse avara, parece, que ha hum limo perfeito, e outro toloco; deste nascemos nós, da quelle os venturosos: as aves não são Aguias todas, humas altamente se remontaõ, outras só sabem passar de hum raminho para outro; humas desaparecem na immensa região do ar, outras sempre se deixaõ ver no espaço limitado de hum prado humilde. As que tem maior alento sobem a mais alta esféra; as que tem me-

menos vigor voaõ peladas, e rasteiras.

Eu já perdi de vista os lugares eminentes. Os meus olhos só inclinão para baixo, e para cima não se pódem dirigir sem violencia: tudo quanto vejo he com olhos desenganados. Tal vez, que por isso veja as cousas como laõ; e não como se mostraõ: porque o desengano tem virtude, e força para arrancar da formosura o véo caducco, e mentiroso, de que o theatro da vida se compoem. A fortuna não he tão bella como parece, e creio, que o caliz da fortuna não he muitas vezes menos amargoso, que o da desgraça, também a fortuna tem seu caliz, e suas amarguras; e estas talvez, que sejaõ mais penosas de tragar, porque na desgraça o costume de sentir tira a parte mais cruel do sentimento: ao menos a desgraça não engana, e tem de bem o ser hum mal, que se não finge, he verdadeiro, e apparece como he, a fortuna sempre se disfarça semelhante á belleza enganadora, que para ser mais appet-

te.

cida reveste-se de ornatos lisongeiros, e apparentes; quem duvida que a belleza que se enfeita, ou se cobre de artificio, he para encubrir alguma fealdade natural.

Conheço a fortuna, sem que a fortuna me conheça, e quando a vejo he de tão longe, que impossivel he, que ella chegue a mim, nem eu a ella, somos inaccessiveis ambos. verdade he, que eu não a busco; nem a busquei nunca anciosamente, porque sempre entendi ser hum sogeito, menos proprio para ser favorecido, e além disto a fortuna quer, que a busquem com fé, e audaciosamente: ella se enamora da resolução constante com que a buscao, timidamente ninguem a encontra, entrega-se ao valor, e foge á cobardia, quer que a rendaõ por força, não por supplicação similhante a humma mulher livre, que ainda quando se entrega por vontade, quer que pareça se entregou forçadamente.

E com effeito sem rogar, nada se alcança, e eu não sei pedir, o que sei que não mereço, lou religio-

gioso nesta parte , e com engano
não quero nada , nem ainda a for-
tuna : esta não me pode tirar o co-
nhecimento proprio , de que a não
mereço , e aquelle conhecimento fer-
virme-hia de flagelo , de ventura não,
porque a escolher , antes quereria a
desgraça , conhecendo merecer for-
tuna , do que a fortuna , conhecendo
merecer desgraça. Quero as cousas
mais justamente , que felismente ;
porque toda a consciencia parece ;
que se afflige , com ventura desmere-
cida , e mais se satisfaz de merecer ,
que de alcançar. A verdadeira felici-
dade deve ser interior , e o conten-
tamento não he puro , quando vem
de hum falsa causa. A coroa da vi-
ctoria só desvaneece ao que triunfou ,
não ao que succede pôla na cabeça ,
porque a fortuna errada mais injuria
do que ennobrece , o premio não il-
lustra , o merecello sim ; e o conse-
guir por graça da fortuna , não cos-
tuma atrahir hum peito honrado ; es-
te só se paga do que consegue por
graça da virtude , e assim , se aceito
o que não me devem , nisso vou já
cat

castigado ; porque o coração me insinua sempre , que a acção de receber foi indigna , e torpe.

Todos accusaõ a fortuna de injustiça , porém a injustiça está só em quem a accusa , nem o mesmo merecimento tem direito para a accusar ; porque a fortuna de sua natureza só a liberalidade , e a falta de liberalidade nunca se poz em accusação : tudo quanto a fortuna distribue , he por favor , e no que vem de hum principio de favor , não se dá positiva obrigação , salvo se a nossa presumpção he tal , que entendamos seriamente , que a fortuna nos deve algum tributo , e quem o entender assim , nisso mesmo mostra ser indigno da fortuna , e que esta lhe não deve nada ; porque o querer merecimento proprio , he confissão ou prova de desmerecimento ; a incredulidade nesta parte he perdoavel ; a credulidade he viciosa ; a fallencia he hum vicio quasi universal , e a fortuna communmente despreza todos os Narcisos ; quer que a busquem animosamente , mas não presumpçosa-
men-

mente , com deligencia , não negligentemente , ou com desdem ; por isso ha poucos venturosos ; porque poucos ha que saibão o modo com que a fortuna se procura , e em saber aquelle modo , consiste o meio , ou o segredo de a achar : huns seguem o caminho da lisonja , outros o da importunidade , alguns o das armas , e outros das letras , alguns sem modo certo , nem meio determinado seguem o caminho de procurarem a fortuna por aquelle meio , e modo , que a mesma fortuna lhe descobre, *sol tibi signa dabit.*

Eu que não sou lisonjeiro, nem importuno , e que não sou erudito nem guerreiro, que caminho posso ter para a ventura , sem guia, sem norte, e sem luz , que me conduza , mal poderei achar aquella Deosa escondida , e inconstante ; ao primeiro passo me retiro , e desconfio antes de emprender , porque julgo imprudente acção o querer eu huma fortuna , que me não quer : quem navega sem estrella , tem por certo o naufragar , e quem só dá
al
pas-

passos errantes , que fortuna pôde ter ; a fortuna não he cega como dizem , ella vê a quem escolhe , e mostra que vê bem , porque escolhe bem , os que não são dos escolhidos , crêm ser cegueira da fortuna , o que he só cegueira sua ; julgaõ ser usurpação a fortuna , que a outros se comunica. Que injusto pensamento ; a fortuna não se vende , ella mesma he que se dá , e para dar-se a si tem livre o seu arbitrio , e assim não devemos murmurar da ventura alheia ; mas sim da nossa desventura , devemos conformar-nos , magoar-nos não ; porque a magoa he queixa , e virtude a conformidade. Quem se magoa reprova o que a fortuna fez ; quem se conforma approva o que ella faz , entre hum , e outro extremo , o melhor partido he , aquelle , que a fortuna quer , não aquelle , que nós queremos ; porque nós , enganamos a nós mesmos ; e a fortuna não se engana a si , ella sabe para donde vai , e de donde vem ; nós conjecturamos , e ella acerta ; caminhe a nossa embarcação para donde o vento a le-

a le-

a leva , não para donde o vento a encontra , deixemos a fortuna o governar o mundo , e para nós tomemos o governo de nós mesmos ; porque só a fortuna sabe navegar em alto mar , e nós a penas navegamos nas limitadas ondas de hum fundo limitado , a esféra da fortuna he dilatada , e a nossa he mui pequena , e mal se vê , e assim que podemos esperar de nós ; esperemos tudo da fortuna , ainda que seja da fortuna alheia , porque della sempre pôde vir-nos algum bem , a fortuna he como a luz , que se espalha abundantemente , e aclara os espaços mais remotos , recebamos a luz ainda que seja alheia , e que o centro della esteja de nós tão afastado quanto vai do Sol á terra ; devemos entender , que ha fortuna tal , que estando em hum fogeito , he como se estivesse em todos , porque a todos se estende seu influxo ; e assim , se a commodidade he nossa , devemos estimar que o trabalho seja de outrem , que importa , que esteja de nós tão apartado esse assento ethereo , em que
gi-

giraõ os orbes luminosos , se a nós se communicã as delicias de hum astro favoravel , salutifero , e benigno ?

Com o tempo perdi o amor , a vaidade , e esperança , estou pois sem esperança , sem vaidade , e sem amor. Estes erã os fortes laços , que me prendiaõ ; já se quebraraõ , agora não sei verdadeiramente o que me prende ; hum resto de vida da bellissima prizaõ , e de pouca duracão , por isso vivendo retirado não sigo as bandeiras da fortuna , e já lhe disse a Deos : milito nos campos do defengano , campos solitarios , ou menos frequentados ; porém mais seguros , nelles considero a fabrica innocente de huma rosa inculta , de hum lirio triste , de huma assucena virginal ; estes saõ os meus objectos , os meus cuidados , e os meus empenhos , saõ os mestres , que me ensinã fielmente , mestres mudos , mas severos , a bem-considerallos , a rola me insinua , que a formosura he como sombra leve e passageira , o lirio na sua cor me diz , que toda a alegria se converte em luto , a assu-

ce

cena indica, que só a virtude he permanente; que liçoens pôdem haver mais verdadeiras, faceis de aprender, dificeis de observar; a mocidade louca só gosta de loucas instrucçoens, e zomba galantemente das que são menos galantes; mas que pouco dura o enredo que diverte, e quaõ depressa chega a tragedia, em que o mesmo enredo acaba!

Affim nada espero da fortuna nem a fortuna de mim pôde esperar nada; porque o meo talento foi discursivo sempre, operativo nunca, e a fortuna quer obras, e não palavras, quer quem pratique mais, e especule menos, porque toda a especulação por si mesma he vã; a theorica toda he substancial; esta compoem-se de huma solida materia, aquella de accidentes invisiveis; he como a voz sonora, que o ar a forma, e a decipa, e que tem o seu fim, na mesma causa de que nasce o seu principio; alguns ha, que o que discorrem obraõ, eu só debuxo, e não sei pintar o que eu mesmo debuxei; sei delinear, executar não, e sempre na execução

Y

me

me perco, semelhante ao Nautico imperito, que sabendo a Carta, e sabendo os rumos, em largando as velas logo se perde; de que serve pois a Arte, que só na imaginação se mostra, e fóra della se desvanece? Muitos sabem idear, praticar, poucos. De que serve tambem huma idéa concertada a quem ignora o como se deve usar della? He o mesmo que instrumento delicado na mão, que ignora o meio de o tocar, o esgrimir de pouco vale, a quem não sabe pelejar deveras, o mestre foge muitas vezes, e não se fia na destreza, que insinua: eu sou o fugitivo esgrimidor, o Musico ignorante, o Nautico imperito, tudo sei para dizer, mas para fazer só sei, que não sei nada, as minhas artes todas são em pensamento, e por isso são justamente desgraçadas, porque a fortuna não pôde fazer milagres, e que pôde fazer de huma materia, que não se move, e que sendo intilligencia, he sem acção, inutil intelligencia. Similhante á arvore frondosa, que produzindo flores, não sabe produzir frutos.

E nes-

E nesta fôrma não posso queixar-me da fortuna, antes reconheço com legitima razão, que o favor, que a mim me nega he porque o deus justamente a outros, o seu officio he laurear o merecimento, não fazello, serve para ornar o merecimento feito, não para o fazer de novo; não ha pois iniquidade na fortuna; ao menos eu, e para mim só justiça lhe conheço, já do berço trazemos conosco a nossa sôrte, e parece, que em nós mesmos a fabricamos, tendo artifices da desgraça, e da fortuna, deixemos pois a fortuna em paz; e eu sou o primeiro, que só accuzo a minha incapacidade, ou a minha innercia, esta foi unicamente o architecto de estado de sonolencia, em que me acho, e naquella se fundou o ser em que estou de não ser alguma cousa, mas com tudo sou o mesmo, que sempre fui, não mudei para mal, nem para bem, e neste artigo estou como vim ao mundo, só com a differença dos annos, que tem passado; delles o estrago sempre foi universal, e se passarão por mim, tão

bem por todos tem passado; todos somos companheiros naquelle genero visível da desgraça, e desgraça, que vai crescendo, diminuindo nunca; caminhamos igualmente com o mesmo passo, e sem poder por modo algum retroceder; somos comilitoens differentes na data, mas os mesmos no exercicio.

E assim chegou o tempo, em que o mais acertado he pendurar as armas, não como armas vencedoras, mas sim como despojos infelices de huma já cansada guerra, eu qual invalido soldado larguei o apresto militar, não voluntariamente, mas por não poder soportar-lhe o pezo, apenas posso soportar o vivo esqueleto, em que consisto; deichei os vicios do amor, da vaidade, e da esperança; porque elles primeiro me deicharaõ; amigos infieis esquecidos do meu passado obsequio, e lembrados da minha inaptidaõ presente, foraõ meus no tempo alegre, e já me desampararaõ neste tempo triste, injusta recompensa de huma tyranna sociedade, quem dissera, que havia de achar

achar o amor ingrato , a vaidade sem o vigor , e a esperança desanimada ; se estes vicios me deicharaõ , sendo meus , ou sendo huma grande parte de mim mesmo , como póde a fortuna não deixar-me , não havendo sido minha ; aquelles nasceraõ commigo , e commigo se criaraõ , provindos da minha natureza , e com-substanciaes a mim ; e ainda sendo assim já se apartaraõ ; a fortuna , porém , sempre foi parte diversa , nunca unida , mas sempre separada , sem commercio meu , e sem chegar a mim , nem ainda passageiramente , e nesta situação mal póde a fortuna ter lembrança , de quem nunca se lembrou , e de quem nunca vio ; e se agora me chegasse a ver seria mais por cegueira sua , que por fortuna minha , seria mostrar , que foi injusta , buscando-me cansado , quem vigoroso me não quiz.

E com effeito tem menos estimação a fortuna , que vem tarde , porque vem como apparatus funeral , e na imagem de huma honra antecipada traz consigo a de ser a ultima ; infeliz

liz fortuna, ou ventura desgraçada ; pois que quando chega , acha sem alento os braços , que a recebem ; acha os olhos já com pouca luz , e o coração palpitando , frio ; e lentamente que gloria adquire a fortuna errante , em buscar hum corpo timido , em que a morte está fazendo os seus ensaios ; melhor he deixallo na tranquillidade escura do silencio , do que affombrallo com a claridade inquieta de huma luz tumultuosa ; porque a fortuna , que está cercada de resplandores afflige ; e mortifica os olhos costumados a não verem ; daqui vem , que a fortuna muitas vezes chega mais como castigo , do que como premio ; algumas vezes ha de ser a fortuna aborrecida ; e certamente o he , quando vem tarde , ou ao tempo , que já se não espera , entrao já não he fortuna , he delirio da fortuna , e quem se accommoda a ella he por resignação , ou vontade de obediencia , não por vontade de inclinação , he mostrar constancia no desejo , mas no acerto desvario , porque a fortuna quando chega tarde ,
he

he fortuna de compaixão, não de eleição, indica, que foi sollicitada, ou extorquida, e não merecida, concedida para contentar hum corpo meio morto, e não para illustrar hum vivo; ou vem como fortuna de remedio, que se applica ao enfermo, que o não tem, e que se dá por consolação, não por obrigação, por dispensa, e não por recompensa, e verdadeiramente de que vale huma fortuna, que quando chega he só para se despedir, e não para ficar, e que assiste, como testemunha authorisada, que vem ver o fim da obra sem ter visto o seu principio; de que serve huma ventura sonhada, pois não tem mais duração, que em quanto dura o sonho, inutil felicidade, pois he como a faísca, por instantes se está reduzindo a cinza; he felicidade imaginada, lograda não, ou ao menos mal lograda.

Bem sei, que tudo no mundo he tranzitorio; porém entre as mesmas cousas, que vão passando, algumas passam mais depressa do que outras, em humas ha tempo de se

verem , em outras não , e estas ao mesmo tempo , que apparecem , desaparecem , a mesma vida he hum verdadeiro tranzito , mas com certa , e determinada duração , compoem-se de hum espaço incerto , e a mesma incerteza do seu espaço he o que a faz parecer duravel , porque o fim , que se não vê , nem se conhece , julgamos , que está longe , nos primeiros periodos da vida a fortuna deve achar em nós sensibilidade para a desejar , e para a receber , porém em o tempo da vida entrando a declinar , ou a inclinar para o seu fim , a nossa sensibilidade tambem declina , e já não apeteçemos com ardor , nem sabemos desejar excessivamente : todas as nossas faculdades ainda mentaes entraõ em decanço , e vão perdendo a maior , e melhor parte da sua primeira actividade , semelhante ao curvado arco , que insensivelmente perde a força , que continha a corda dilatada ; neste estado se a fortuna vem a nós , he o mesmo que hum espirito insensato , e vagabundo , que pretende animar o corpo de hum cadaver ,
por-

porque com effeito tambem ha desejos cadaverosos , e estes são os que intumescem de esperar , e que ainda quando a fortuna os satisfaz , ficam como embarçados , sem ficarem satisfeitos á maneira daquelle , a quem o raio tocou sem offender , mas que sempre fica estupefacto , e temeroso a qualquer ruido , ou estrondo leve.

Porém não ha regra certa nos grãos de desejo , e de esperança , porque alguns ha , que esperão , e desejão com tão firme , e constante vehemencia , que ainda quando estão morrendo , estão esperando , e desejando , parece lhes , que morrem , se não esperão ; sustentaão o desejo como prova de que vivem felices ; naturezas , que por aquelle modo vão enganando o tempo , sem que o tempo os desengane ; ao menos enchem de vida todo o tempo , que vão vivendo , porque não terão della parte alguma , pelo modo de viver , e quem conserva as paixões humanas em quanto vive , parece , que vive mais , do que quem as larga muito antes de morrer ; outros ha , que não são
tão

taõ desejosos , nem taõ espectati-
vos , por isso naõ resistem , e largaõ
facilmente os affectos do desejo , e
da esperança , a esta porque os afflige,
e áquella porque os perturba ; os im-
passientes nem sabem desejar , nem es-
perar pela fortuna ; por isso raramen-
te a achão ; porque a fortuna sempre
exige paciencia , e esta he muitas ve-
zes o preço porque se vende , e o
mais certo merecimento porque se
dá , e com razão , porque a pacien-
cia , naõ só he virtude humana , mas
favor celeste , ella vence mais sem
fazer nada , do que outros muitos
meios , fazendo muito ; a sua inacção
tem mais poder , do que a acção da-
quelles meios , que parecem ser mais
poderosos , e he hum remedio uni-
versal , que aproveita para tudo sem
a nada fazer mal , só tem de menos
boa a paciencia o ser huma virtude
humilde , e feita só para soffrer , á ma-
neira da peña de hum engenho , de que
todo o exercicio consiste em andar
rasteira , e abattida : porém nisso mes-
mo consiste tambem o artificio : por-
que a maquina do engenho naõ se
mo-

move em quanto a pella humilde a não faz mover. A paciencia, ou o soffrimento suppoem desprezo, e este sempre he duro; sendo que não ha desprezo, que moleste, quando a paciencia he grande, e o soffrimento humilde muralha impenetravel aos ataques do desprezo. Além disto não ha cousa, que cause nojo, a quem tem a fortuna por objecto; porque a fortuna sempre foi considerada como a bella dama, de quem os mais austeros rigores são favores declarados, e por elles deve passar o amante, que pretende ser bem succedido.

Com tudo eu nunca me enamorei tão cegamente da fortuna, por isso nunca a tive, nem espero ter: sempre olhei para a fortuna como para humas tantas cousas, que sendo admiraveis por si mesmas, admiram-se por costume, e tambem por costume já se não admiraõ; fazemos caso dellas por opiniaõ; e mais pelo caso, que vemos, que os outros fazem, que por aquelle, que nós mesmos quereiamos fazer; estimamollas pela estimaçaõ dos outros.

naõ

naõ pela nossa ; e nisto seguimos o exemplo seguido, o respeito he hum dos attributos da fortuna , e talvez , que seja o principal , porque a fortuna se deseja tanto ; mas quanto a mim achara eu , que aquelle attributo importuno , e vaõ mais mortifica , do que lisongea , porque as mais das vezes o respeito he como a moeda , que aceitando-se por boa , intrinseca , e verdadeiramente he falsa , ou tambem como os rogos , que se fazem no perigo da tormenta , o retrato do milagre costuma ser a primeira de todas as promessas ; porẽm passada a tormenta , e o perigo , já não lembra o milagre , nem o seu retrato : o respeito , que a fortuna tem he respeito de interesse , não de amor ; e he como obrigação violenta , não livre ; ou como vontade involuntaria , não arbitraria ; que pouco vale hum respeito semelhante , e que pouca estimação merece ! Hum tal respeito dirige-se ao lugar , não á pessoa ; á fortuna , e não ao afortunado : he obzequio injurioso , e caviloso , pois que com fingido sobf-
cri.

cripto caminha indirectamente , he hum ataque falso , que se faz em hum parte , para em outra se fazer o verdadeiro ; o incenso , que não he puro , mais escandeliza , do que agrada , porque tendo só de incenso o fumo , não tem a suavidade , falta-lhe a fragancia , que deleita , e sobra-lhe a exalação , que offende.

De nada são os homens tão avaros , que de hum respeito sincero , e verdadeiro , e de nada são mais liberaes , que de hum respeito simulado , e dependente , o formulario de hum , e outro respeito he o mesmo , e tambem he a mesma cerimonia , ou ritual apparente , e manifesto de cada hum delles ; porém não he a mesma a intenção , ou dedicação , de quem se mostra respeitoso , porque a verdade só está no interior , e o engano no frontespicio , a devocação não está no joelho , que se dobra , mas no coração , que se não vê dobrar ; a genuflexão só serve de signal , e todo o signal assenta em materia supposta , que pôde ser , ou não ser , assim como se suppoem ; mas que importa ,
a for-

a fortuna costuma ser tão pouco melindrosa, que daquelles signaes se paga, e com elles se contenta por mais, que os reconheça suspeitosos; conhece a adulação sofisticada do respeito, mas nem por isso o despreza, porque he como mercadoria, que se aceita com todas as avarias, ou como fazenda de contrabando, que não tem prohibição para usar-se della; a fortuna tem aquella urbanidade, recebe sem exame o que lhe dão, e basta-lhe, que o respeito tenha a figura disso; ainda que não tenha nada mais, basta-lhe, que a estatua tenha a forma racional, ainda que em si não seja mais do que hum marmore pulido, se bem, que ha muitas cousas, em que a substancia esteja nos accidentes, e a existencia na mesma falta de existir.

Eu não quizera hum respeito semelhante, porque amo a verdade em tudo, naquillo em que a verdade se dispensa; nenhum fingimento pôde agradar-me nunca, nem tive arte para fingir; mostro-me como sou, e que ainda os meus mesmos pensa-
men-

mentos se estão deixando ver pela interposta, e mal serrada cortina do meu semblante, por isso tudo quanto digo he o mesmo, que tudo quanto penso; de sorte, que para mim não reservo nada, como se em mim não houvesse parte que não fosse parte exterior, visível, e conhecida, propondo para huma estupidez no excesso da verdade, e tudo o que não he excessivamente verdadeiro, faz-me repugnancia natural, como alguma cousa, que fizesse arrepiar-me, causando-me cocega insuportavel, e assim sou vicioso no excesso da verdade, assim como outros o são no excesso da mentira; isto não he, nem nunca foi virtude, he temperamento porque a verdade opera em mim como por hum acto necessario, por compleição, e não por consciência, por genio, e não por escrupulo, e com effeito amo a verdade, porque o meu conceito me representa mais bella, do que tudo quanto ha, e mais appetecivel do que tudo quanto se appetite; talvez que haja algum achaque, que faça hum sujeito verdadeiro.

deiro, assim como pôde haver também, para fazello mentiroso, se o he, ficarei crendo, que sou verdadeiro por achaque; alguma enfermidade havia de haver, que sendo util em si mesma, o mal só estaria em sarar della: não sei se a verdade pôde vir por desordem da natureza, o que sei sem paradoxo he, que ha temperamentos verdadeiros, e outros mentirosos; nestes a mentira não he tão culpavel, naquelles a verdade não he tão louvavel, porque tudo o que se faz por indole nativa he menos estimavel do que aquillo, que se faz unicamente por virtude, e esta parece, que recebe o seu lustre mais pomposo da opposição, que contra, e que vence; porque donde não ha proprio vencimento, também não ha virtude propria, e a victoria sem combate só mostra a fraqueza do vencido, não a fortaleza do vencedor.

Daqui vem, que nenhum respeito dos que a fortuna communmente concilia, acharia em mim grande agasalho, se o caso em mim se achasse,

se,

se , que tudo havia parecer-me hum
laço subtil , e lisongeiro , fabricado
para prender a minha simplicidade ,
e captar a minha benevolencia ; e
nesta desconfiança tal vez menos bem
fundada seria eu como a ave caute-
losa , e timida , que sempre está de
sentinella contra as incidiarias artes
do caçador astuto , e vigilante ; e
assim naquelle mesmo caso , e sup-
posição o pretendente , que me res-
peitasse menos , seria a quem eu at-
tendesse mais , o cortezaõ raigado ,
e consummado da sciencia dos poli-
ticos agrados , e versado na pratica
de respeitos estudados , menos pro-
picio me acharia , do que o rustico,
grosseiro , e imbecil ; deste a imbeci-
lidade verdadeira havia de preoc-
cupar-me mais do que o outro ; o
ar dobrado profundamente reveren-
te , e cheio de festejo ; de sorte ,
que para mim seria necessario tomar
diverso expediente , e seguir methodo
diverso.

A minha attenção sempre se vol-
ta para a verdade , como se esta fos-
se hum instrumento , que tivesse for-

ça necessaria para voltar-me; porque a verdade me move como se fosse hum artificio natural, feito para mover-me, e quando a busco he com amorosa indagação, e se consigo achalla, fico com o mesmo contentamento daquelle, que achou o amor perdido; e nesta forma todos os respeitos, que a fortuna dá não são capazes de attrahir o meu desejo, porque se a mim se derigissem, eu os creia fabulosos, assim como os creio verdadeiros, quando a outrem se derigem; e em qualquer estado, que a fortuna me puzesse, nunca poderia eu persuadir-me, que com razão merecia algum respeito verdadeiro; e todo aquelle, que a mim se encaminhasse, eu o julgaria respeito mercenario, e por isso mesmo sem valor; antes quero a verdade, que me magoa, do que aquella, que me lizongea, para esta tenho incredulidade, e entendo ser composta de lizonja; da outra fasso mais conceito, porque tudo, o que escandaliza cura.

Na situação particular, em que me

me acho , se alguém me busca , entendendo firmemente , que não he por amor de mim , mas por causa de alguma cousa minha ; logo considero , e digo , que me querera , ou que interelle lhe ensinou a minha porta , e o meu nome ; nesta consideração remeto a visita para a dependencia , que he a quem se fez ; e eu ou não estou em casa , ou estou doente : por este modo fasso-me invisivel , de sorte , que quem me puzer a vista ha de ter habilidade ; e se alguém tem commigo algum negocio , deve ter o trabalho de se explicar por letra ; porque de cara a cara não he facil , salvo se topar commigo de improvizo ; e nesse caso , quem o paga , he quem deixou a porta aberta , ou a vidraça por fechar ; por este modo me livro de cumprimentos aborreciveis , de amizades perigosas , de novelistas mentirosos , e de importunos maldizentes. Bem vejo , que seguindo este modo de viver , estou no mundo sem saber do mundo nada ; porém isso mesmo he o que eu quero , e tão regularmente , que

nem quero saber o que tenho para jantar, se não depois da meza posta; a minha curiosidade só tem por objecto a natureza, o mundo não, esse cuidado toca a quem o fez, ou o governa; na mim só me compete o ver o meu termometro para saber se faz mais, ou menos frio, que no dia antecedente; costumava eu ter as Gazetas de Londres, e Amsterdaão, porém já me desfiz disso, porque achei ser fatuidade o querer saber noticias daquelles, que as não querem saber de mim; e assim já me não importaão as façanhas de El-Rei de Prussia; essas devem importar ao seu Panegyrista, não a mim, que lhe não hei-de escrever a vida. O saber successos militares, pertence privativamente á gente desse officio, porque a elles toca a arte de desbastar os homens, como a mim póde tocar-me a arte de desbastar as couves no canteiro da minha orta. Agora pasmo de mim mesmo quando considero, que sem necessidade alguma, affentei praça de Engenheiro voluntario no ultimo sitio de

Gi-

Gibraltar, de donde tirei as indeleveis certidoens, que ainda conservo authenticadas em fórma scatrizante; durou pouco o sitio, por isso ficou eu durando, ha humas sciencias, em que a melhor sciencia he não saber nada dellas, deste genero são as sciencias militares, para quem não he militar; actualmente devo á laudossissima memoria do Senhor Rei Dom João o V. o querer servir-se da minha pouca intelligencia, mandando-me passar Patente de Tenente Coronel do Regimento do Cais, cuja graça não teve effeito porque a paz sobreveio felizmente, e antes que começasse a guerra; hoje já não posso sustentar na mão a espada, e o mais, que posso fazer, he o sustentar-me a mim, lembra-me o que disse Ovidio:

Turpe miles senex, turpe senilis amor.

E nesta fórma não ha para mim mais mundo, do que a casa, em que habito, e as minhas quatro paredes são para mim as quatro partes do mundo conhecido, vivo como no
er-

ermo, porque vivo só os meus li-
vros me acompanhaõ fielmente, só
delles me não aparto; elles foraõ os
meus mestres, e o estaõ sendo ain-
da, porém para que aprendo eu,
se o tempo me está dizendo que te-
nho pouco tempo para aprender, e
menos para gozar! Bem sei que a
minha idade não he muito adianta-
da, porém eu quero adiantar o des-
engano, para que não feja a idade o
que por força me desengane; sem-
pre gostei muito da cantiga quando
disse, *quero deichar o mundo antes
que o mundo me deixe*, quero antici-
par-me já, para não estranhar depois
que costumar-me, porque a licção
não se estuda na mesma hora, em
que se dá, quem começa a sentir
com antecedência, sente menos
quando chega a occasião do sentimen-
to; este quando está cansado fica a
modo de dormente, e sem activida-
de para atormentar, ouço menos
atormenta menos, porque não só
na paciencia se faz callos, mas tam-
bém na dôr, o mal, que se padefce
pôr vontade não afflige tanto, e fica
sen-

sendo mal, que não assusta, porque o mal habituado, passa em natureza, e perde muita parte do seu rigor, e aspereza, daqui vem, que o familiarizar com qualquer fatalidade, he segredo certo, para a fazer menos fatal, he como a fera domesticada, em que se encontra já menos fereza: o instrumento usado he mais facil, e mais leve de mover; aquelle, que ainda he novo não trabalha sem resistencia; e assim as incomodidades, que a velhice traz consigo, eu as vou applicando em mim, e desta sorte quando vierem, já achão feita a obra, que vem fazer; encontraõ-se consigo mesmas, e o mais que haõ de fazer, he deixar-me no estado, em que me acharão; poderaõ accrescentar alguma cousa mais; porém tudo não, e ainda para o mesmo accrescentamento já me vou armando, e preparando; estou-me exercitando em peleja fingida, para entrar mais destro na peleja verdadeira; isto vem a ser repercutir o damno pelo mesmo damno premeditado; enfraquecer o assalto pelo mesmo assalto.

salto prevenido; e adormecer o mal, pelo mesmo mal despertado antes.

Sendo aquella a minha philosophia, bem se deixa ver, que a fortuna para mim já não he materia de importancia; só cuido em ir vivendo mansamente, e sem ruido, como quem vai escorregando lentamente, e não como quem vai andando atrevidamente; os meus passos não vão para diante, o mais, que espero delles he, que se sustenão no lugar, em que se achão; não tenho mais objecto, que a mim mesmo; e a mim mesmo como sou, e não como poderia ser; porque não sendo nada, ainda poderia ser menos do que sou: em tudo a diminuição he mais facil, do que o augmento, porque tudo diminue naturalmente, e cresce com mais difficuldade, e com effeito não vejo cousa alguma, em que haja de crescer; e ainda vejo alguma cousa, em que diminue. Pela bondade de Deos, tenho saude, e tenho hum decente patrimonio; para viver decentemente em cada hum destes pontos principaes, póde

fuc-

succeder notavel decadência, crescimento não, e assim contento-me com a minha situação vulgar, e julgo-me feliz, em conservar-me nella, como aquelle, que se crê ditoso quando o affalto da podagra não he forte, porque o padecer menos he fortuna respectivamente a quem padecer mais, nem podemos negar absolutamente, que tambem ha fortuna nos grãos de padecer. *v sup . l. 2. c. 1.*

Naõ duvido, que se hum fortuna mais brilhante me buscasse, eu a recebesse alegremente, mas não sem sobresalto pelo descostume, e tal vez, que entendesse ser como visita da saude quando busca o enfermo; que está para espirar; se bem, que não receio, que a fortuna possa achar-me, porque vivo tão escondido, que até me escondo de mim mesmo, e se furtivamente alguem me vê, he na figura de quem fôje, e não de quem apparece; semelhante á corça temerosa, que até da sua sombra vai fugindo; isto vem, de que já me não agrada o commercio commum dos homens;
naõ

naõ acho na sociedade aquelle gosto, que os poucos annos me inspiravaõ ; e ainda, que naõ estou no meio da velhice, com tudo já tenho entrado em seus limites ; passei a fronteira da mocidade, e de tudo a perdi de vista ; neste estado a fortuna naõ tem graça, porque já nos acha sem verdura, a folha ceca, sempre he triste, e por si mesma se desfaz. A fortuna, que vem cedo, parece, que vem unir-se a nós, e fazer comnosco hum mesmo corpo ; a que vem mais tarde, fica sendo cousa estranha, separavel, e distincta ; he adorno superficial, emprestado por pouco tempo.

Muitos animos ha que tem valor, para esperarem muito, a mim qualquer cousa me desmaia, e custa-me mais do esperar pela fortuna, do que não esperar por ella ; esperem aquelles a quem o merecimento alenta ; porém eu, em que hei de fundar as minhas esperanças, que razão tenho eu para animar-me ; e se tenho alguma, he só porque conheço, que nenhuma tenho ; e por isso qual-

qualquer fortuna, que eu tivesse, seria fortuna de piedade, não de justiça, seria fortuna de esmola; para tudo sou inutil, ainda para a mesma inutilidade, sombrio, sem melancolia, e taciturno; por natureza este he o meu retrato, he parecido, e verdadeiro; porque he feito pelo mesmo original; e assim, que fortuna ha de ser esta, que enimmim pôde assentar bem, e salvo se for alguma fortuna sem tino, ou desvariada, porém fortuna bem ajuzada não. A fortuna não quer quem desconfia, e eu sempre fui desconfiado; mas sempre assim fui por humildade, e por orgulho nunca; presumido nunca fui, porque nunca achei em mim fundamento justo para a minha presumpção, para o meu abatimento sim, só tenho de bom a certeza, que nullo ha bom, e oler facilmente costumavel, como se fosse materia disposta para o bem, e para o mal; neste não me desespera; aquelle acha em mim conforimidade, não me entopeça a perna grande; nem o grande bem me transporta, e os meus sentidos sempre guar-

guardaõ o uniforme, e estaõ indifferentes, assim para o disgosto, como para a felicidade; considero, que estes dous extremos foraõ feitos igualmente para o homem; daqui rezulta; que amo a vida sem amor, e sem odio aborreço a morte; porque sei, que huma, e outra cousa foraõ feitas para mim, e para todos, humanaõ he mais natural, do que a outra he, e ambas se haõ de verificar infallivelmente, a duvida naõ está no successo, mas na hora, em que ha de succeder.

De que serve pois a fortuna humana de fazer a vida excessivamente amavel! Oh! que infauisto amor, e que infauista felicidade! Pois toda me leva, e arrebatã para hum bem, que ha de deixar-me; e a quem eu tambem hei de deixar; naõ he melhor ser desgraçado, do que feliz; com aquellã condiçaõ; de que serve huma ventura taõ veloz, em que nem hum instante só, tenho certeza de a ter segura; e em que quando a abro, apertadamente, e com mais fineza, ella entaõ me desampara,

ra , deixando illudidos os meus braços , e enganados os meus olhos: Quem ha , que não conheça , que he delirio sem desculpa o fazer estimação de hum sombra errante , e fugitiva , de hum alito , que no ar se fórma , e no ar desapparece , de humma luz sempre tremula , e sempre vacilante , de humma exalação inconstante , e vaga? E se vim ao mundo , para ser precisamente louco , seja de humma loucura minha , e não de todos; direi para mostrar-me delirante , que as ondas do mar nunca se movem , que posso esconder no seio hum fogo ardente , e que sei suspender do amor o ardor violento.

Naõ quero pois buscar a fortuna humana , e fiz bem de a não haver buscado , quero estar livre para acabar com liberdade; não quero que as delicias da vida me sirvaõ de augmentar as amarguras da morte ; esta quando chegar ha de achar-me prompto sem ter fortuna de que despedirme ; não hei de olhar para a ventura com os olhos de saudade , porque não tenho ventura , de que me apart-

te ,

te, nem felicidade de que o apartar-me me enteneça; as lagrimas não hão de ser pelo que deixo, antes hei de rir-me do pouco, que tenho para deixar. Não hei de ter pena, de que a minha fortuna acabe, basta, que a tenha de acabar eu, hei de imaginar, e ver, que já tem fim a minha vida, mas não hei de sentir, que tenhaõ fim as fortunas minhas; estas não hão de estimular a minha dôr, nem aggravar o meu sentimento. A morte não ha de tirar de mim se não a vida, a pompa, o fausto, e a grandeza não ha de tirar-me, porque nada disso tenho, são alfaías usadas para outros, para mim nem novas são, e assim não hei de ter a magoa, de que a morte as despedace, nem fassa com ellas o lugubre apparato do seu triumpho; a parda roupa, que me cobre, a barraca humilde, que me alberga, o campo verde, que me alimenta, o bosque solitario, que me diverte; estes hão de ser os únicos despojos, de que a morte ha de privar-me; despojos pobres, e que só servem para injuria da victoria;

ou-

outros, que merecerão os obsequios da fortuna haõ de ver as exequias dessa mesma fortuna merecida; e ainda cercados daquelles resplandores, de que a fortuna se reveste; e ainda rodeados do luzido enleio, de que a ventura se acompanha, haõ de ver, que por instantes a luz se apaga, se extingue, se desvaneça, e em hum labirinto de conceitos differentes haõ de sentir menos o golpe, que ha de acabar a vida, do que aquelle, que ha de ferir descarregado na fortuna; entaõ corrido o véo do desengano, este ha de mostrar em hum momento, que a fortuna naõ he mais, do que hum encanto enganador, hum sonho mentiroso, huma apparencia vaidosa. Eu, porém, a quem a morte ha de achar sem aquellas circumstancias, naõ tenho nada, que deixar, nem tenho cousa alguma, em que me seja custoso o desapego, antes na morte hei de ganhar, o que na vida estou perdendo, porque das ratoens, que tenho para sentir a morte ha de vir a resgatar-me, por isso hei de largar sem susto a scena, e o theatro.

Por-

Por esta forma tenho respondido, ao que v. m. me ensina da fortuna; já vê o caso que fasso della, e a razão, que tenho para o não fazer. Fico a obediencia de v. m. que Deos guarde muitos annos.

Amigo e menor criado de v. m.

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

Todas as palavras que se acharem nesta Carta em que venhaõ os nomes de *fortuna*, *ventura*, e *outras algumas*, que pareçaõ contrarias ao uso, ceremonias, e costumes da nossa Santa Religiaõ, não são postas aqui com outro fim, mais do que por ornato de eloquencia, e para fazer huma fraze mais levantada; e em nada quer o Author que se tomem como verdadeiras Divindades no errado sentido em que as tomaõ, e costumaõ usar dellas os *Fatalistas*, mas sim conforme ao uso de huma saõ Theologia; que tudo submete como verdadeiro catholico ás determinaçoes da Santa Madre Igreja.

CATALOGO.

Dos Livros impressos á custa de Francisco Rolland, Impressor Livreiro em Lisboa, na esquina da rua do Norte.

ARTE Poetica de Horacio, traduzida, e illustrada por Candido Lusitano. Segunda edição correcta, emendada, e augmentada das Regras da Versificação Portuguesa, in 8. 1 vol. Lisboa, 1778.

Arte de Prêgar, segundo o Espirito do Evangelho, com hum discurso preliminar sobre a Eloquencia, in 8. 1 vol. Ibid. 1777.

Imitação de Christo, escrita pelo Veneravel Thomás de Kempis, nova edição correcta, e emendada por hum Religioso Arrabido, e adornada com bellissimas figuras abertas ao buril, in 12. 1 vol. Ibid. 1777.

Regras da Versificação Portuguesa. in. 8. Lisboa, 1777.

Secretario Portuguez, ou modo de escrever cartas de todas as especies &c., por Francisco Jozé Freire. Nova edição correcta, emendada, e augmentada de cartas sobre o commercio &c., in 8. 1 vol. Ibid. 1777.

Fabulas de Esopo, traduzidas da lingua Grega, com applicaçoes Moraes a cada Fabula, por Manoel Mendes da Vidigueira, nova edição correcta, e emendada, in 8. Lisboa, 1778.

Espirito do Christianismo, traduzido do Francez, in 8. 1 vol. Ibid. 1773.

Diccionario da Biblia, traduzido do Francez,

obra utilissima para a intelligencia do velho, e novo Testamento, e para a historia da Igreja, in 8. Ibid. 1766.

Theſouro de Pregadores, dividido em varios Sermoens universaes, onde se tiraõ Sermoens particulares &c., por Frei Antonio de Pauda e Bellas, in 8. 2 vol. Ibid. 1776.

— O tomo segundo se vende separadamente.

Livros de sortimento, e que se achão em grande numero na loja do mesmo.

A Pontamentos para a educaçãõ de hum Menino Nobre, por Martinho de Mendonça de Pina, in 8. Porto, 1768.

Arte Rethorica para o uso da Mocidade Portuguesa, por Joãõ Rozado de Villalobos, in 8. Evora, 1773.

Aviso ao Povo sobre a sua faude, por Tissot, segunda, ediçãõ correctã, e emendada, in 8. 2 vol. Lisboa, 1778.

Curso de Cirurgia de M. de Col de Vilars, traduzido do Francez, in 4. 3 vol. Ibid. 1774.
He a melhor obra que tem apparecido sobre esta materia.

Catecismo de Montpellier, in 4. 5 vol. Porto, 1765.

Compendio do mesmo, para o uso dos Meninos, in 8. Ibid. 1766.

Compendio da historia do antigo e novo Testamento com as razoes com que se prova a verdade da nossa Religiaõ, traduzido do Francez para instrucçãõ da mocidade Portuguesa, in 8. Lisboa, 1772.

Col

- Collectaneo Farmaceutico**, por Antonio Martins
Sodré, in 8. Porto, 1768.
- Compendio Doutrinal**, traduzido em Portuguez,
por mandado do Senhor D. Jozé, Arce-
bispo de Braga, in 12. Porto, 1766.
- Discurso sobre a historia universal**, para expli-
car a continuação da Religião, e as mu-
danças dos Imperios, por Bossuet, in 8. 4
vol. Lisboa, 1772.
- Diccionario Francez, e Portuguez**, nova edi-
ção augmentada, in 4. Ibid. 1777.
- Discurso sobre a inutilidade dos Esponsaes dos**
filhos celebrados sem consentimento dos
Pais, por Bart. Coelho Nevez Rebello, in
8. Ibid. 1773.
- Ensaio sobre o homem**, Poema philosophico de
Pope, traduzido do Inglez, por Antonio
Teixeira, in 12. Ibid. 1769.
- Farmacopea Dogmatica, Medico-Chymica, e**
Theoretico-Practica, obra composta sobre
as melhores Farmacopeas pelo Boticario de
Santo Thyrso, in fol. 2 vol. Porto, 1772.
- Farmacopea Bateana**, augmentada com os se-
gredos Goddardianos, in 4. Pomplona, 1763.
- Farmacopea Portuense**, in 8. 1 vpl.
- Historia Sagrada do velho e novo Testamento**
com exemplos e doutrinas dos Santos Pa-
dres para reformação dos costumes em to-
dos os estados e pessoas, nova edição, in
8. 2 vol. 1776.
- Historia das Orações de Ciceró**, com notas
e huma noticia das leis Romanas, traduzi-
da do Francez, in 8. Lisboa, 1773.
- Historia de Carlos XII. Rei de Suecia**, es-
crita em Francez por Voltaire, e traduzi-
da em Portuguez, in 8. 2 vol. Ibid. 1772.

Instrucção sobre a Logica, ou Dialogos sobre a Filosofia racional, por Manoel Alvares Queirós, Professor Regio de Filosofia, in 8. Porto, 1768.

Manual Chistão, escrito em Francez, por Bosfuet, e traduzido em Portuguez, in 12. Lisboa, 1776.

Manual da Missa, boa edição adornada com figuras abertas ao buril, in 8. 1774.

Megara, Tragedia por Pedegache e Quita, in 8. Ibid. 1767.

Particule Latine Orationis ex criticis observationibus Variorum Auctorum de integro collecta a Joaquim Josepho Costio Sadio, Profess. Reg. cum indice locutionum tum latinarum tum lusitanarum, ad usum studentium, in 8. Olisipone, 1776.

Observações (novas) sobre os diferentes methodos de Prêgar, traduzidas em Portuguez, in 8. Lisboa, 1765. *Obra indispensavel para os que se empregão no ministerio do Pulpito.*

Rimas de João Xavier de Mattos, in 8, 2 vol. 1777.

Sermoens do Padre Frei João Franco, in 4. 12 vol. Ibid. 1760. *Esta obra contem 360. sermoens, e Panegyricos sobre todas as festividades do anno &c.*

Taboadas de Reducção com amplas explicações na lingua Portugueza, por Joaquim Hypolito de Mattos, in 8. Londres, 1764.

Tratado do principaes fundamentos da Dança, ou regras para bem andar, faudar, e fazer todas as cortezas que convem em as assembleas, onde o uso do mundo a todos chania, in 8. Coimbra, 1767.

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres , por
Frei Luiz de Souza, in 8. 2 vol. Lisboa,
1760. *Esta edição he preferida a de Paris,
por ser impressa conforme o original de Frei
Luiz de Sousa, &c.*

As obras seguintes estão-se imprimindo.

- C**ostumes dos Israelitas por Fleury , tradu-
zidos em Portuguez , in 8.
Livro dos Meninos em que se dão as ideas ge-
raes e definições das cousas que os Me-
ninos devem saber, in 8.
Orações escolhidas de Cicero , traduzidas em
Portuguez , in 8.
Avisos e Reflexões sobre o que deve obrar
hum Religioso para satisfazer ao seu estado,
in 8. 3 vol.
Elementos da historia geral antiga e moderna
pelo Abbade Millot , traduzida do Francez,
in 8. 9 vol.
Obras de Quiza, segunda edição augmentada,
in 8. 2 vol.
Historia de Theodosio o Grande por Fle-
chier , traduzida em Portuguez , in 8.

69-817

R.B. Rosenthal

5/14/69

The following is a list of the names of the persons who have been named in the above mentioned case, in the order in which they were named, and in the order in which they were named in the original of said case.

1. The first named person is the person who is named in the original of said case.

2. The second named person is the person who is named in the original of said case.

3. The third named person is the person who is named in the original of said case.

4. The fourth named person is the person who is named in the original of said case.

5. The fifth named person is the person who is named in the original of said case.

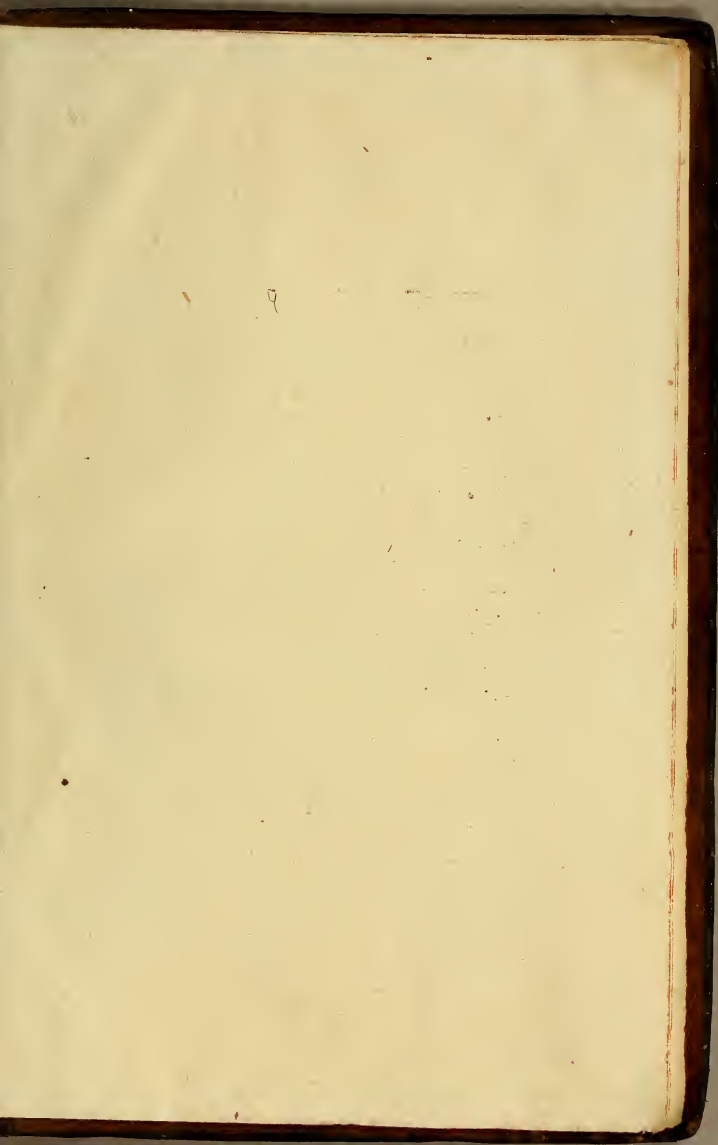
6. The sixth named person is the person who is named in the original of said case.

7. The seventh named person is the person who is named in the original of said case.

8. The eighth named person is the person who is named in the original of said case.

9. The ninth named person is the person who is named in the original of said case.

10. The tenth named person is the person who is named in the original of said case.





CA 778

A 298r

